

# iscte

INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

A Cidade como Espaço de Mediação: O Barreiro Religado

Duarte Manuel Onofre Reis

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadora:

Doutora Alexandra Cláudia Rebelo Paio, Professora Auxiliar  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

Novembro, 2021



Departamento de Arquitectura e Urbanismo

A Cidade como Espaço de Mediação: O Barreiro Religado

Duarte Manuel Onofre Reis

Mestrado Integrado em Arquitectura

Orientadora:

Doutora Alexandra Cláudia Rebelo Paio, Professora Auxiliar  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

Novembro, 2021



Laboratório de Ensaio de Metodologias de Intervenção  
na Cidade Existente  
**A Cidade como Espaço de Mediação: O Barreiro Religado**  
Duarte Manuel Onofre Reis  
Novembro de 2021

iscte INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

**Lab**

**TUR** ARQ - E3  
2020/2021

Laboratório de Ensaio de Metodologias  
de Intervenção na Cidade Existente

Mestrado Integrado em Arquitetura  
Projeto Final de Arquitetura, 5º ano

# O BARREIRO RELIGADO | A CIDADE COMO ESPAÇO DE MEDIAÇÃO

DUARTE MANUEL ONOFRE REIS | 73187 | ISCTE-IUL | PROF. ALEXANDRA PAIO





*Aos meus pais,*





“An architect does not create a city, only an accumulation of objects. It is the inhabitant who ‘invents’ the city; an uninhabited city, even if new, is only a ‘ruin’.”

– FRIEDMAN Yona, Pro Domo, 2006.



# AGRADECIMENTOS

Aos meus pais João e Eugénia por todo o apoio que e deram ao longo da minha vida. Aos meus eternos amigos de longa data António Figueira, Daniela Rodrigues, Rodrigo Santos e Tiago Pereira, pelos momentos de descontração, de diversão, e pelas noitadas. Um obrigado pelo apoio, pelos bons e memoráveis momentos, pela amizade e camaradagem aos gigantes que conheci nesta viagem académica, Rita Faria, Rana Shehabi, João Jardim, Margarida Bessa, Myriam El-Ouartassi, e à Barbara Bravo, com a qual, adicionalmente, tive o prazer de trabalhar neste ano de final de curso. Por fim, um agradecimento à minha professora e orientadora Alexandra Paio que desde a licenciatura nos despertou para novas formas humanizadas de pensar a arquitetura e para o papel do arquiteto na sociedade, ao Arq. Moisés Rosa pelo acompanhamento do trabalho e visão local sobre o território de intervenção, e a todas as entidades que colaboraram na execução deste projeto, como a Alternativa Braamcamp, a Associação Barreiro Património Memória e Futuro, a ADAO, a MOLA, e o Atelier RISCO, entre outras.



## RESUMO

O Projeto Final de Arquitetura (PFA) que se apresenta está inserido no *LabTUR-Laboratório de Ensaio de Metodologias de Intervenção na Cidade Existente* que teve como campo de investigação-ação a cidade do Barreiro. O projeto analisa e desenha uma proposta para a Quinta do Braamcamp sob o conceito de observatório, na sua forma alargada, de modo a criar um espaço versátil e capaz de ativar o território devoluto onde se insere, reforçando, assim, a ligação do Braamcamp/Alburrica com a cidade do Barreiro e o Vale do Coima. O objetivo central é fortalecer a identidade do território através de uma proposta *bottom-up* que reflete o papel dos processos participativos e urbanismo tático definidos para obter uma visão da população e instituições locais. O projeto arquitetónico é suportado por um enquadramento teórico referente a conceitos como: Modularidade, ruína, espaço público, e mediação, mencionados nos textos de reflexão de Jan Gehl, Sou Fujimoto, Yona Friedman, Aldo Van Eyck e Giovanni Battista Piranesi.

Palavras chave: Modular; Espaço Público; Barreiro; *In-Between Spaces*; Ruína



# ABSTRACT

The presented project is included in the LabTUR- Laboratory of experimentation of intervention methodologies in the existing city, which had the city of Barreiro (Portugal) as a field of research and action. The project analyses and draws forth an architectural proposal for the Quinta Braamcamp territory under the broad concept of observatory in its extended definition, as a means to create a versatile space capable of activating the ruined territory in which it stands, thus reinforcing the connection of Braamcamp/Alburrica with the city of Barreiro and Vale do Coina. The main objective is to strengthen the identity of the territory through the use of a bottom-up proposal which reflects the role of participatory processes and tactical urbanism defined to obtain a local point of view from the perspective of the local population and institutions. The Architectural project is supported by a theoretical groundwork referring to concepts such as modularity, ruin, public space, and mediation, where authors such as Jan Gehl, Sou Fujimoto, Yona Friedman, Aldo Van Eyck, and Piranesi are essential references to the process.

keywords: Modular; Public Space; Barreiro; *In-Between Spaces*; Ruin

# ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 Cartazes elaborados no contexto LabTur20.....	1
Figura 2 palestras e momentos de divulgação do LabTUR.....	2
Figura 3. Fundamentação teórica - autores. Disponível em : <a href="https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Henri_Lefebvre_1971.jpg">https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Henri_Lefebvre_1971.jpg</a> , <a href="https://www.resite.org/speakers/jan-gehl">https://www.resite.org/speakers/jan-gehl</a> , <a href="https://goric.com/designer-profile-aldo-van-eyck-playground-every-neighborhood/">https://goric.com/designer-profile-aldo-van-eyck-playground-every-neighborhood/</a> , <a href="https://alias.design/en-us/designers/sou-fujimoto">https://alias.design/en-us/designers/sou-fujimoto</a> , (consultado a 12/11/2021) .....	3
Figura 4. Artigo e Entrevista.....	4
Figura 5 Manifesto da estratégia de intervenção no território de Alburrica/Braaancamp.....	5
Figura 6 LEFEBVRE Henri - O Direito à Cidade (Disponível em: <a href="https://www.amazon.com.br/Direito-%C3%A0-Cidade-Henry-Lefebvre/dp/8588208970">https://www.amazon.com.br/Direito-%C3%A0-Cidade-Henry-Lefebvre/dp/8588208970</a> ).....	11
Figura 7 The Naked City Disponível em: <a href="https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.176/5458">https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.176/5458</a> )New e Babylon-Antwerpen (Disponível em: <a href="https://stichtingconstant.nl/work/new-babylon-antwerpen">https://stichtingconstant.nl/work/new-babylon-antwerpen</a> , (consultado a 15/11/2021).....	12
Figura 8 Mata da Machada, Barreiro. Disponível em: <a href="https://www.cm-barreiro.pt/thumbs/cmbarreiro/uploads/image/file/24/18_1_750_2500.jpg">https://www.cm-barreiro.pt/thumbs/cmbarreiro/uploads/image/file/24/18_1_750_2500.jpg</a> , (consultado a 15/11/2021) .....	13
Figura 9 "something happens because something happens" GEHL Jan - Life Between Buildings, Island Press, p74, 2011 .....	14
Figura 10 "To assemble or disperse" GEHL Jan - Cities for People, island press, p233, 2010 .....	15
Figura 11 Orfanato de Aldo Van Eyck. Disponível em <a href="https://www.archiweb.cz/en/b/mestsky-sirotcinec-ijsbaanpad-burgerweeshuis-ijsbaanpad">https://www.archiweb.cz/en/b/mestsky-sirotcinec-ijsbaanpad-burgerweeshuis-ijsbaanpad</a> (consultado a 16/11/2021) .....	15
Figura 12 Procissão em Honra de Nª Srª do Rosário. Disponível em <a href="https://www.distrionline.pt/procissao-em-honra-de-na-sra-do-rosario-levou-ontem-milhares-de-pessoas-as-ruas-do-barreiro/">https://www.distrionline.pt/procissao-em-honra-de-na-sra-do-rosario-levou-ontem-milhares-de-pessoas-as-ruas-do-barreiro/</a> (consultado a 16/11/2021) .....	17
Figura 13 PIATKOWSKA Ksenia Katarzyna, "Economy and architecture. The role of architecture in process of building the economic potential of space" Disponível em; <a href="https://iranarze.ir/wp-content/uploads/2017/05/6863-English-IranArze.pdf">https://iranarze.ir/wp-content/uploads/2017/05/6863-English-IranArze.pdf</a> (consultado a (16/11/2021).....	18
Figura 14 KLINGMANN, Anna – Brandscapes. Disponível em <a href="https://mitpress.mit.edu/books/brandscapes">https://mitpress.mit.edu/books/brandscapes</a> (consultado a 16/11/2021) .....	19
Figura 15 SERRA INAN Fatma – In-Between Spaces: The Metu Faculty of Architecture Building Complex. Disponível em <a href="https://etd.lib.metu.edu.tr/upload/12623525/index.pdf">https://etd.lib.metu.edu.tr/upload/12623525/index.pdf</a> ((consultado a 17/11/2021).....	20
Figura 16 BUBER, Martin - I and Thou. Disponível em <a href="https://www.simonandschuster.com/books/I-And-Thou/Martin-Buber/9780684717258">https://www.simonandschuster.com/books/I-And-Thou/Martin-Buber/9780684717258</a> (consultado a 17/11/2021).....	20
Figura 17 Ponto de contacto da Braamcamp/Alburrica com o restante Barreiro .....	21
Figura 18 Espaço edificado em ruínas e a identidade natural da península .....	22
Figura 19 SANOFF Henry - Community Participation Methods in Design and Planning. Disponível em <a href="https://www.fnac.pt/mp4446302/Community-Participation-Methods-in-Design-and-Planning-Hardback-1999">https://www.fnac.pt/mp4446302/Community-Participation-Methods-in-Design-and-Planning-Hardback-1999</a> , (consultado a 18/11/2021) .....	23
Figura 20 Diagrama base da teoria.....	24
Figura 21 Moinho de vento e caldeira do moinho de maré.....	26
Figura 22 Análise SWOT.....	26
Figura 23 Tabela com valores do INE ligados à produção artística: Galerias de arte e espaços de exposição, espectadores, e receitas de espetáculos ao vivo. Disponível em <a href="https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&amp;xpgid=ine_unid_territorial&amp;menuBOUI=1%E2%80%A6">https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&amp;xpgid=ine_unid_territorial&amp;menuBOUI=1%E2%80%A6</a> (consultado a 24/11/2021).....	27
Figura 24 Disponível em: <a href="https://www.adao2830.org/a-adao/">https://www.adao2830.org/a-adao/</a> (consultado a 19/11/2021) .....	27
Figura 25 Timeline da teoria e da história da Braamcamp/Alburrica. Disponível em maior dimensão no Anexo D ....	28
Figura 26 Montagem conceptual 1 .....	29
Figura 27 Montagem conceptual 2 .....	29
Figura 28 Percurso da Memória   Percurso da Água   Percurso da Via Sacra   Percurso das Aves   Percurso das Artes .....	30



Figura 29 Metodologia Participativa.....	31
Figura 30 Metodologia Participativa.....	31
Figura 31 Metodologia Participativa.....	32
Figura 32 Metodologia Participativa.....	33
Figura 33 Montagem Conceptual para workshop "Faz-Desfaz-Refaz.....	34
Figura 34 Montagem Conceptual para workshop "Faz-Desfaz-Refaz.....	35
Figura 35 Montagem Conceptual para workshop "Faz-Desfaz-Refaz.....	35
Figura 36 Disponível em <a href="https://divisare-res.cloudinary.com/images/c_limit,f_auto,h_2000,q_auto,w_3000/v1520005149/ydmfira1vxfbxnnttkyt/sou-fujimoto-architects-coldefy-courthouse-of-lille.jpg">https://divisare-res.cloudinary.com/images/c_limit,f_auto,h_2000,q_auto,w_3000/v1520005149/ydmfira1vxfbxnnttkyt/sou-fujimoto-architects-coldefy-courthouse-of-lille.jpg</a> (consultado a 20/11/2021) .....	36
Figura 37 Disponível em <a href="https://divisare-res.cloudinary.com/images/c_limit,f_auto,h_2000,q_auto,w_3000/v1520005329/qmsagrmqphac9owzmla2/sou-fujimoto-architects-coldefy-courthouse-of-lille.jpg">https://divisare-res.cloudinary.com/images/c_limit,f_auto,h_2000,q_auto,w_3000/v1520005329/qmsagrmqphac9owzmla2/sou-fujimoto-architects-coldefy-courthouse-of-lille.jpg</a> (consultado a 20/11/2021) .....	37
Figura 38 Diagrama de estudo.....	38
Figura 39 Diagrama de estudo.....	38
Figura 40 Disponível em <a href="https://pt.parisinfo.com/destino-paris/areas-verdes">https://pt.parisinfo.com/destino-paris/areas-verdes</a> (consultado a 20/11/2021) .....	39
Figura 41 Disponível em <a href="https://omrania.com/inspiration/parc-de-la-villette-launched-new-era-urban-park-design/">https://omrania.com/inspiration/parc-de-la-villette-launched-new-era-urban-park-design/</a> (consultado a 20/11/2021) .....	39
Figura 42 Disponível em <a href="https://socks-studio.com/img/blog/foles-lavillette-03.jpg">https://socks-studio.com/img/blog/foles-lavillette-03.jpg</a> (consultado a 20/11/2021) .....	40
Figura 43 Ville Spatiale – disponível em <a href="https://www.3ammagazine.com/3am/cities-in-the-sky-re-evaluating-yona-friedman/yona-friedman-ville-spatiale/">https://www.3ammagazine.com/3am/cities-in-the-sky-re-evaluating-yona-friedman/yona-friedman-ville-spatiale/</a> (consultado a 20/11/2021).....	41
Figura 44 Museu sem Portas- Pro Domo disponível em <a href="http://www.yonafriedman.nl/">http://www.yonafriedman.nl/</a> (consultado a 20/11/2021) .	41
Figura 45 Disponível em <a href="https://bndigital.bn.gov.br/wp-content/uploads/2014/10/icon67439_81.jpg">https://bndigital.bn.gov.br/wp-content/uploads/2014/10/icon67439_81.jpg</a> (consultado a 20/11/2021).....	42
Figura 46 Disponível em <a href="https://i.gr-assets.com/images/S/compressed.photo.goodreads.com/books/1394327701/1528677.jpg">https://i.gr-assets.com/images/S/compressed.photo.goodreads.com/books/1394327701/1528677.jpg</a> (consultado a 20/11/2021).....	43
Figura 47 Disponível em <a href="https://culturezvous.com/wp-content/uploads/2021/04/desert-de-retz.jpg">https://culturezvous.com/wp-content/uploads/2021/04/desert-de-retz.jpg</a> (consultado a 20/11/2021).....	44
Figura 48 Disponível em <a href="http://www.museumachadocastro.gov.pt/Data/ContentImages/Museomania/dia%20de%20hoje/foto2.jpg">http://www.museumachadocastro.gov.pt/Data/ContentImages/Museomania/dia%20de%20hoje/foto2.jpg</a> (consultado a 20/11/2021) .....	44
Figura 49 Diagrama Teórico.....	45
Figura 50 Relatividade - M.C.Escher. Disponível em <a href="https://mcescher.com/gallery/impossible-constructions">https://mcescher.com/gallery/impossible-constructions</a> (consultado a 20/11/2021.....	46
Figura 51 Moinho Grande.....	48
Figura 52 Moinho da Braamcamp.....	48
Figura 53 Igreja N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> do Rosário.....	49
Figura 54 Manifesto.....	50
Figura 55 Rede de Observatório.....	51
Figura 56 Mapa de Usos .....	51
Figura 57 Mapa dos Caminhos.....	53
Figura 58 Visão geral para o território.....	54
Figura 59 Focos de Intervenção.....	55
Figura 60 Moinho de maré em ruínas .....	57
Figura 61 Palacete em ruínas.....	57
Figura 62 Planta de localização do levantamento .....	58
Figura 63 Levantamento dos alçados da Igreja .....	59
Figura 64 Levantamento dos alçados dos moinhos Pequeno, Grande, Do Cabo, E moinhos de vento (Nascente/poente e Jlm/Gigante). Da esquerda para a direita. ....	59
Figura 65 Levantamento do moinho da Braamcamp.....	59
Figura 66 Levantamento dos alçados originais e atuais da Quinta do Braamcamp: Poente, Sul, e Norte (da esquerda para a direita) .....	59
Figura 67 Enquadramento norte (topografia arborizada) .....	60
Figura 68 Anfiteatro Natural.....	60

<i>Figura 69 Montagem conceptual da Quinta Braamcamp</i> .....	61
<i>Figura 70 Estrutura versátil na Quinta Braamcamp</i> .....	61
<i>Figura 71 Intervenção na Quinta Braamcamp</i> .....	62
<i>Figura 72 Intervenção na Quinta Braamcamp</i> .....	63
<i>Figura 73 Esquema vivências, programa, ambientes, e sensações)</i> .....	64
<i>Figura 74 Esquema In-Between Spaces</i> .....	65
<i>Figura 75 Esquema In-Between Spaces</i> .....	65
<i>Figura 76 Tipologias modulares e dinâmicas observador/objeto</i> .....	66
<i>Figura 77 Ocupação modular das ruínas</i> .....	67
<i>Figura 78 Ocupação modular das ruínas (planta superior e inferior)</i> .....	68
<i>Figura 79 Ocupação modular das ruínas (núcleo central e observatório de aves)</i> .....	69
<i>Figura 80 Caracterização módulos/Caminhos. (Textura caminho das artes: KUPKA, Frantisek- Quadro Mme Kupka dans les verticales)</i> , .....	70
<i>Figura 81 Relação módulos/ Alçado Sul</i> .....	71
<i>Figura 82 Vista geral das ruínas com módulos</i> .....	72
<i>Figura 83 Espaço de Permanência</i> .....	72
<i>Figura 84 Módulos de observação das aves</i> .....	73
<i>Figura 85 Módulos de exposição</i> .....	74
<i>Figura 86 Planta geral da intervenção</i> .....	75
<i>Figura 87 Planta geral da intervenção</i> .....	76
<i>Figura 88 Corte transversal</i> .....	77



# ÍNDICE DE ABREVIATURAS

ODS- Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável

UN- Nações Unidas

LabTur- Laboratório de Tecnopolíticas para a Regeneração Urbana





# CONTEÚDO

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>iii</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>v</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>vii</b>
<b>ÍNDICE DE FIGURAS</b> .....	<b>viii</b>
<b>ÍNDICE DE ABREVIATURAS</b> .....	<b>xii</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
TEMA .....	3
OBJECTIVOS.....	4
METODOLOGIA .....	5
ESTRUTURA .....	7
<b>CAPÍTULO 1: ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b> .....	<b>9</b>
1.1 SOCIEDADE, PATRIMÓNIO E IDENTIDADE .....	9
1.2 ECONOMIA, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO LOCAL .....	18
1.3 <i>IN-BETWEEN SPACES</i> E PROCESSOS <i>BOTTOM UP</i> .....	20
<b>CAPÍTULO 2: ENSAIO METODOLÓGICO</b> .....	<b>25</b>
2.3 CASOS DE ESTUDO .....	36
2.2 ENTRE FRIEDMAN E PIRANESI: PENSAMENTO MODULAR E O VALOR DA RUÍNA .....	42
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>47</b>
3.1 LOCALIZAÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO .....	47
3.2 VISÃO GERAL PARA O SISTEMA BRAAMCAMP/ALBURRICA (FASE DE GRUPO) .....	49
3.3 A QUINTA DO BRAAMCAMP .....	56
3.3.1 PROJETO NA QUINTA DO BRAMMCAMP (FASE INDIVIDUAL) .....	58
3.3.2 SOLUÇÃO MODULAR.....	64
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>79</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>83</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>87</b>
ANEXO A: PAINEL DO PROJECTO.....	88
ANEXO B: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA).....	90
ANEXO C: DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO .....	98
ANEXO D: TIMELINES .....	99
ANEXO E: IMAGENS 3D .....	102





# INTRODUÇÃO | LabTUR - LABORATÓRIO DE ENSAIO DE METODOLOGIAS DE INTERVENÇÃO NA CIDADE EXISTENTE

O projeto final de arquitetura partiu dos desafios e oportunidades lançadas pelo 'LabTUR-Laboratório de Ensaio de Metodologias de Intervenção na Cidade Existente' sobre a temática da regeneração urbana<sup>1</sup> e tecnopolíticas<sup>2</sup>. Bem como, o papel dos processos participativos no desenho arquitetónico de soluções mais sustentáveis, em consonância com as diretrizes nos ODS<sup>3</sup>, NewEuropean Bauhaus<sup>4</sup>, entre outros.

O objetivo central é ensaiar soluções arquitetónicas e urbanísticas diretamente com a população local a partir de processos de colaborativos, e assim, informar o desenho arquitetónico. Os tópicos em estudo foram abordados, inicialmente, na conferência internacional e escola de verão *TUR20 Technopolitics in Urban Regeneration*,<sup>5</sup> centrada no projeto e participação, e na ideia da criação de um futuro inclusivo comum e sustentável (Figura 1).

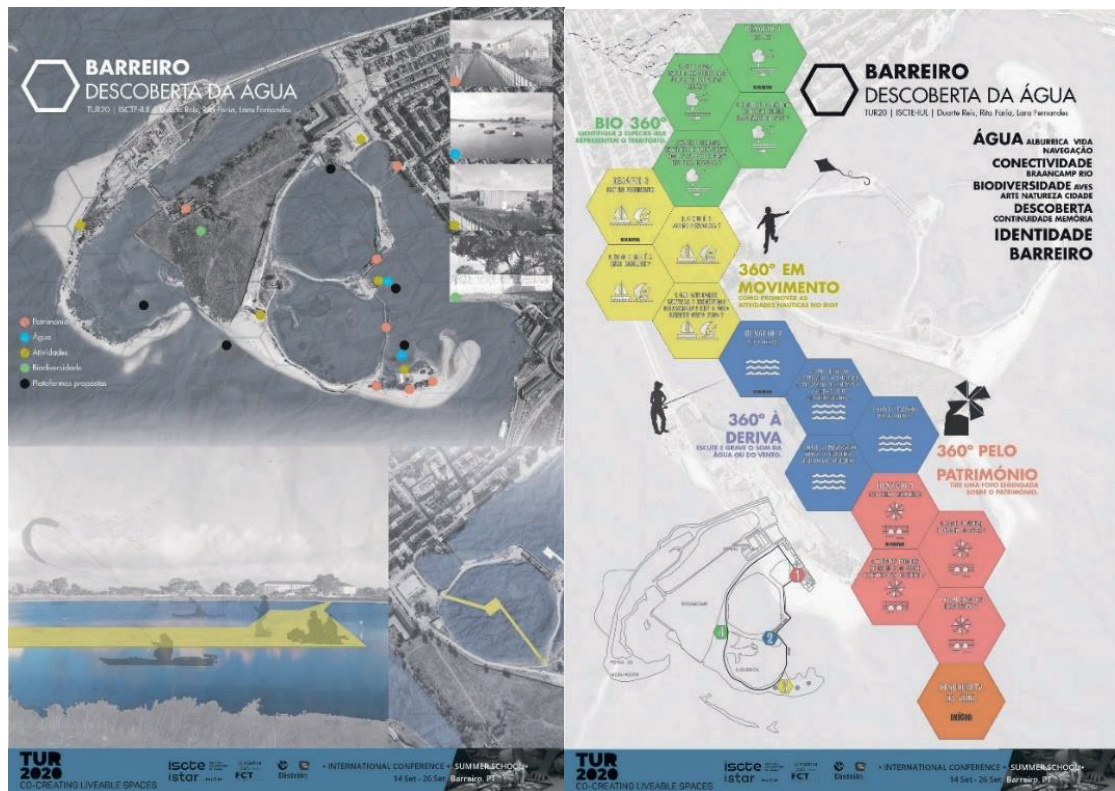


Figura 1 Cartazes elaborados no contexto LabTur20

<sup>1</sup> Disponível em <https://urbact.eu/urban-regeneration-mix> (consultado a 12/11/2021)

<sup>2</sup> Disponível em <https://www.technopolitics.info/> (consultado a 12/11/2021)

<sup>3</sup> Disponível em <https://www.ods.pt/> (consultado a 12/11/2021)

<sup>4</sup> Disponível em [https://europa.eu/new-european-bauhaus/index\\_pt](https://europa.eu/new-european-bauhaus/index_pt) (consultado a 12/11/2021)

<sup>5</sup> Disponível em <https://turcocreating.weebly.com/> (consultado a 09/11/2021)



Figura 2 palestras e momentos de divulgação do LabTUR

## TEMA

O projeto tem como tema principal a “Cidade como Espaço de Mediação”, focando-se particularmente nas zonas da Alburrica e Braamcamp, no Barreiro. A investigação propõe abrir caminhos para a leitura da realidade urbana e patrimonial, com influência das realidades social, económica, geográfica dos territórios referidos, assim como a sua articulação com determinados pontos-chave das políticas públicas nacionais e europeias para o desenvolvimento sustentável. Para tal, foi necessário visitar as teorias e obras de autores como Henri Lefebvre (1968)<sup>6</sup>, do direito à cidade, do lugar de consumo e consumo de lugar; Jan Gehl (1987)<sup>7</sup>, a ideia de que os eventos de um território se influenciam mutuamente; Aldo van Eyck (1960)<sup>8</sup> e Sou Fujimoto (2014)<sup>9</sup>, reflexões sobre o *In-Between*. (Figura 3). O trabalho baseou-se, também, na leitura do artigo do jornal Rostos “«Barreiro 2830» é uma invenção de marketing – I”<sup>10</sup>, e de uma entrevista ao Arquiteto Nuno Lourenço do Atelier Risco (Ver Anexo B) (Figura 4).

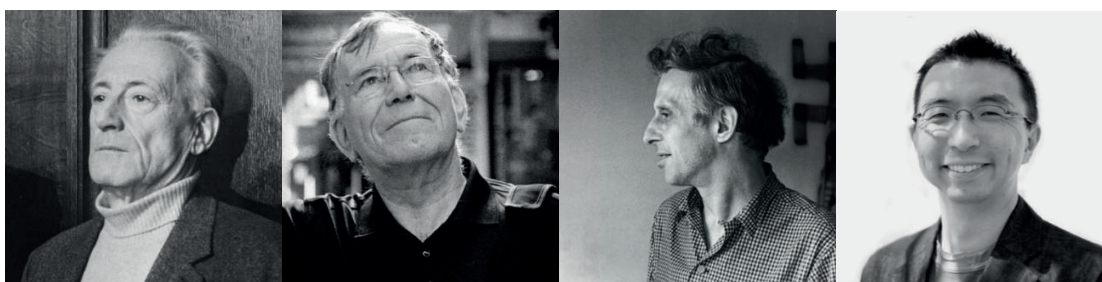


Figura 3. Fundamentação teórica - autores. Disponível em : [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Henri\\_Lefebvre\\_1971.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Henri_Lefebvre_1971.jpg), <https://www.resite.org/speakers/jan-gehl/>, <https://goric.com/designer-profile-aldo-van-eyck-playground-every-neighborhood/>, <https://alias.design/en-us/designers/sou-fujimoto/>, (consultado a 12/11/2021)

<sup>6</sup> LEFEBVRE, Henri - O Direto à Cidade, Livraria Letra Livre, 2012 (publicado pela primeira vez em 1968).

<sup>7</sup> GEHL, Jan - Vida entre Edifícios, Tigre de Papel, 2017 (publicado pela primeira vez em 1987).

<sup>8</sup> VAN EYCK, Aldo - Collected Articles and Other Writings, 1960.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://architectureau.com/articles/sou-fujimoto-the-spaces-in-between/> (consultado a 15/11/2021).

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.rostos.pt/inicio2.asp?cronica=1004344> (consultado a 15/11/2021).



# RISCO

Av. do Brasil, 56 - 2º  
1700 - 073 Lisboa . Portugal

T +351 213 610 420  
F +351 213 610 422  
E [risco@risco.org](mailto:risco@risco.org)

Figura 4. Artigo e Entrevista

## OBJECTIVOS

Os objetivos do trabalho teórico e da proposta arquitetónica passam por:

- Criar uma base teórica capaz de estabelecer conceitos geradores de projeto;
- Definir um manifesto tendo em conta os ODS da UN, nomeadamente os ODS 8, 11, 15, e 14 (trabalho digno e crescimento económico, cidades e comunidades sustentáveis, proteger a vida marinha, e proteger a vida terrestre, respetivamente) (Figura 5);
- Religar a Península da Quinta do Braamcamp e Alburrica à cidade do Barreiro através do uso e de uma lógica de percurso;
- Ouvir os agentes locais e perceber as suas visões sobre o território;
- Projetar uma solução arquitetónica que reflita os pontos anteriores;
- Apresentar um projeto de regeneração urbana para a Quinta do Braamcamp.

## MANIFESTO



### ECONÓMICO

criação de valor económico  
simbiose entre público e privado  
lugar de uso e uso de lugar  
crescimento sustentável

### PATRIMONIAL

aumento do valor patrimonial  
local de permanência  
património ambiental  
reactivar actividades  
relação entre o espaço e a população

### SOCIAL

interação social  
o lugar e o não lugar: lugar das memórias  
"um lugar da cidade"  
complementariedade e diversidade  
articulação dos agentes locais

Figura 5 Manifesto da estratégia de intervenção no território de Alburrica/Braamcamp

## METODOLOGIA

A metodologia do LabTUR inclui 4 fases: Escola de verão TUR'20, fase empírica (livro + artigo de Jornal + Entrevista), fase Descritiva, (linha do tempo, + casos de estudo, + estratégia de intervenção) e fase explicativa (projeto + novo conhecimento).

Na fase empírica foi analisado o livro “ O Direito á Cidade” de Henri Lefebvre na ótica do lugar de consumo e do consumo do lugar e o artigo “Barreiro 2830» é uma invenção de marketing – I”<sup>11</sup>. No artigo, António Sousa Pereira (2020) defende que *“Reduzir o concelho do Barreiro ao número 2830 é retirar-lhe a sua história e memória. É desconstruir a sua coesão social. É desconstruir um território e recriá-lo num vazão de emoções. É uma cidade números, que pensa números, que vive números”*.

Independentemente das razões que a Câmara Municipal do Barreiro (CMB) possa ter para a nomenclatura desta iniciativa, é evidente que um título que pretende caracterizar culturalmente o Barreiro como um código postal, facilmente agita as opiniões da população local, na sua conotação puramente territorial e administrativa. No artigo é possível notar um flagrante descontentamento com uma alegada despreocupação por parte da CMB com preservar e fomentar identidade cultural e que descarta múltiplas vertentes daquilo que o autor considera ser a identidade Barreirense (liberdade, resiliência, transformação...) e o próprio Barreiro (Barreiro do rio, da Mata da Machada, das pessoas, da história...). Tendo em conta estes

incorpore no seu desenho respostas às inquietações da população, criando espaços de mediação entre estes “Barreiros”, criando articulação do novo como o preexistente, das necessidades económicas com a identidade local.

Ainda na fase empírica foi efetuada uma entrevista ao Arquiteto Nuno Lourenço, autor do ‘Plano de Urbanização da Quimiparque’<sup>12</sup> cujo objetivo foi compreender as premissas projetuais do Atelier RISCO (ver Anexo B), que apesar de não ter abrangido a zona da Alburrica e Braamcamp no seu projeto, trabalhou o território do Barreiro numa lógica integral. Neste sentido, as questões colocadas foram:

Q1: Quais os pontos-chave da estrutura ecológica do Barreiro?

Q2: De que modo o tecido urbano preexistente do barreiro pode incorporar a estrutura ecológica?

Q:3: Como articular um novo projeto urbano com uma zona consolidada?

As respostas a estas questões estão disponíveis na transcrição da entrevista no anexo B.

---

<sup>11</sup>Disponível em: <https://www.rostos.pt/inicio2.asp?cronica=1004344> (consultado a 14/11/2021)

Na fase descritiva foi elaborada uma linha do tempo (mapeamento cronológico) referente à teoria base do trabalho e aos acontecimentos notáveis do território da Alburrica/Braaancamp (ver anexo D), bem como uma análise aos casos de estudo. Toda a informação recolhida e analisada foi essencial para a definição da estratégia de intervenção no Barreiro, em particular no território da Alburrica/Braaancamp.

A fase explicativa passa pela descrição da estratégia de projeto e pelas considerações finais.

---

<sup>12</sup> Disponível em: [https://www.risco.org/projects/quimiparque\\_36](https://www.risco.org/projects/quimiparque_36) (consultado a 14/11/2021)

## **ESTRUTURA**

O trabalho está estruturado em três capítulos focados no quadro teórico, no ensaio metodológico, e no projeto.

O Capítulo 1, o enquadramento teórico, começa com uma visão geral da teoria em relação à sociedade, património e identidade, e termina com uma visão sobre economia, identidade, e desenvolvimento local: Este é o capítulo dedicado à base teórica.

No Capítulo 2 existe uma pequena contextualização sobre o território do Barreiro, e são abordadas as metodologias de intervenção que informaram o desenho do projeto.

No último capítulo, o Capítulo 3, surge a descrição da intervenção de grupo na Alburrica/Braamcamp, e do projeto individual na Quinta do Braamcamp. A fechar o corpo principal do trabalho, surgem as conclusões finais e por fim os anexos.





# CAPÍTULO 1: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

## 1.1 SOCIEDADE, PATRIMÓNIO E IDENTIDADE

Ainda que o foco principal do presente trabalho seja explorar a cidade como espaço de mediação, tem por objetivo final apresentar uma proposta desenhada de regeneração urbana de um território. Desta forma, torna-se necessário começar este capítulo com uma definição do conceito de regeneração urbana. De acordo com a UN habitat<sup>13</sup>, a regeneração urbana passa por uma série de diversas abordagens como a recuperação de instalações industriais e comerciais abandonadas, a densificação urbana e estratégias de intensificação, bem como a diversificação de atividades económicas e também a preservação e reutilização do património, reativação do espaço público, e fortalecimento da prestação de serviços.<sup>14</sup> No território em estudo, existem as ruínas abandonadas da quinta e do património moageiro ligadas à produção industrial de cortiça e à moagem de cereais, atividades fortemente ligadas à área económica e a necessitar de preservação, reativação, ou conversão.

O trabalho recorre às teorias do *In-Between* de Buber<sup>15</sup>, da Deriva Situacionista<sup>16</sup> e do consumo de lugar de Lefebvre<sup>17</sup>, aplicadas à arquitetura de Aldo van Eyck<sup>18</sup>, Jan Gehl<sup>19</sup>, e Sou Fujimoto. Neste cenário, é também de notar a relevância de Anna Klingmann<sup>20</sup> e do seu conceito de *Brandscapes*, que passa pela criação de uma “imagem de marca” a partir de um território e de uma identidade local. Só através da preservação e reforço da identidade do território se torna possível criar uma imagem de marca forte e única que facilite captação de valor económico do consumo do lugar.

Uma forma de estabelecer um ambiente propício à troca de ideias e ao encontro social passa por criar um ambiente propício à auto-preservação através do papel de lugar de consumo e consumo de lugar<sup>21</sup>, ou seja, a criação de espaços de mediação entre o público e o privado. A prática arquitetónica de Fujimoto<sup>22</sup> vem acrescentar que os espaços de mediação podem ser criados não apenas entre público e privado, mas também entre outros conceitos opostos.

Numa perspetiva diferente das anteriores, Francesco Careri<sup>23</sup> define o meio-lugar<sup>24</sup> como a apropriação ou uso de um lugar, ao invés de um lugar em si ou um não lugar. No seu livro *Walkscapes* (2014), aborda o caminhar como prática estética. Esta é relevante para este

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://unhabitat.org/urban-regeneration> (consultado a 15/11/2021).

<sup>14</sup> Disponível: <https://unhabitat.org/topic/urban-regeneration> (consultado a 15/11/21).

<sup>15</sup> BUBER, Martin - *I and Thou*, Edinburgh: T. & T. Clark, 1937, p81.

<sup>16</sup> BEBORD, Guy - *Teses sobre a Internacional Situacionista e o seu Tempo*, 1972

<sup>17</sup> LEFEBVRE, Henri - *O Direto à Cidade*, Livraria Letra Livre, 2012.

<sup>18</sup> VAN EYCK, Aldo - *Collected Articles and Other Writings*, 1960.

<sup>19</sup> GEHL, Jan - *Vida entre Edifícios*, Tigre de Papel, 2017.

<sup>20</sup> KLINGMANN, Anna - *Brandscapes*, MIT Press, 2007.

<sup>21</sup> LEFEBVRE, Henri - *O Direto à Cidade*, Livraria Letra Livre, 2012.

<sup>22</sup> Disponível em: <https://architectureau.com/articles/sou-fujimoto-the-spaces-in-between/> (consultado a 15/11/2021).

<sup>23</sup> CARERI, Francesco - *Walkscapes*, Gustavo Gili, 2014

<sup>24</sup> CARERI, Francesco - *Walkscapes*, Gustavo Gili, p10, 2014

trabalho teórico na medida em que pretendemos enquadrar um projeto num território marcado pela ideia de percurso.

Andar pode ser dissecado em diversos atos distintos tendo em conta a sua interação com o território. É possível andar ao longo de, andar até, andar sobre e sob, e andar através de, entre outras formas. Estas formas de caminhar possuem características diferentes também na experiência que proporcionam ao sujeito da ação e na forma como o território é lido pelos olhos de quem o percorre. Podemos pensar, por exemplo, que o ato de caminhar “ao longo de” oferece uma experiência maioritariamente cénica ou contemplativa em que o contacto com o objeto é principalmente feito através do olhar e o contacto físico é mais reduzido. Por outro lado, podemos pensar no “caminhar através de” como uma atividade que assume uma mudança de ambiente ou uma transição e que pode portanto ser conectora de espaços, onde o percurso pode conter espaços abertos e fechados, interiores ou exteriores, estreitos ou largos, lisos ou com textura, ruidosos ou silenciosos, quentes ou frios. “Caminhar ao longo de” é compatível com a ideia de um objeto que guia um determinado percurso, ou com a ideia de interdição, de que existe um objeto contornável mas fora de alcance por um determinado ângulo, um objeto segregado e, no limite, sacralizado. “Caminhar através de” é compatível com a ideia de imersão, de transgressão, de penetração, de descoberta, de um objeto que não se encontra à distancia mas sim em redor do sujeito, envolvendo-o.

No livro “Vida entre edifícios”, Gehl<sup>25</sup> aborda a experiência da viagem pedonal pela cidade, ao afirmar que uma rua com fachadas curtas e variadas permitem uma experiência mais agradável. Estas características multiplicam pontos de referência e permitem reduzir a distância aparente de um percurso, tornando-o mais variado e aprazível, feito à escala humana. Num território não construído como a Alburrica e Braamcamp, em que os poucos edifícios existentes possuem um grande espaçamento entre si (com exceção do núcleo central da quinta), criar uma sensação dinâmica como a descrita por Gehl torna-se um desafio, mas um desafio que pode ter a sua resposta nas características do caminhar presentes no parágrafo anterior: Através da criação e composição de diversos momentos marcados por diferentes formas de caminhar.

A fundamentação teórica do projeto de arquitetura tem início com a leitura do “Direito à Cidade, de Henri Lefebvre<sup>26</sup> (figura 6). Um dos conceitos abordados por Lefebvre é a dicotomia “valor de uso e valor de troca”<sup>27</sup> e os diversos usos da cidade. Lefebvre afirma que na cidade existem atividades como festas e celebrações que são “sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro”<sup>28</sup> Na verdade, as referidas atividades fazem parte de um mapa cultural específico a um território que se for devidamente trabalhado pode vir ser traduzido num ganho económico, único a determinada zona e que possa rivalizar com o mais direto e tradicional valor de troca, que tende a “destruir, ao subordina-las a si, a cidade e a realidade urbana, refúgios do valor de uso”. Isto leva-nos a outro conceito, o de “lugar de consumo e consumo de lugar”<sup>29</sup>.

---

<sup>25</sup> GEHL, Jan - Vida entre Edifícios, Tigre de Papel, 2017

<sup>26</sup> LEFEBVRE Henri - O Direito à Cidade, 1968

<sup>27</sup> LEFEBVRE Henri - O Direito à Cidade, p.12, 1968

<sup>28</sup> idem

<sup>29</sup> LEFEBVRE Henri - O Direito à Cidade, p.20, 1968

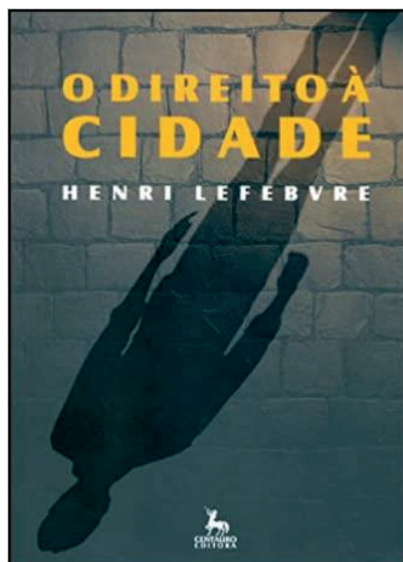


Figura 6 LEFEBVRE Henri - O Direito à Cidade (Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Direito-%C3%A0-Cidade-Henry-Lefebvre/dp/8588208970>)

Para além desta questão, Lefebvre (1968) aborda o lado simbólico da cidade presente em elementos como praças, a venidas, e vazios urbanos, símbolos da sociedade, do mundo, ou do estado. Existe, também, a dimensão paradigmática do interno e externo, centro e periferia, o urbano e o não-integrado, e ainda a parte sintagmática das isotopias e heterotopias e de elementos articuladores e de ligação.<sup>30</sup> Em relação à parte paradigmática é de notar que o autor estabelece conceitos opostos na sua enumeração, abrindo espaço neste trabalho para a criação de um *In-Between* entre estes conceitos. Segundo Sou Fujimoto<sup>31</sup>, o espaço que pode existir entre duas oposições binárias. A propósito da parte sintagmática, este trabalho foca-se nos elementos articuladores e de ligação. Juntando estas duas vertentes, podemos então olhar o papel de mediação da cidade como a mediação entre oposições binárias e a de mediação através de elementos articuladores e de ligação.

Ainda no “Direito à Cidade”, Lefebvre afirma que os arquitetos modernistas parecem ter dogmatizado um conjunto de significações que se manifestam em palavras como funcionalismo, formalismo, estruturalismo. Assim, estas significações não surgiram das significações de quem vive e habita a cidade e o território, mas a partir da interpretação dos arquitetos do ato de habitar.<sup>32</sup> Esta ideia suscita uma questão: Quais as significações que quem vive e habita a cidade tem sobre o território, e como traduzi-las em arquitetura? É para tentar responder a estas questões que surge a ideia de processos *bottom-up*, e participação pública<sup>33</sup>. Jane Jacobs (1961) “Na Morte e Vida de Grandes Cidades”<sup>34</sup> remete um ordenamento das cidades não baseado em sistemas centrais mas em interação entre os habitantes que vivem todos os dias o espaço

<sup>30</sup> LEFEBVRE Henri - O Direito à Cidade p70, 1968

<sup>31</sup>“ I like to find something in-between. Not only [between] nature and architecture, but also [between] inside and outside. Every kind of definition has an in-between space. Especially if the definitions are two opposites, then the in-between space is more rich.” – Sou Fujimoto. Disponível em: <https://architectureau.com/articles/sou-fujimoto-the-spaces-in-between/> (consultado a 15/11/2021)

<sup>32</sup> LEFEBVRE, Henri – O Direito à Cidade, Livraria Letra Livre, p111, 2012

<sup>33</sup>Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-31082018-160155/publico/DissCorrigidaJoseEduardoHamra.pdf> (Consultado a 15/11/2021)

<sup>34</sup> JACOBS, Jane – Morte e Vida das Grandes Cidades, WMF Martins Fontes, 2017

público. É neste sentido argumentativo que Steven Johnson<sup>35</sup> (2001) classifica os sistemas como *bottom-up* e defende que é no espaço público que ocorrem as trocas de informação abrangendo o maior número de atores da cidade.

Os Situacionistas<sup>36</sup> surgem precisamente com a questão das significações (Figura 7). Para Lefebvre um projeto da Nova Babilónia (1950), a chamada para uma arquitetura da situação que promovia a ideia da Arquitetura como transformadora da vida quotidiana e criadora de novas situações. Esta ideia estava presente texto situacionista “For an Architecture of Situation” (1953). A Arquitetura da Situação é uma arquitetura utópica que supõe uma nova sociedade. Segundo Lefebvre, a ideia de Constant Anton Nieuwenhuys<sup>37</sup> de que a sociedade precisa de ser transformada para não para continuar uma vida aborrecida e desprovida de eventos, mas para criar algo novo, as situações que iriam ligar partes da cidade que se encontram espacialmente separadas e atingir uma certa simultaneidade.<sup>38</sup> Tal como na prática dos Situacionistas, a proposta de projeto arquitetónico que se apresenta pretende ligar pontos do Barreiro desconectados entre eles e ligar a Alburrica/Braamcamp à cidade através de uma lógica arquitetónica comum, do uso, e da criação de percursos mediadores específicos. Só desta forma será possível integrar Alburrica/Braamcamp com outros pontos distantes, com características semelhantes, como por exemplo, ligar a mancha verde da zona de nidificação á zona verde da Mata da Machada (Figura 8).

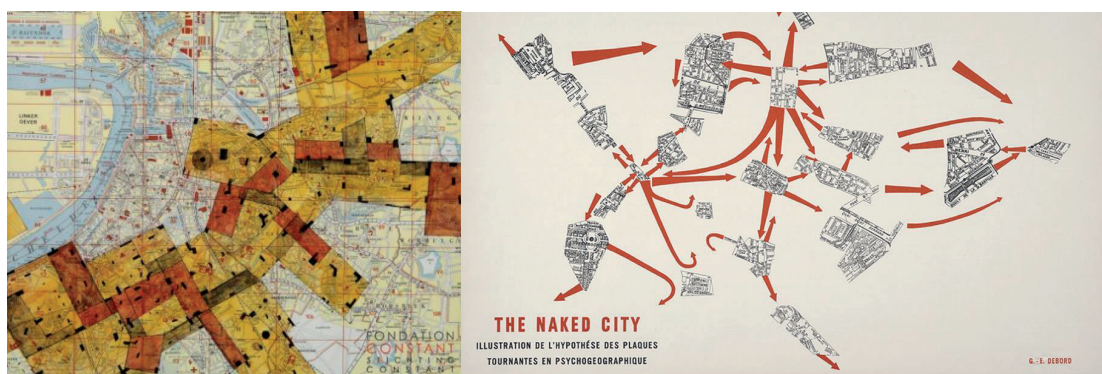


Figura 7 *The Naked City* Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.176/5458>) *New e Babylon-Antwerpen* (Disponível em: <https://stichtingconstant.nl/work/new-babylon-antwerpen>, (consultado a 15/11/2021)

<sup>35</sup> JOHNSON, Steve - *Emergence: The Connected Lives of Ants, Brains, Cities, and Software*, Disponível em: <https://www.goodreads.com/book/show/2296.Emergence> (Consultado a 15/11/2021)

<sup>36</sup> DEBORD, Guy - *A Sociedade do Espetáculo*, Antígona, 2021 e <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.035/696>, (Consultado a 15/11/2021)

<sup>37</sup> Disponível em: <https://www.moma.org/artists/1224>, (consultado a 15/11/2021)

<sup>38</sup> Lefebvre on the Situationists: An Interview - Kristin Ross and Henri Lefebvre, The MIT Press, 1997, disponível em: <https://www.jstor.org/stable/778839>, (consultado a 15/11/2021)



*Figura 8 Mata da Machada, Barreiro. Disponível em: [https://www.cm-barreiro.pt/thumbs/cmbarreiro/uploads/image/file/24/18\\_1\\_750\\_2500.jpg](https://www.cm-barreiro.pt/thumbs/cmbarreiro/uploads/image/file/24/18_1_750_2500.jpg), (consultado a 15/11/2021)*

Nesta ótica, será possível afirmar que um valor de uso dependente das qualidades (naturais ou não) de um lugar específico pode ser trabalhado de forma a criar um consumo de lugar que alimente e proteja um determinado lugar de consumo por depender deste inteiramente? Será possível aplicar esta estratégia a um território como a Braamcamp e a Alburrica? Um território expectante usado principalmente como espaço de passagem, não como espaço de uso permanente.

Esta hipótese levanta outra questão: De onde surge o valor de uso e de que forma o planeamento urbano e o edificado podem fomentar o uso e apropriação da cidade por parte de quem a habita? Ou seja, de que forma a cidade pode servir de espaço de mediação entre pessoas, ideias, bens, ambientes, e diversas outras atividades? Para haver mediação entre pessoas, é necessário que haja vida urbana. De acordo com Jan Gehl<sup>39</sup> (figura 9), a vida urbana entre os edifícios é um processo autorreforçante” na medida em que os eventos públicos facilmente se influenciam mutuamente (um mais um são três, pelo menos). O arquiteto sugere então algumas diretrizes morfológicas que podem permitir o contacto entre pessoas, tais como a ausência de barreiras, distâncias curtas, baixas velocidades, pisos únicos, e orientações concêntricas.<sup>40</sup>

Segundo Gehl, um aspeto fulcral na capacidade que um espaço público tem de atrair ou repelir pessoas está na forma como a fronteira entre o público e o privado é desenhada. É possível dizer que esta fronteira pode ser tratada como um espaço de intermediação entre o público e o privado. Esta conjectura permite relacionar estes espaços com a ideia de *in-between space*.<sup>41</sup>



Figura 9 "something happens because something happens" GEHL Jan - *Life Between Buildings*, Island Press, p74, 2011

<sup>39</sup> GEHL Jan - *Life Between Buildings*, Island Press, p74, 2011

<sup>40</sup> GEHL Jan - *Vida entre Edifícios*, Tigre de Papel, 2017

<sup>41</sup> Disponível em: <https://architectureau.com/articles/sou-fujimoto-the-spaces-in-between/> (consultado a 15/11/2021).

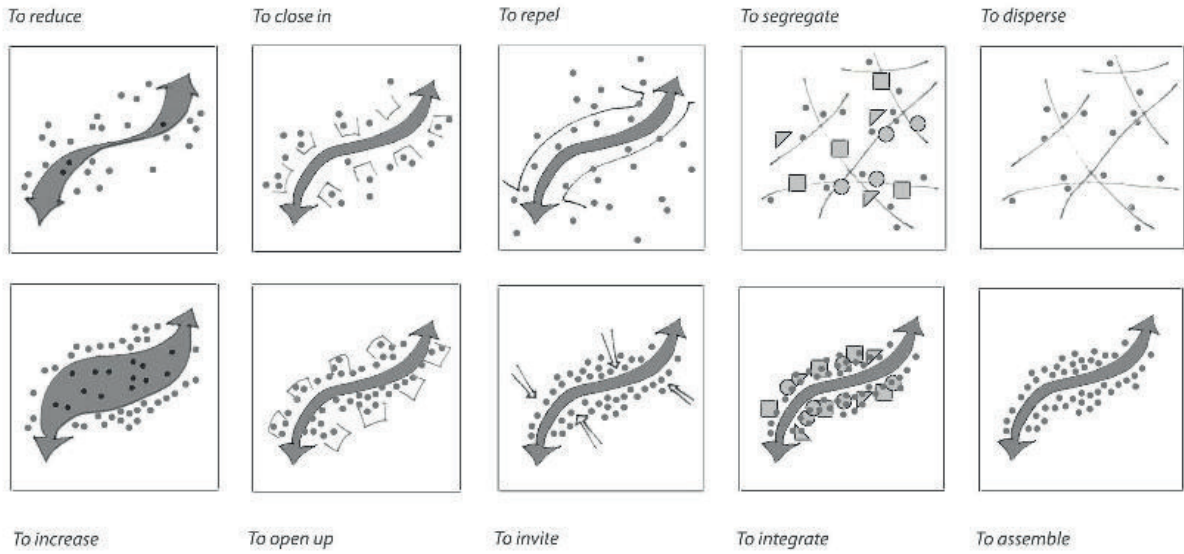


Figura 10 “To assemble or disperse” GEHL Jan - Cities for People, island press, p233, 2010

No mesmo sentido, Aldo Van Eyck<sup>42</sup> (Figura 11) também afirma que a função de um arquiteto é providenciar um *In-Between Space* por meio de construção<sup>43</sup> deste modo cria-se condições para a existência de uma dimensão que nasce do espaço entre as pessoas e que é apenas perceptível aos intervenientes. Cria-se espaço para a identidade comum.

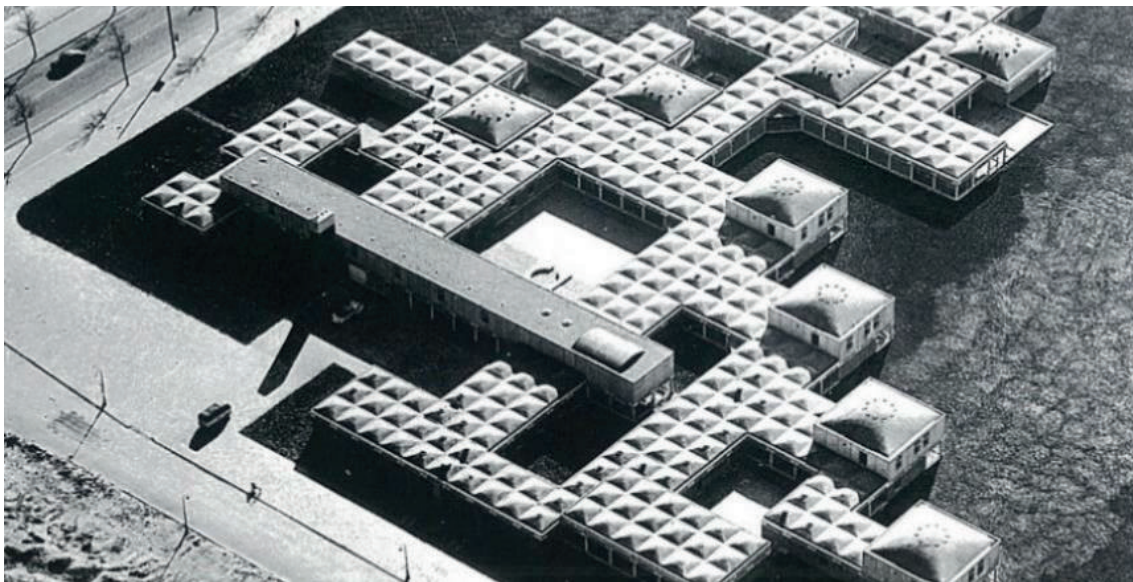


Figura 11 Orfanato de Aldo Van Eyck. Disponível em <https://www.archiweb.cz/en/b/mestsky-sirotcinec-ijsbaanpad-burgerweeshuis-ijsbaanpad> (consultado a 16/11/2021)

<sup>42</sup> Disponível em <http://vaneyckfoundation.nl/about/>, (consultado a 16/11/2021)

<sup>43</sup> VAN EYCK Aldo - The Child, the City, and the Artist, 1962/2008, p. 55

Onde, segundo o filósofo contemporâneo Byung Chul-Han<sup>44</sup> (figura 12), as atividades como procissões ou peregrinações, como movimentos repletos de semântica onde os acontecimentos, são experienciados, digeridos e concluídos. Trata-se, então, de certa forma, de atividades com a “desaceleração necessária para evitar a queda dentro do vazio.”<sup>45</sup>, uma necessidade numa sociedade da transparência em constante aceleração.

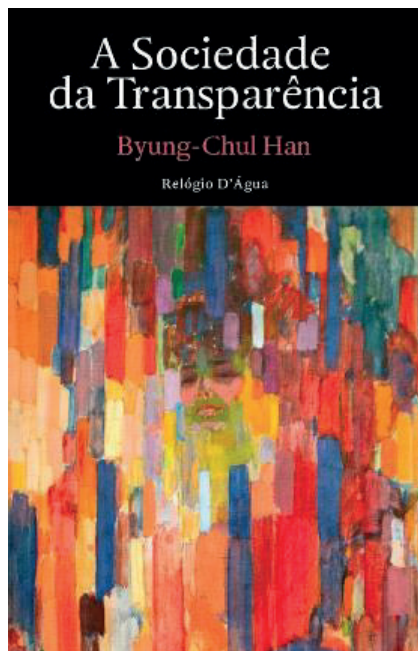


Figura 12 CHUL-HAN, Byung - Sociedade da transparência. Disponível em <https://relogiodagua.pt/wp-content/uploads/2016/03/9789896414634.png> (consultado a 16/11/2021)

No caso do Barreiro, a identificação da Via Sacra e da procissão em Honra de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> do Rosário (Figura12) acrescenta às qualidades referidas Chul-Han, o facto de ser um elemento articulador interino que faz a junção entre o Barreiro velho e a Alburrica, e ainda o seu papel como marco identitário e patrimonial (imaterial) da região. Desta forma, em simultâneo com a própria atividade religiosa em questão, também o território é experimentado de forma desacelerada através desta atividade. É-lhe atribuído uma semântica temporária, um novo véu de significado e um novo elemento identitário. Um espaço de ocupação efêmera torna-se um espaço de contemplação. A importância da ideia de percurso na atividade contemplativa/cerimonial e a sua relação com a arquitetura é evidente desde a construção do Pártenon em Atenas.

---

<sup>44</sup> Disponível em: <https://ourworld.unu.edu/en/contributors/byung-chul-han>, (consultado a 16/11/2021)

<sup>45</sup>CHUL-HAN, Byung - Sociedade da transparência, p. 78, Relógio D'Água 2014





Figura 12 Procissão em Honra de N<sup>ra</sup> Sr<sup>a</sup> do Rosário. Disponível em <https://www.distrionline.pt/procissao-em-honra-de-na-sra-do-rosario-levou-ontem-milhares-de-pessoas-as-ruas-do-barreiro/> (consultado a 16/11/2021)

Cabe à intervenção a função de materializar este percurso de forma arquitetónica, quer através da consolidação do referido percurso no espaço ou da criação de elementos de mediação entre o construído e a atividade imaterial.

Relativamente ao património edificado na Quinta do Braamcamp, sobram apenas as ruínas do património moageiro, desprovidos da função para a qual foram construídos, a pontuar o território. São elementos identitários cuja forma superou a validade da sua função. Neste contexto, a abordagem do arquiteto pode resumir-se a quatro linhas de ação: (1) conservar a ruína como memória histórica; (2) adaptar o edificado a um novo uso; (3) requalificar o espaço atribuindo-lhe novas qualidades, sensações, e potencialidades, que permitam um usufruto livre, democrático, e enriquecedor do preexistente; ou (4) um compromisso entre as três. Tal como na Via Sacra, também estes pontos oferecem a possibilidade da criação de percursos, quer sejam eles lúdicos, contemplativos ou turísticos.

Admitindo que a vida urbana entre os edifícios “é um processo autorreforçante”<sup>46</sup> como referido previamente, é necessário olhar para as atividades que acontecem diariamente no território através do ensaio de metodologias de projeto que permitam uma bordagem mais participativa da população do Barreiro. Um aspeto social dominante, e identitário, é a atividade piscatória, que facilmente pode ser trabalhada em conjunto com outras atividades náuticas. Ao criar espaços versáteis e facilitadores destas atividades estamos a criar condições para que a esta atividade se juntem outras, semelhantes ou não, e desta forma a reforçar a identidade local.

<sup>46</sup> GEHL Jan - Life Between Buildings, Island Press, p74, 2011

## 1.2 ECONOMIA, IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO LOCAL

Revisitando a ideia chave de Lefebvre (REF) em que o núcleo urbano sobrevive graças à sua função como produto de consumo de uma alta qualidade, é possível conjecturar que em casos semelhantes existe a criação espontânea ou premeditada de uma imagem de marca em torno do território que precede a descoberta do território em larga escala por agentes exteriores. Como pode o arquiteto usar este aspeto económico como ferramenta para pensar o desenho das suas intervenções?

Em relação a este aspeto económico, o artigo “Economy and architecture. The role of architecture in process of building the economic potential of space” de Ksenia Katarzyna Piatkowska<sup>47</sup> (figura 13) começa por mencionar que o objeto arquitetónico foi tido historicamente como constituindo um dos elementos paisagísticos principais de uma região particular e que são as ilustrações dos feitos da cultura do qual é fruto, mas que nos últimos tempos, também se tornou uma ferramenta para a criação de potencial económico do espaço. Desta forma, Piatkowska identifica cinco papéis da arquitetura na economia, resumidamente: (1) Arquitetura como *branding* territorial; (2) Arquitetura como ferramenta para estimular o desenvolvimento turístico; (3) Arquitetura como objeto de economia comportamental e de consumo; e (4) A arquitetura como espaço de trabalho; e arquitetura como fator integrador das comunidades locais.<sup>48</sup>

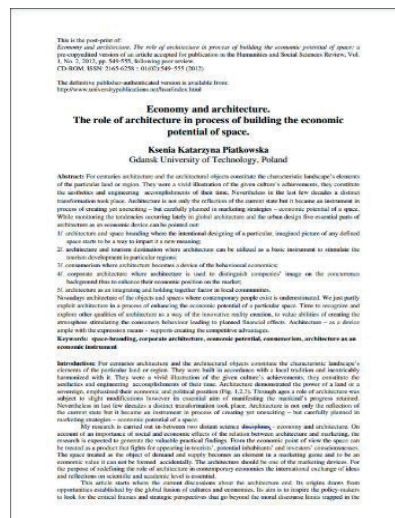


Figura 13 PIATKOWSKA Ksenia Katarzyna, “Economy and architecture. The role of architecture in process of building the economic potential of space” Disponível em; <https://iranarze.ir/wp-content/uploads/2017/05/6863-English-IranArze.pdf> (consultado a (16/11/2021)

<sup>47</sup> Disponível em <https://pg.edu.pl/p/ksenia-piatkowska-22967> (consultado a 16/11/2021)

<sup>48</sup> PIATKOWSKA Ksenia Katarzyna, - Economy and architecture. The role of architecture in process of building the economic potential of space. Humanities and Social Sciences Review, 2012

De modo semelhante, também arquiteta alemã Anna Klingmann<sup>49</sup> (figura 14) explora a ideia de *Branding* no seu livro “Brandscapes- Architecture in the Experience Economy” ao argumentar que a arquitetura pode servir como ferramenta estratégica para uma transformação económica e cultural. Acrescenta ainda que na arquitetura, *Branding* significa e expressão de identidade, quer seja de uma empresa, de um território, ou de uma cidade com o objetivo de gerar crescimento económico.<sup>50</sup>

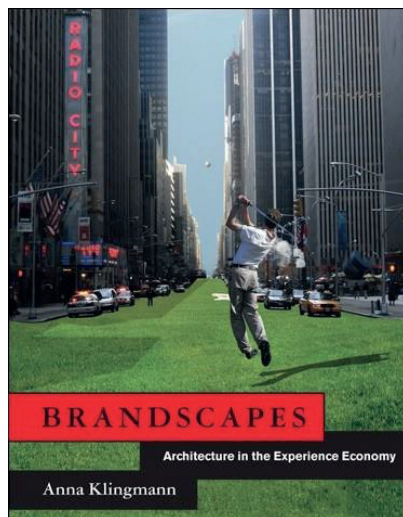


Figura 14 KLINGMANN, Anna – *Brandscapes*. Disponível em <https://mitpress.mit.edu/books/brandscapes> (consultado a 16/11/2021)

Um projeto que tenha como um dos objetivos a regeneração económica de determinada zona deve, assim, ter em atenção algumas destas vertentes nas suas decisões. No caso Braamcamp e Alburrica, uma possível estratégia passa por valorizar os diversos tipos de património existente (natural e histórico), criar condições para a instalação de património cultural, e apoiar atividades económicas como a pesca ou o turismo a nível programático, e ter como resultado a resolução das questões de integração, de consumo, e de *branding* territorial. Durante a realização deste trabalho está previsto um projeto de habitação coletiva para o território autorizado pelo município do Barreiro. Este trabalho não pretende colocar em causa o projeto proposto, contudo pretende propor uma alternativa que satisfaça tanto a identidade da zona como o crescimento económico e o poder local, sem que uns se sobreponham aos outros.

---

<sup>49</sup> KLINGMANN, Anna - *Brandscapes*, MIT Press, 2007

<sup>50</sup> KLINGMANN, Anna - *Brandscapes*, MIT Press, 2007, p0

### 1.3 IN-BETWEEN SPACES E PROCESSOS BOTTOM UP

De acordo com Fatma Serra Inan<sup>51</sup>(Figura 15), a ideia de *In-Between* ou mediação é um conceito pode ser aplicado e discutido em múltiplos contextos, escalas, e de forma material ou imaterial de modo a superar um pensamento binário<sup>52</sup> e limitante. De facto, é possível argumentar que este conceito nasceu precisamente no campo do imaterial através da teoria do filósofo Austríaco-Israelita Martin Buber<sup>53</sup>(Figura 16) e da sua “Filosofia do Diálogo” e só depois foi aplicado no campo material da arquitetura.

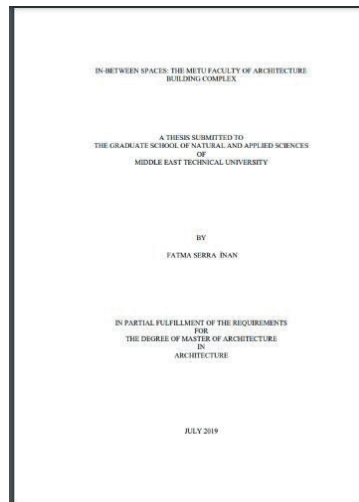


Figura 15 SERRA INAN Fatma – *In-Between Spaces: The Metu Faculty of Architecture Building Complex*. Disponível em <https://etd.lib.metu.edu.tr/upload/12623525/index.pdf> ((consultado a 17/11/2021)

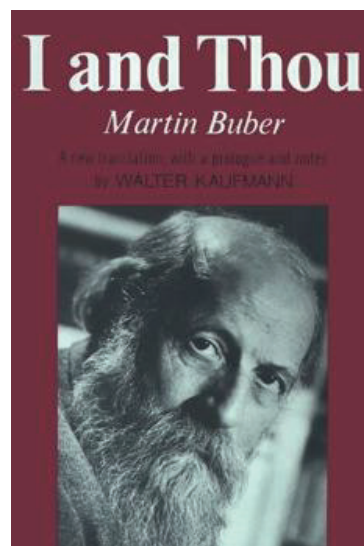


Figura 16 BUBER, Martin - *I and Thou*. Disponível em <https://www.simonandschuster.com/books/I-And-Thou/Martin-Buber/9780684717258> (consultado a 17/11/2021)

<sup>51</sup> Disponível em <https://etd.lib.metu.edu.tr/upload/12623525/index.pdf> (consultado a 16/11/2021)

<sup>52</sup>SERRA INAN Fatma – *In-Between Spaces: The Metu Faculty of Architecture Building Complex*, 2019, P1

<sup>53</sup> BUBER, Martin - *I and Thou*, Edinburgh: T. & T. Clark, 1937, p81.

Aplicando o *In-Between Spaces*, de Eyck e Sou Fujimoto<sup>54</sup>, no Barreiro, o ponto de contacto da península Braamcamp/Alburrica (figura 17) torna-se um ponto chave para qualquer forma de intervenção que pretenda tratar a o território como um todo e como parte integrante da cidade. Este ponto, ao ser trabalhado, deve servir de espaço de mediação entre a península e o Barreiro de forma a permitir uma boa articulação entre os dois territórios, respeitando, assumindo, e potenciando a identidade de ambas as partes. Deve ainda ser um elemento de consolidação da malha existente composta pelos pontos notáveis da igreja, escola e praça. Esta articulação deve ser presente, por exemplo, no percurso da procissão iniciado na Igreja imediatamente a Oriente do território. As ruínas da Quinta do Braamcamp sugerem igualmente um possível jogo de cheios e vazios, interiores e exteriores, capaz de mediar um diálogo entre o espaço edificado em ruínas e a identidade natural da península (figura 18).

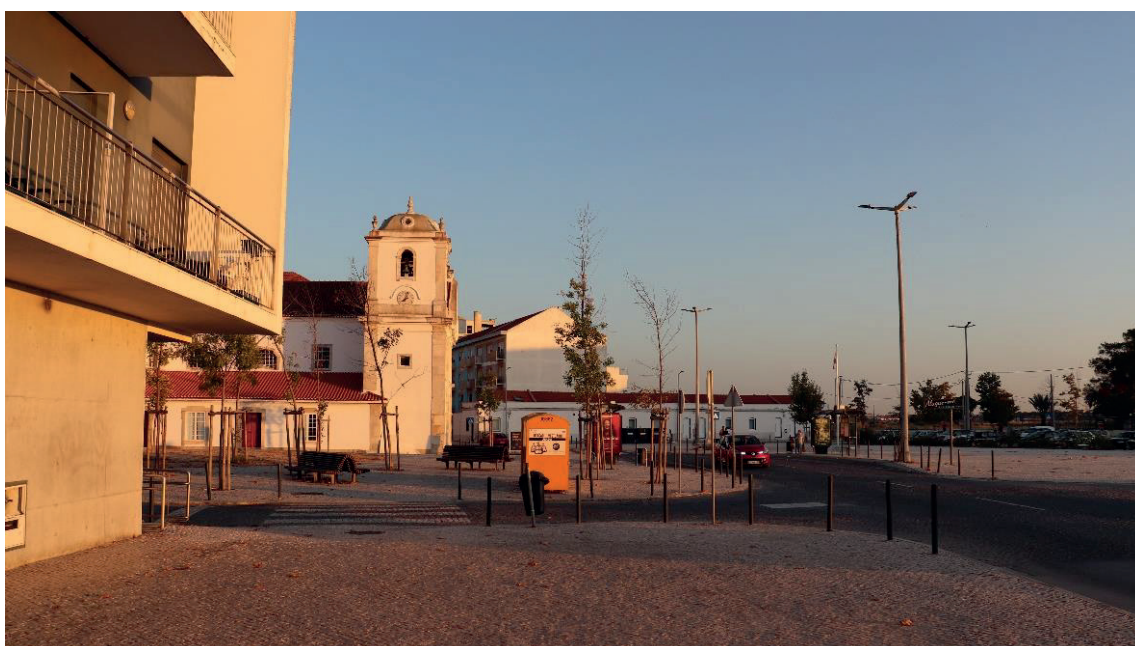


Figura 17 Ponto de contacto da Braamcamp/Alburrica com o restante Barreiro

---

<sup>54</sup> “ I like to find something in-between. Not only [between] nature and architecture, but also [between] inside and outside. Every kind of definition has an in-between space. Especially if the definitions are two opposites, then the in-between space is more rich.” – Sou Fujimoto. Disponível em: <https://architectureau.com/articles/sou-fujimoto-the-spaces-in-between/> (consultado a 15/11/2021)



Figura 18 Espaço edificado em ruínas e a identidade natural da península

A criação de *In-Between spaces*, permite o equilíbrio na relação público-privado e da consolidação de um espaço urbano neutro e de encontro. Neste, se criam condições para a convergência de pessoas e para a troca de ideias num espaço livre, um ambiente necessário para que cada cidadão possa expressar, desenvolver, e confrontar as suas opiniões respeitantes à *polis* da qual pertence. Um espaço urbano com estas condições facilita o trabalho do arquiteto como agente social na medida em que pode simplificar o contacto entre o arquiteto e os agentes locais. É através desta interação, adjuvada por diversas metodologias à disposição do arquiteto, que surge a possibilidade da criação e processos *bottom-up* e de processos participativos<sup>55</sup>.

O envolvimento da comunidade local, segundo Sanoff<sup>56</sup>, (figura19) surge como um movimento, da crescente “perceção de que a má gestão do ambiente físico é um fator importante que contribui para os males sociais e económicos do mundo e que existem melhores formas de conceber e planear” soluções para os cidadãos. Neste sentido, um das etapas do projeto foi o envolvimento da comunidade artística para a criação de um objeto a ser colocado no espaço público, junto do território em questão, com o objetivo de recolher opiniões da população local sobre a península Alburrica/Braamcamp. É através desse *In-Between* imaterial criado pelo encontro de opiniões divergentes dos cidadãos, e pelo *In-Between* imaterial concebido entre os agentes locais e a ação do arquiteto, que nasce esta terceira entidade sob a forma de projeto.

---

<sup>55</sup> JENKINS Paul e FORSYTH Leslei - *Architecture Participation and Society*, Routledge, 2009, cap.1

<sup>56</sup> SANOFF Henry - *Community Participation Methods in Design and Planning*, John Wiley & Sons INC International Concepts , 1999, p10

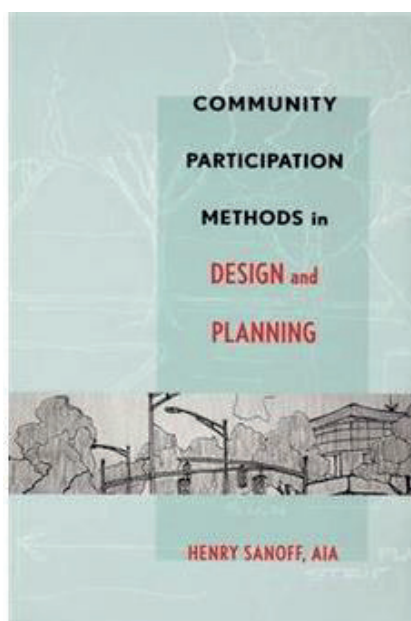


Figura 19 SANOFF Henry - *Community Participation Methods in Design and Planning*. Disponível em <https://www.fnac.pt/mp4446302/Community-Participation-Methods-in-Design-and-Planning-Hardback-1999>, (consultado a 18/11/2021)

Após uma revisão crítica da teoria, é possível mapear os principais conceitos revisados através do seguinte diagrama (figura 20). Neste sentido, o projeto final de arquitetura

parte dos conceitos base de arquiteto como agente mediador e da cidade como espaço e palco de mediações. Neste caso as ferramentas que o arquiteto tem ao seu dispor para a criação de espaços de mediação são o desenho, os processos *bottom-up*, e as diretrizes para o desenvolvimento:

O desenho é o elemento gerador da morfologia enquanto que os processos *bottom-up* pretendem mobilizar a população e perceber quais os usos e eventos do local de intervenção. Ligando estes dois elementos é possível construir o espaço público através da criação de *In-Between Spaces*, resultado na ideia de cidade como espaço de mediação. Em simultâneo, os processos *bottom-up* ajudam o arquiteto a criar uma leitura da identidade local, e as diretrizes para o desenvolvimento podem acrescentar intensões económicas à leitura do território. Através destes elementos é possível introduzir o conceito de *brandsapes* aliado à ideia de lugar de consumo e consumo de lugar, que por sua vez resultam também na ideia de cidade como espaço de mediação.

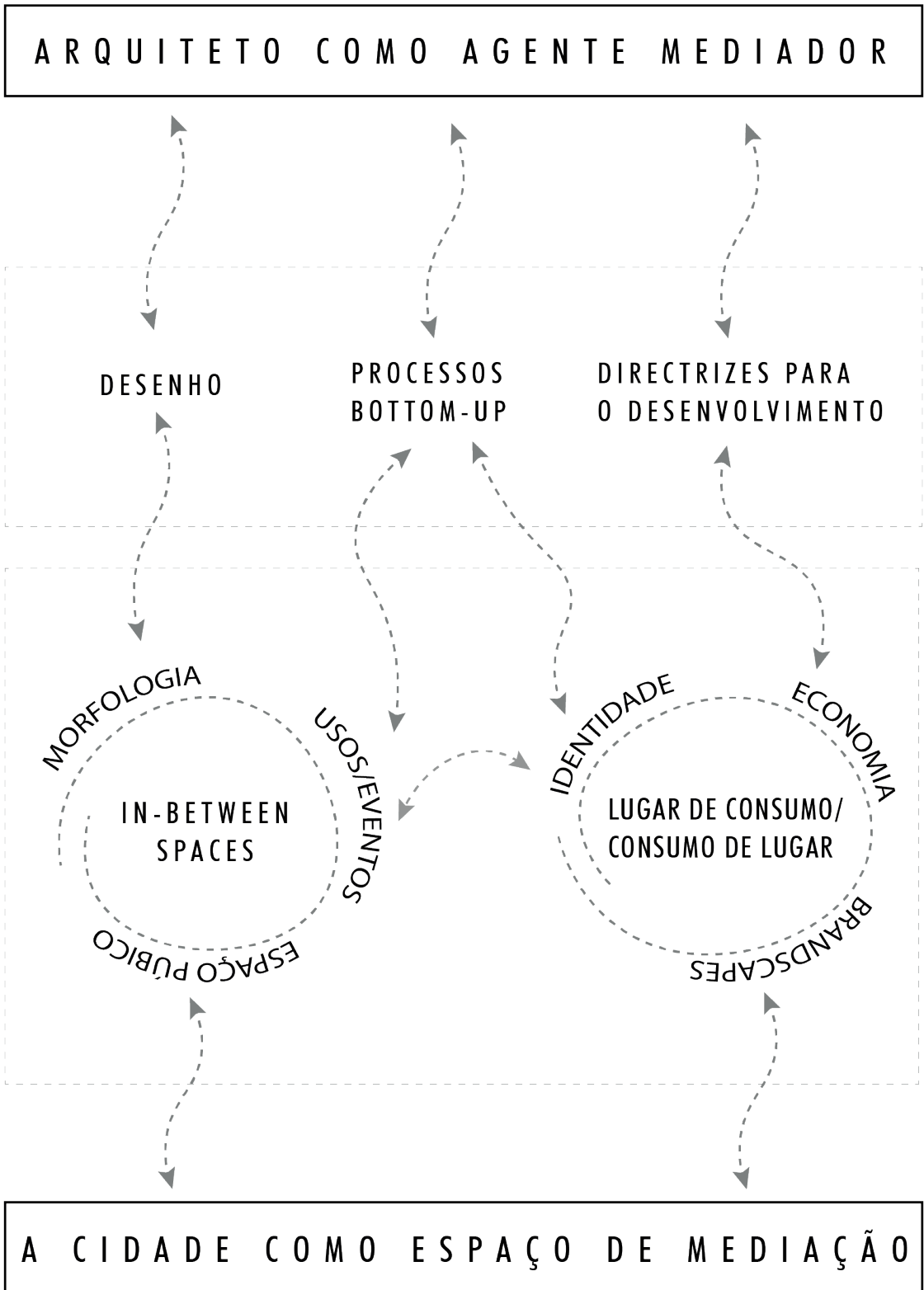


Figura 20 Diagrama base da teoria



## CAPÍTULO 2: ENSAIO METODOLÓGICO

### 2.1 Barreiro

O Barreiro situa-se numa península predominantemente plana entre na junção dos rios Tejo e Coina. É limitado a Norte e Poente pelos rios, a Nascente pelo Lavradio, e a Sul pela Mata da Machada. Foi repovoado logo após a Reconquista e a sua defesa ficou ao cargo da Ordem de Santiago. Por altura da sua primeira menção num documento oficial (1322)<sup>57</sup>, já existiam no local salinas e atividade piscatória<sup>58</sup>. Algumas das antigas salinas situavam-se na Braamcamp/Alburrica e deram lugar às caldeiras dos moinhos de maré aos quais se juntaram moinhos de vento (Figura 21). O território teve uma forte relevância logística durante a época da expansão marítima Portuguesa, e mais tarde, durante a revolução industrial marcada pela presença da CUF.<sup>59</sup>

A zona mais antiga do Barreiro, o Barreiro Velho, é caracterizada pelo seu património religioso. Situa-se na parte norte da península, a Poente da zona industrial da CUF, e encontra-se ligada ao sistema Braamcamp/Alburrica pela R. Bento de Jesus Caraça e a R. Almirante Reis. Por sua vez, a R. Conselheiro Joaquim António D'Aguiar liga o interior do Barreiro Velho ao Largo Nossa Sr<sup>a</sup> do Rosário, sendo este o elemento de charneira entre a Braamcamp/Alburrica e o Restante Barreiro.

---

<sup>57</sup> Disponível em <https://www.rostos.pt/inicio2.asp?cronica=11000347&mostra=2> (consultado a 18/11/2021)

<sup>58</sup> Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$barreiro](https://www.infopedia.pt/$barreiro) (consultado a 18/11/2021)

<sup>59</sup> Disponível em <https://www.cm-barreiro.pt/conhecer/historia> (consultado a 18/11/2021)



Figura 21 Moinho de vento e caldeira do moinho de maré

Através de uma análise SWOT (Figura 21), foi identificado o Território da Alburrica/Braamcamp e o largo da igreja de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> do Rosário como dois pontos de onde podem surgir oportunidades relacionadas com o património, a economia, e a biodiversidade.



Figura 22 Análise SWOT

O Barreiro tem uma forte presença associativa, inicialmente ligada a grupos de operários trabalhadores da CUF, bem como uma identidade artística marcada (figura 23), com associações de artistas como ADAO (figura 24) ou a MOLA. Esta presença associativa de cidadãos barreirenses estabelece o tom de abordagem metodológica ao projeto.

<b>ANO</b>	<b>GALERIAS DE ARTE E OUTROS ESPAÇOS DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIOS (Nº)</b>	<b>ESPECTADORES ANUAIS DE ESPETÁCULOS AO VIVO (Nº)</b>	<b>RECEITAS ANUAIS DE ESPETÁCULOS AO VIVO (MILHARES DE €)</b>
2013	4	35 578	59
2009	0	6 860	X
2005	0	12 036	X
2002	1	6 271	X

Figura 23 Tabela com valores do INE ligados à produção artística: Galerias de arte e espaços de exposição, espectadores, e receitas de espetáculos ao vivo. Disponível em [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_unid\\_territorial&menuBOUI=1%E2%80%A6](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_unid_territorial&menuBOUI=1%E2%80%A6) (consultado a 24/11/2021)



Figura 24 Disponível em: <https://www.adao2830.org/a-adao/> (consultado a 19/11/2021)

De acordo com o gráfico da figura 23, o número de espectadores de espetáculos ao vivo parece ter aumentado no Barreiro. Quer tal acontecimento se deva a um aumento das atividades artísticas ou do interesse por parte do público, ele deve ser acompanhado com a criação de infraestruturas que permitam acompanhar e potenciar esse crescimento, como uma visão estratégica de crescimento económico e como uma forma de reforçar a identidade cultural Barreirense.

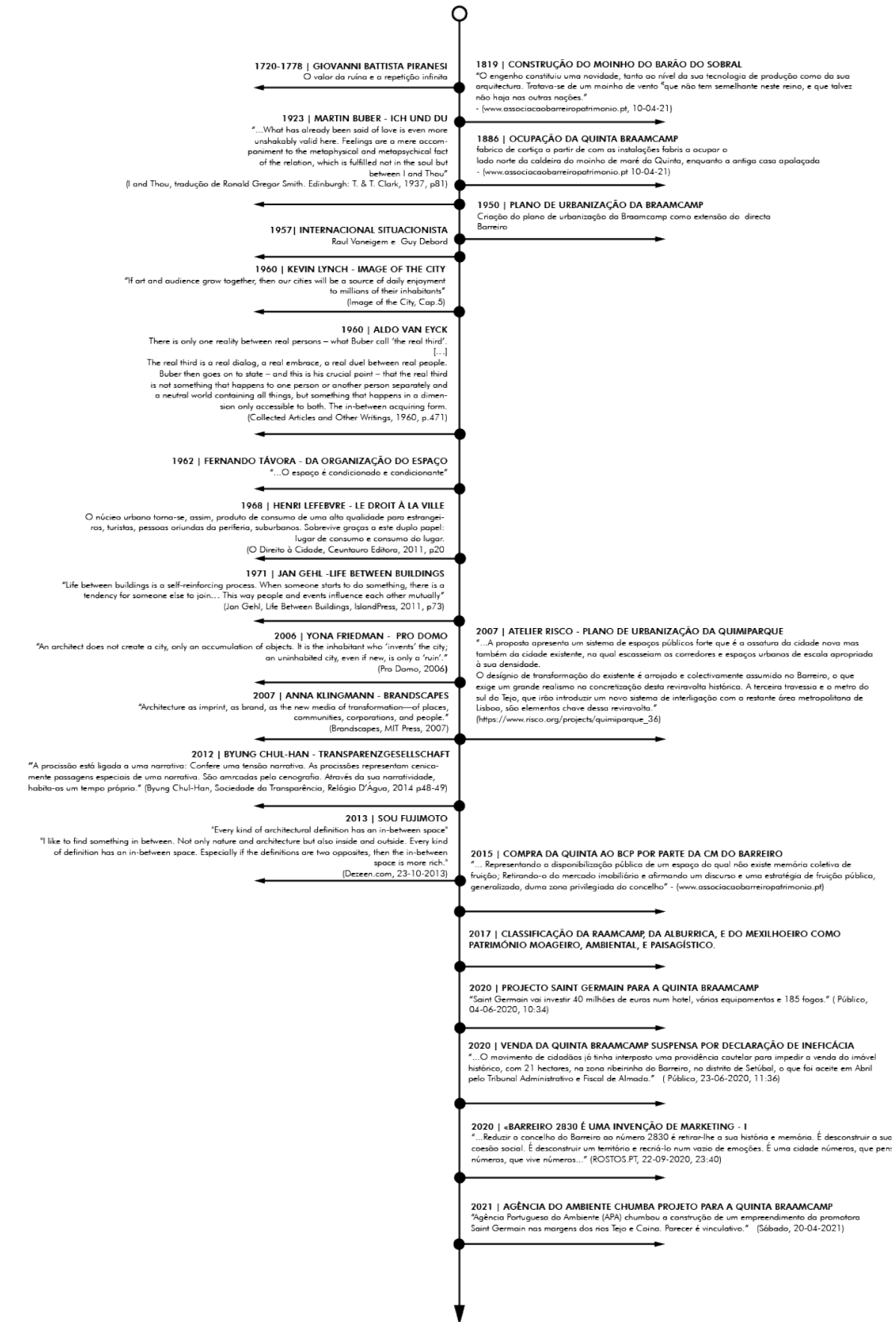


Figura 25 Timeline da teoria e da história da Braamcamp/Alburrica. Disponível em maior dimensão no Anexo D

## 2.2 Ensaio Metodológico

O ensaio metodológico explorado na realização do projeto final de arquitetura desenvolveu em várias fases. Numa primeira abordagem foram utilizados métodos maioritariamente sensoriais com recurso a derivas pedonais inspiradas pelo estudo dos Situacionistas, captação de vídeo, e manipulação de imagem (fotomontagem/colagens), de forma a sintetizar o ambiente da península. Esta fase permitiu criar uma imagem artística e especulativa extrapolada a partir do ambiente local (Figura 26, Figura 27) . Em paralelo, recorreremos a momentos de pesquisa sobre o território e sobre diretrizes da comunidade internacional para o ambiente, património, e economia.



Figura 26 Montagem conceptual 1



Figura 27 Montagem conceptual 2

Num segundo momento procedemos à criação de grupos de trabalho constituídos por agentes locais como a MOLA, a Associação Barreiro Património, o EVOA, e o Centro Social Paroquial Padre Abílio Mendes. Graças à mediação entre estes grupos foi possível obter uma perspetiva *botom-up* das necessidades e características do território, e proceder à co-criação dos novos percursos do projeto (Figura 28).



Figura 28 Percurso da Memória | Percurso da Água | Percurso da Via Sacra | Percurso das Aves | Percurso das Artes

Dentro do conceito de urbanismo tático<sup>60</sup> aliado às artes plásticas, articulámos o nosso trabalho com o grupo MOLA para a criação de três portas a serem colocadas em pontos-chave da Alburrica/Braamcamp (Figura 29 e 30) capazes de enquadrar pontos específicos, nomeadamente a entrada da quinta, as ruínas da quinta, e a caldeira do moinho de maré mais a Norte. As portas foram cobertas com um material transparente no qual foi permitido aos cidadãos desenhar a sua visão para o território enquadrado pela estrutura das portas. Para além de cidadão anónimos, também tivemos acesso à visão de artistas locais da MOLA que produziram a sua arte sobre as portas na forma de esboços evento que teve lugar no dia 24 de Março de 2021.

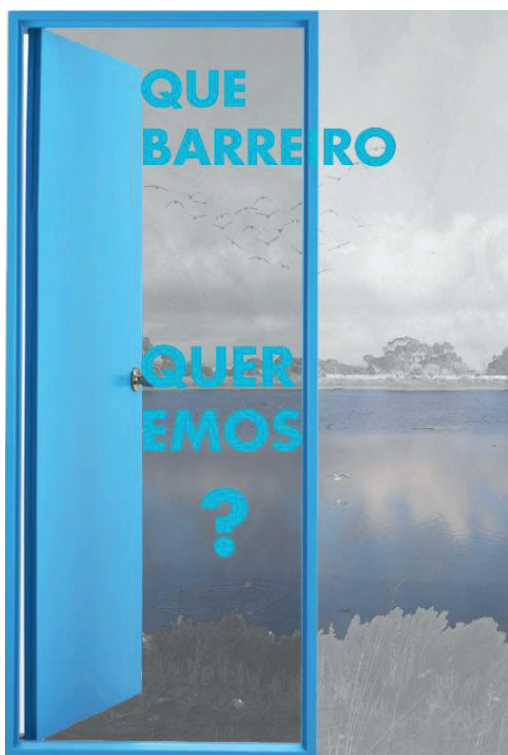


Figura 29 Metodologia Participativa

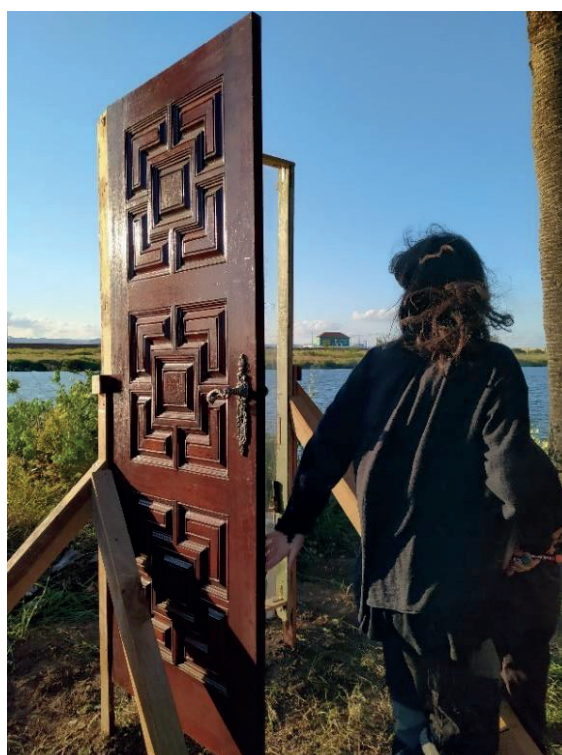


Figura 30 Metodologia Participativa

Outro instrumento utilizado na metodologia participativa explorada antes do desenho da solução para o território foi a criação de um *website*, o “Um Poema para Alburrica”<sup>61</sup>. Este teve como objetivo criar um repositório de poemas vivos, aberto a todo o tipo de contribuições pessoais, desde memória afetivas, a criações artística como desenhos, prosas, ou poemas. A plataforma permitiu perceber a natureza da identidade do local, a forma como ele é vivido, e o

<sup>60</sup> Disponível em: <http://tacticalurbanismguide.com/about/> e <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/21687/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf> (consultados a 20/11/2021)

<sup>61</sup> Disponível em: <https://poemalburrica.wixsite.com/umpoema> (consultado a 16/11/2021)

impacto que imprime no imaginário coletivo dos Barreirenses. Como por exemplo, a obra de autoria de António F. Martins:

*“Navegasses-me assim, amor, o olhar todo*

*Nesse teu suave voo de gaivota*

*Que numa ilha ali ao pé se levantasse*

*e sobre as ilhas pequenas do meu Tejo*

*da margem me largasses todo ao vento*

*e contigo, acompanhado, então voasse.”<sup>62</sup>*

Em seguida, foi feito o exercício de tentar sintetizar o ambiente as vivências da Alburrica também sobre a forma de ensaio poético (figura 31):

**Alburrica**

Passam os nossos passos, marcados sem pressa  
sobre o murmurar das folhas que roçam nos pés.  
Os pássaros soam perto, numa deriva em canção  
Entre as ruínas abertas ao céu.  
Passa-se a quinta, entre véu e vão,  
numa observação ritmada pela maré.  
A procissão procede de estação em estação  
num ritual do habitar o tempo,  
lento, nascido daquela coisa que surge  
quando as pessoas se encontram.

-Duarte Reis

cha-  
ma-  
da

vamos  
compartilhar  
materiais  
e relatos!

envie para  
poemalburrica@gmail.com

Poesia...  
Som...  
Vídeo...  
Fotografia...  
Colagem...  
Desenho...

Figura 31 Metodologia Participativa

<sup>62</sup> “Como Gaivota”, por António F. Martins



Por fim, estudámos o uso de questionários disponibilizados no website *Gehlpeople*<sup>63</sup> e que são parte da metodologia científica de Jan Gehl, uma das referências teóricas analisadas. Estes questionários sistematizam e contabilizam o número e tipo de utilização dada pela população geral ao território. A partir destes, foi possível recolher dados objetivos que serviram para complementar os dados sensoriais na fundamentação das decisões de projeto. No entanto, no que toca a trabalho de campo e à sistematização da utilização da área, optamos antes pela abordagem direta de forma a conseguir um contacto mais rico e pessoal. Para tal, foram impressos mapas da zona de intervenção a duas escalas: Escala geral, representativa do Barreiro na sua totalidade e do Lavradio, para que não se percam relações da Alburrica com o restante território, e uma escala mais aproximada, representativa da Ponta do Mexilhoeiro, Braamcamp, Alburrica, e Largo da Igreja da Nossa Senhora do Rosário. Nestes mapas, foi pedido às pessoas que marcassem o caminho percorrido livremente por elas dentro destes território, e que identificassem os pontos de permanência (Figura 32)

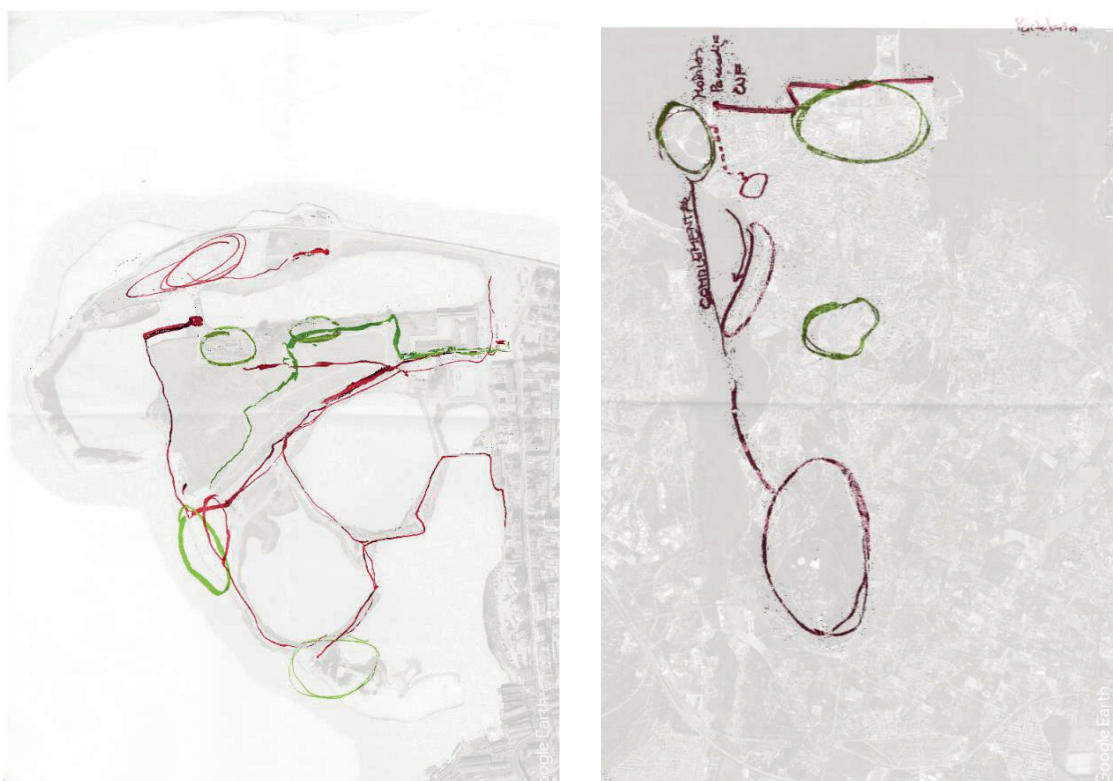
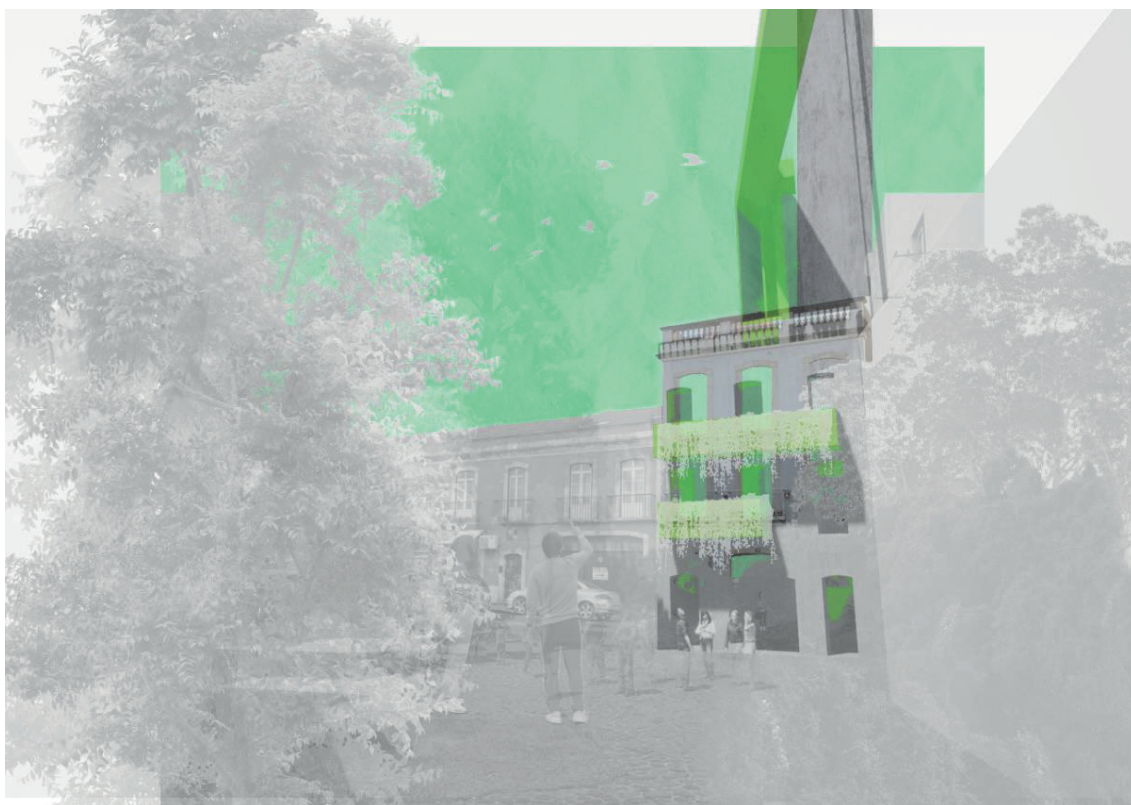


Figura 32 Metodologia Participativa

<sup>63</sup> Disponível: <https://gehlpeople.com/> (consultado a 15/11/2021)

Paralelamente foi realizado um workshop em conjunto com o arquiteto José Adrião, denominado Faz-Desfaz-Refaz. Neste workshop foi desenvolvido um projeto no qual foi possível ensaiar uma estratégia semelhante à do projeto do Barreiro, e que tinha por base a casa do arquiteto referido. Até á data, o projeto da casa passou por dois momentos, o seu estado original e a intervenção do arquiteto José Adrião. O conceito da nova intervenção passava por manter o ponto forte de cada um dos dois momentos anteriores, ou seja, a fachada e a claraboia, e transformar o edifício em espaço público. Através da adição de um novo elemento capaz de cerzir a mancha verde da Ajuda com o espaço urbano envolvente, e de fazer uma ligação aérea da parte inferior de Alcântara até ao largo das Necessidades (Figuras 33, 34, 35). Tanto o Projeto de Alcântara como o do Barreiro partem de uma pré existência contruída, adicionam um novo elemento, criam espaço público através da tensão entre estes dois elementos, e ligam diferentes manchas verdes.



*Figura 33 Montagem Conceptual para workshop "Faz-Desfaz-Refaz"*



Figura 34 Montagem Conceptual para workshop "Faz-Desfaz-Refaz"



Figura 35 Montagem Conceptual para workshop "Faz-Desfaz-Refaz"

## 2.3 CASOS DE ESTUDO

Neste capítulo serão abordados casos de estudo relevantes para a elaboração do projeto final de arquitetura, quer pelo modo que aplicam a teoria analisada quer pela forma que resolvem situações semelhantes à encontrada na Alburrica, ou mesmo por orientações programáticas semelhantes.

O primeiro caso de estudado é o Palais de Justice de Lille, França do arquiteto Sou Fujimoto e Coldefy & Associés<sup>64</sup> (Figura 36). O tribunal explora a aplicação direta do conceito de *In-Between Spaces*. À escala urbana, o projeto situa-se numa mancha verde encimada por uma fortificação em estrela e que se estende ao longo do rio e da cidade. A mancha verde é em grande parte desprovida de uso formal, estando “de costas viradas” para a cidade, sendo ocupada esporadicamente pela população que usa os campos desportivos e as hortas urbanas (Figura 37). Esta, à semelhança da Alburrica/Braamcamp, é desprovido de um uso formal e o projeto de Fujimoto acrescenta um novo uso formal público, um tribunal, agregador de diversos usos informais.



Figura 36 Disponível em [https://divisares.cloudinary.com/images/c\\_limit,f\\_auto,h\\_2000,q\\_auto,w\\_3000/v1520005149/ydmfira1vxfbxnnttkyt/sou-fujimoto-architects-coldefy-courthouse-of-lille.jpg](https://divisares.cloudinary.com/images/c_limit,f_auto,h_2000,q_auto,w_3000/v1520005149/ydmfira1vxfbxnnttkyt/sou-fujimoto-architects-coldefy-courthouse-of-lille.jpg) (consultado a 20/11/2021)

---

<sup>64</sup> Disponível em <https://divisare.com/projects/380954-sou-fujimoto-architects-coldefy-courthouse-of-lille> (consultado a 20/11/2021)

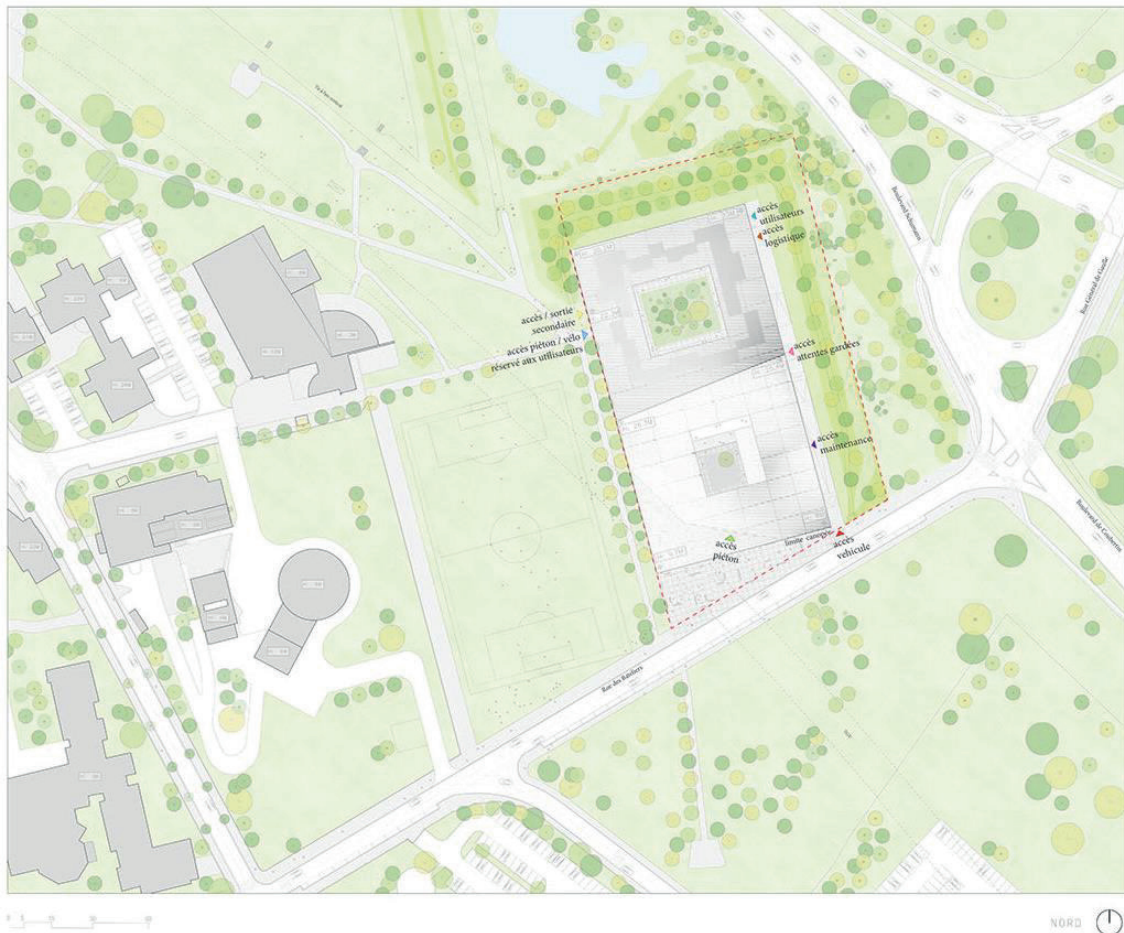


Figura 37 Disponível em [https://divisare-res.cloudinary.com/images/c\\_limit,f\\_auto,h\\_2000,q\\_auto,w\\_3000/v1520005329/qmsagrmqphac9owzmla2/sou-fujimoto-architects-coldefy-courthouse-of-lille.jpg](https://divisare-res.cloudinary.com/images/c_limit,f_auto,h_2000,q_auto,w_3000/v1520005329/qmsagrmqphac9owzmla2/sou-fujimoto-architects-coldefy-courthouse-of-lille.jpg) (consultado a 20/11/2021)

O projeto consiste num plano de cobertura que pousa sobre um conjunto de módulos de trabalho resultando na criação de espaços cobertos entre os mesmos módulos. Estes espaços cobertos servem de elementos de mediação entre o edificado e a natureza e entre os espaços de trabalho (Figura 38).

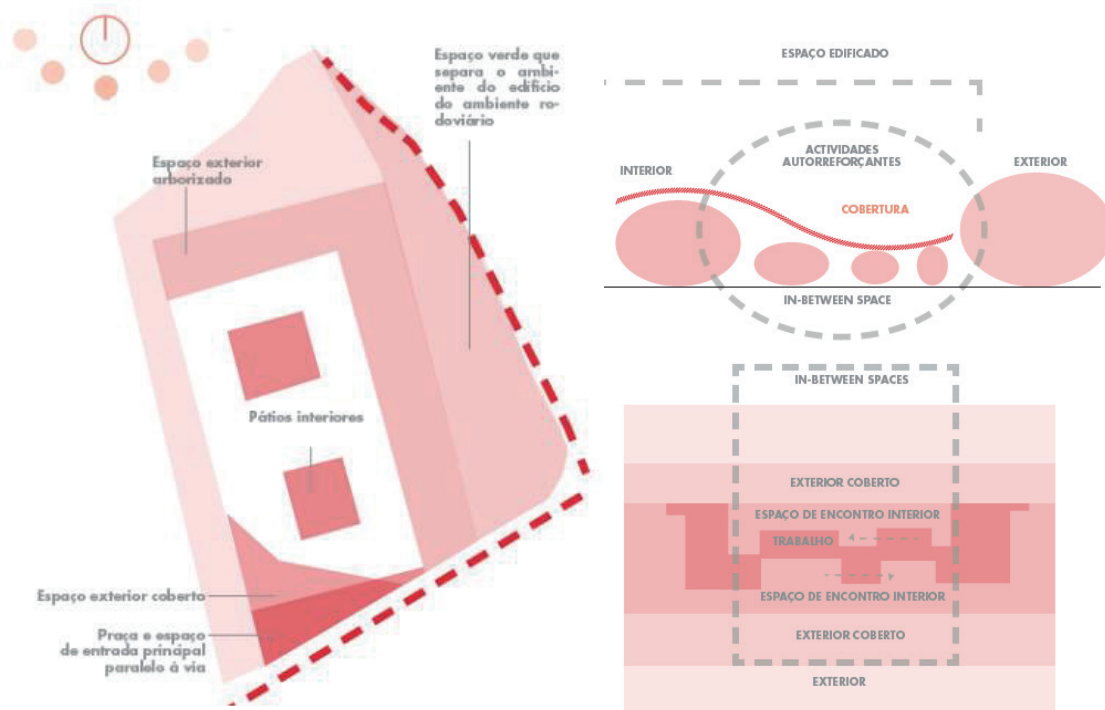


Figura 38 Diagrama de estudo

É, também, de notar o uso de mobiliário urbano como elemento de ligação entre o exterior e o interior, criando um In-Between space através do uso, sob a forma de bancos de betão. O mobiliário urbano é também um elemento táctico muito usado em operação de regeneração urbana e acupuntura urbana (Figura39).



Figura 39 Diagrama de estudo

O estudo do *Parc de la Villette* em Paris, de Bernard Tschumi<sup>65</sup> permitiu compreender o parque como foco principal de atividades culturais (Figura 40). A intervenção é composta por uma composição edificada descontínua composta por 25 edifícios menores, pontes, caminhos, passagens cobertas e jardins num sistema de pontos dispersos e sobrepostos a um sistema de linhas que enfatiza o movimento pelo espaço do parque (figura 51).



Figura 40 Disponível em <https://pt.parisinfo.com/destino-paris/areas-verdes> (consultado a 20/11/2021)

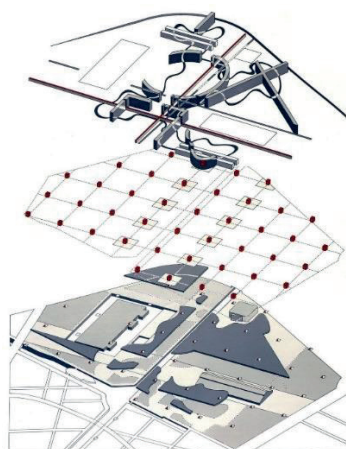


Figura 41 Disponível em <https://omrania.com/inspiration/parc-de-la-villette-launched-new-era-urban-park-design/> (consultado a 20/11/2021)

Tschumi desenha um parque social e cultural cheio de atividades como concertos, ginásios, jogos, espaços de concerto, e um museu, entre outros. Estes pontos estão todos projetados com a mesma cor, linguagem, e materialidade, criando assim imagem comum entre eles (Figura 42).

---

<sup>65</sup> Disponível em <http://www.tschumi.com/projects/3/> (consultado a 20/11/2021)

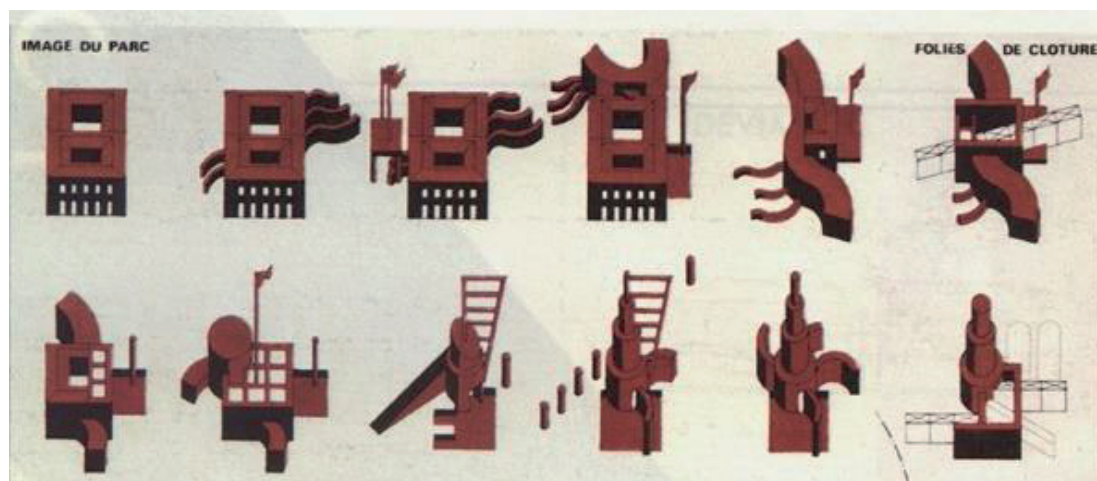


Figura 42 Disponível em <https://socks-studio.com/img/blog/folies-lavillette-03.jpg> (consultado a 20/11/2021)

É de notar também a influência do projeto da *Ville Spatiale* de Yona Friedman<sup>66</sup> (Figura 43). Segundo Friedman:

*“As pessoas podem improvisar a cidade; e podem improvisar a arquitetura. Isso significa que a cidade não deveria resistir aos [seus] habitantes, mas obedecê-los... Precisamos voltar à elasticidade.”*<sup>67</sup>

A *Ville Spatiale* tem por base uma megaestrutura capaz de se estender indefinidamente sobre um território e que deve munir cada pessoa da capacidade de improvisar e viver o seu próprio habitat de forma independente<sup>68</sup>. A estrutura da *Ville Spatiale* é suportada por pilares dispostos num intervalo de 40 a 60 metros que contêm os acessos e as redes de instalações. Sobre os pilares existe uma grelha modular de 6 metros por 6 metros capaz de acomodar todo tipo de funções.

Outro projeto relevante de Yonna Friedman é o “Museu sem Portas” de 1987<sup>69</sup> (Figura 44). Trata-se de um abrigo projetado para num espaço público como um parque, capaz de albergar

<sup>66</sup> Disponível em <https://socks-studio.com/img/blog/folies-lavillette-03.jpg> (consultado a 20/11/2021)

<sup>67</sup> FRIEDMAN Yona - Entrevista para Louisiana Channel,. Escrito por Patrick Lynch | Traduzido por Romullo Baratto, Archdaily, 2017

<sup>68</sup> Disponível em [http://www.yonafriedman.nl/?page\\_id=396](http://www.yonafriedman.nl/?page_id=396) (consultado a 20/11/2021)

<sup>69</sup> Disponível em [http://www.yonafriedman.nl/?page\\_id=699](http://www.yonafriedman.nl/?page_id=699) (consultado a 20/11/2021)



uma exposição artística (figura ...). As peças e informações podem ser colocadas em painéis e visitadas enquanto os visitantes se abrigam da chuva e do vento.<sup>70</sup>

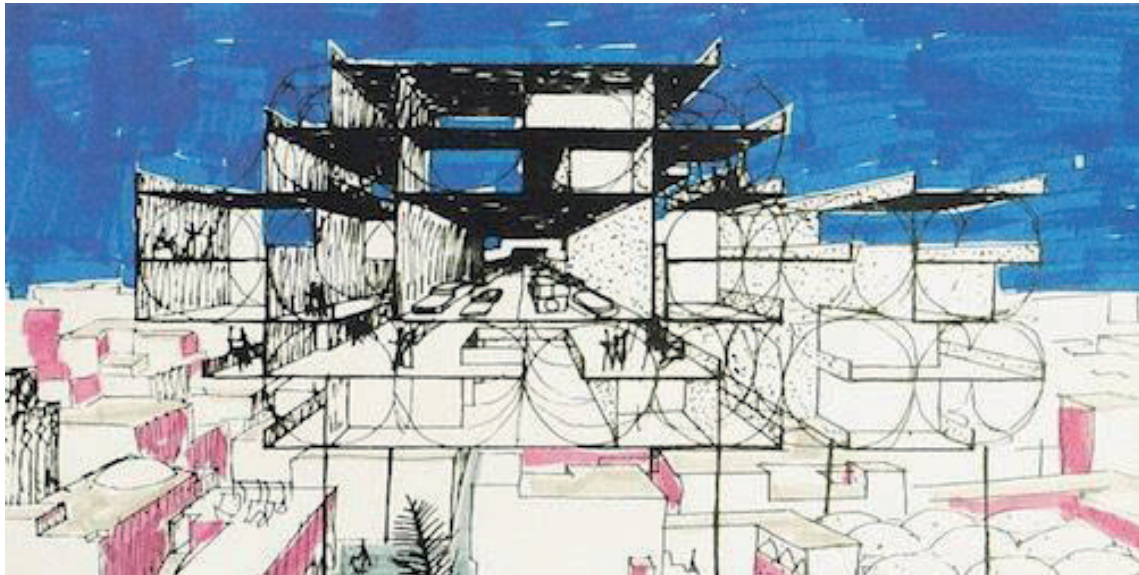


Figura 43 Ville Spatiale – disponível em <https://www.3amagazine.com/3am/cities-in-the-sky-re-evaluating-yona-friedman/yona-friedman-ville-spatiale/> (consultado a 20/11/2021)

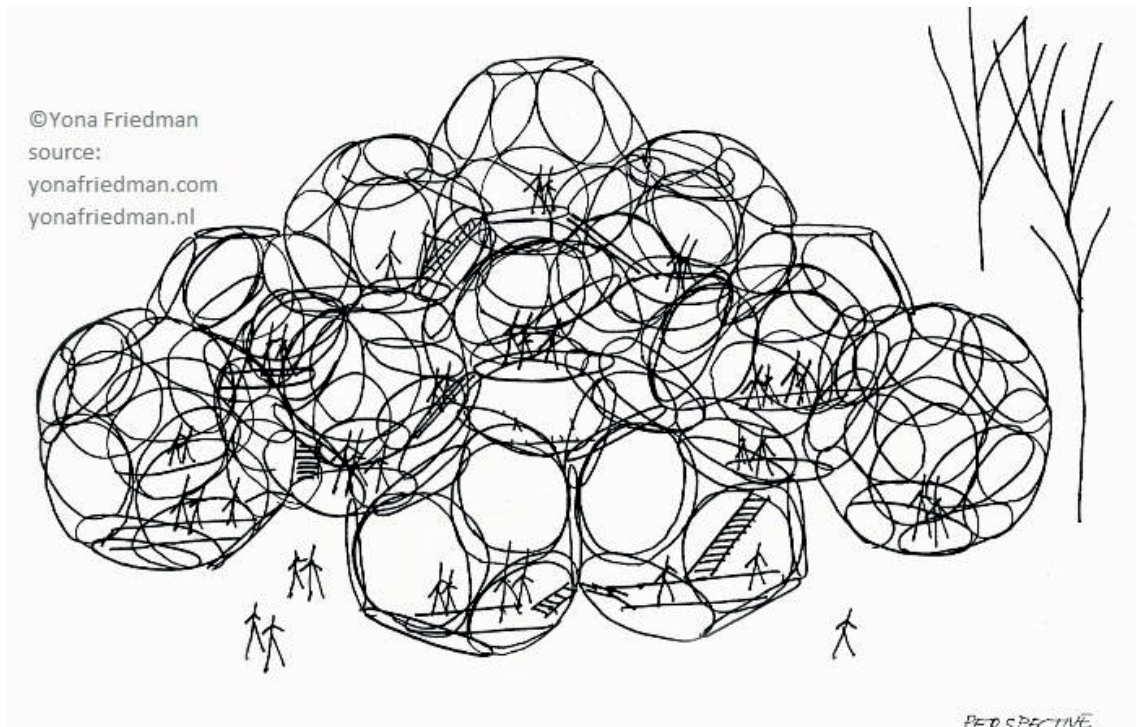


Figura 44 Museu sem Portas- Pro Domo disponível em <http://www.yonafriedman.nl/> (consultado a 20/11/2021)

<sup>70</sup> Disponível [http://www.yonafriedman.nl/?page\\_id=699&wppa-album=60&wppa-photo=543&wppa-cover=0&wppa-occur=1](http://www.yonafriedman.nl/?page_id=699&wppa-album=60&wppa-photo=543&wppa-cover=0&wppa-occur=1) (consultado a 20/11/2021)

## 2.2 ENTRE FRIEDMAN E PIRANESI: PENSAMENTO MODULAR E O VALOR DA RUÍNA

De acordo com o artigo “Nostalgia for Ruins” de Andreas Huyssen<sup>71</sup>, as noções de tempo e espaço estão necessariamente ligadas ao desejo nostálgico. As ruínas representadas nas gravuras de Piranesi<sup>72</sup> (Figura 45) são um exemplo desta combinação espaço-temporal capaz de remeter para um sentimento saudoso. Segundo Huyssen, a eficácia das ruínas em produzir esta sensação nasce do facto de o passado estar explícito no corpo das ruínas, mas simultaneamente inacessível.<sup>73</sup>



Figura 45 Disponível em [https://bndigital.bn.gov.br/wp-content/uploads/2014/10/icon67439\\_81.jpg](https://bndigital.bn.gov.br/wp-content/uploads/2014/10/icon67439_81.jpg) (consultado a 20/11/2021)

A erosão e degradação natural podem apontar para o tema do regresso da arquitetura à natureza. Na obra de Piranesi<sup>74</sup>, a alvenaria e o solo estão organicamente emparelhados, de forma que quase sugere que as ruínas cresceram das profundezas da terra, ou seja, que são parte integrante da natureza através da sua erosão.<sup>75</sup>

<sup>71</sup> HUYSSSEN Andreas; Nostalgia for Ruins. *Grey Room*, 2006; (23): p6–21. Disponível em <https://direct.mit.edu/grey/article-abstract/doi/10.1162/grey.2006.1.23.6/10474/Nostalgia-for-Ruins?redirectedFrom=fulltext> (consultado a 20/11/2021)

<sup>72</sup> Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/mestres-da-gravura/giovanni-battista-piranesi/> (consultado a 20/11/2021)

<sup>73</sup> HUYSSSEN Andreas; Nostalgia for Ruins. *Grey Room*, 2006; (23): p6–21. Disponível em <https://direct.mit.edu/grey/article-abstract/doi/10.1162/grey.2006.1.23.6/10474/Nostalgia-for-Ruins?redirectedFrom=fulltext> (consultado a 20/11/2021)

<sup>74</sup> Idem

<sup>75</sup> Idem

A ideia do valor da ruína apenas pela ruína não é um tema recente. Nos séculos XIX e XIX surgiu o peculiar hábito da “criação de ruínas falsas”, ou seja, a edificação de novos objetos arquitetônicos, muitos dos quais com o único propósito de se assemelharem a ruínas verdadeiras e de serem contempladas como tal, compondo uma paisagem<sup>76</sup>. Rose Macaulay<sup>77</sup> (1881-1958) (Figura 46) tem uma nota sobre estas novas ruínas, no seu “Pleasure of Ruins”, onde afirma que estas ruínas ainda não acumularam a patina da idade, nem ganharam a confiança dos seus donos através do seu papel defensivo em contexto bélico. Também não foram apropriadas por lagartos, morcegos, mochos, e outros animais ou vegetação, como eras.<sup>78</sup> Um exemplo extremo destas “ruínas” é a casa de verão do jardim *Désert de Retz*, construída em 1778 (Figura 47) com o aspecto de coluna grega gigante e arruinada. Mas até estas falsas ruínas, com o tempo, não vão escapar ao destino de se tornarem ruínas verdadeiras, ruínas de si mesmas. Rose Macaulay afirma que as ruínas sempre exerceram fascínio sobre a humanidade. Algumas, tornam-se o símbolo romântico da grandeza perdida da antiguidade, outras, o manifesto da vitória sobre um inimigo.

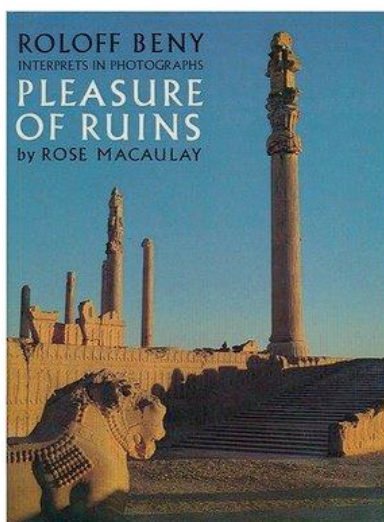


Figura 46 Disponível em <https://i.gr-assets.com/images/S/compressed.photo.goodreads.com/books/1394327701/1528677.jpg> (consultado a 20/11/2021)

<sup>76</sup> ROTH M Leland – Understanding Architecture Its Elements, History, and Meaning. Westview Press, 2014, p483-497

<sup>77</sup> Disponível em <https://www.britannica.com/biography/Rose-Macaulay> (consultado a 20/11/2021)

<sup>78</sup> MACAULEY Rose - Pleasure of Ruins, Nabu Press, 2011, p523



Figura 47 Disponível em <https://culturezvous.com/wp-content/uploads/2021/04/desert-de-retz.jpg> (consultado a 20/11/2021)

Também as gravuras dos cárceres de Piranesi (Figura 48) mostram afinidades com as ruínas através da configuração espacial pertencente à imagem que Piranesi manteve da antiguidade. Dos Cárceres de Piranesi é possível extrair a ideia de repetição infinita do espaço, de movimento, e transição.<sup>79</sup>



Reprodução in 'Cárceres a Duas Vozes'  
| Piranesi e Ana Maria Tavares, 2015

Figura 48 Disponível em <http://www.museumachadocastro.gov.pt/Data/Content/Images/Museomania/dia%20de%20hoje/foto2.jpg> (consultado a 20/11/2021)

A ideia de infinito também pode ser encontrada na obra de Yona Friedman. Os projetos de Friedman invocam a ideia através da repetição de estruturas modulares. O arquiteto introduziu também a ideia de que é necessário criar uma arquitetura que seja móvel e mutável<sup>80</sup>. No caso de uma habitação, por exemplo, em que seja útil haver uma extensão de espaço, então deve ser

<sup>79</sup> HUYSEN Andreas; Nostalgia for Ruins. *Grey Room*, 2006

<sup>80</sup> Disponível em [http://www.yonafriedman.nl/?page\\_id=225](http://www.yonafriedman.nl/?page_id=225) (consultado a 20/11/2021)

possível executar essa extensão. As técnicas e processos construtivos tradicionais não permitem esta flexibilidade, mas com a introdução do pensamento modular e de novas técnicas, esta ideia pode tornar-se realidade. Por sua vez, a ideia de que a arquitetura pode ser flexível, móvel, e mutável, dá origem à ideia de que a arquitetura pode também ser improvisada.<sup>81</sup>

A articulação entre os dois conceitos gerais, o valor da ruína e a repetição modular, quando aliados ao conceito de *In-Between Space*, formam as linhas gerais do pensamento arquitetónico do projeto final de arquitetura para a Alburrica/Braamcamp (Figura 49) que se descreve no capítulo seguinte .

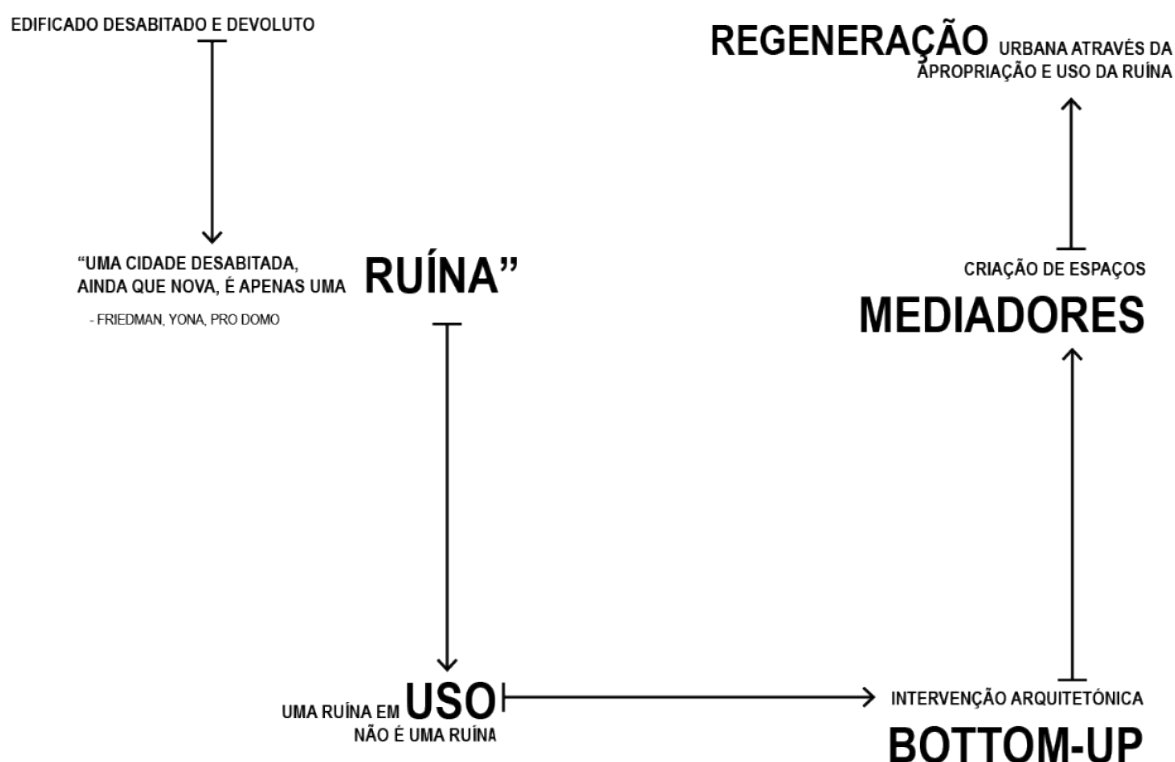


Figura 49 Diagrama Teórico

Se considerarmos que o pensamento modular na arquitetura como realidade associada à produção em massa e à revolução industrial, tendo em conta o passado industrial do Barreiro, a questão modular afigura-se como um apontamento pertinente em relação à história e identidade da cidade. Quando aplicado numa perspetiva artística, o pensamento modular evoca invariavelmente a imagem do Holandês M.C. Escher<sup>82</sup> (figura 50), cujas obras em alguns casos

<sup>81</sup> <https://www.archdaily.com/781065/interview-with-yona-friedman-imagine-having-improvised-volumes-floating-in-space-like-balloons>

<sup>82</sup> Disponível em <https://mcescher.com/> (consultado a 20/11/2021)

também remetem para a ideia de repetição infinita. Por sua vez, as escadarias de Escher também remetem para os cárceres de Piranesi (Figura 48).

Numa carta de Wagenaar a M.C. Escher, em tom de crítica, é referida que algumas das suas composições modulares tornam impossível distinguir entre figura e fundo, uma vez que ambos os elementos exercem ambas as funções entrando em mutua e contínua competição uns com os outros.<sup>83</sup> Aplicando a mesma lógica à arquitetura, é como se surgisse uma interpenetração entre o objeto arquitetónico e o seu fundo, o local. As barreiras entre o objeto e o contexto, o local e construindo, o humano e o natural, o novo e a ruína, são esbatidas, e ambos os polos tornam-se protagonistas. O local deixa de servir de fundo ao projeto, tornando-se parte integrante deste.

Em obras como a “Relatividade”<sup>84</sup> (Figura 50), é de notar a presença da figura humana que confere escala, uso, e movimento ao percurso geometricamente impossível, realçando a ilusão ótica e acrescentando a ideia de percurso ao espaço representado nas gravuras.



Figura 50 Relatividade - M.C.Escher. Disponível em <https://mcescher.com/gallery/impossible-constructions> (consultado a 20/11/2021)

---

<sup>83</sup> "...in my opinion, it is not right that you make representations without backgrounds. These are compositions in which background and figure take turns changing functions. A continuing competition exists between the two, and it isn't even possible to continue seeing one element as figure. Irresistibly the elements functioning originally as background present themselves cyclically as figures." - J. W. Wagenaar, (private letter to M. C. Escher) Leonardo, Pergamon Press, 1979, Vol. 12

<sup>84</sup> Disponível em <https://mcescher.com/gallery/impossible-constructions> (consultado a 20/11/2021)

## CAPÍTULO 3

### 3.1 LOCALIZAÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO

O património do Barreiro estende-se por diversas categorias e períodos históricos, podendo ser caracterizado como Ferroviário, Químico, Moageiro, Natural, e Religioso. O património mais predominante na Alburrica e zona envolvente é o moageiro, natural, e religioso, e são estas vertentes do património melhor caracterizam a zona.

De acordo com a associação Barreiro Património Memória e Futuro<sup>85</sup>, a Alburrica e o Vale do Coina foram pontos fundamentais da expansão portuguesa devido à existência dos fornos cerâmicos a Mata da Machada utilizados para a produção de pão de açúcar, da Fábrica Real do Biscoito, o moinho de maré D'el-Rei, o moinho de maré de Palhais, os Fornos de Cal, e os Estaleiros Navais da Ribeira das Naus do Coina, na Telha Velha, os moinhos de maré do Duque e do Maricote (Sul do Barreiro), e os moinhos de maré Pequeno, Grande, do Cabo, e da Braamcamp.<sup>86</sup> (Figuras 51 e 52). O produto destas estruturas era, então, usado para abastecer de mantimentos as caravelas e naus portuguesas durante os descobrimentos.

---

<sup>85</sup> Disponível em <https://associacaobarreiropratrimonio.pt/2020/04/11/alburrica-ponta-do-mexilhoeiro-quinta-do-braamcamp/> (consultado a 20/11/2021)

<sup>86</sup> Associação Barreiro Património memória e Futuro, Abril 11, 2020



Figura 51 Moinho Grande



Figura 52 Moinho da Braamcamp



Pontos relevantes ligados ao património religioso são, da mesma época, a Igreja de Nossa Senhora da Graça, Capela de Santo André, Convento da Madre de Deus, pórtico da Igreja de São Francisco, a Capela da Misericórdia e a Igreja de Santa Cruz.

Segundo a Câmara municipal do Barreiro, nos séculos XV a XVI existia no lugar da atual a igreja de Nossa Senhora do Rosário uma ermida dedicada a S.Roque. A dado momento, a Confraria de S. Roque cedeu a ermida à Irmandade de S. Pedro, constituída em 1629 por pescadores e Barreirenses ligados ao mar. Em 1736 teve início a romaria à imagem venerada na ermida, a Senhora do Rosário, que dá origem á nova designação da ermida. Finalmente, No final do séc. XVIII o crescente numero de devotos e romeiros que aí se dirigiam, a rainha D.Maria I autorizou a construção da igreja no lugar da ermida por parte dos membros da Confraria dos Escravos de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Rosário.<sup>87</sup> Que organizam anualmente a procissão da Via Sacra.

A identidade sensorial da Igreja é marcada pela complexidade visual da talha dourada do altar-mor onde se encontra a imagem da Senhora do Rosário, a contrastar com as paredes brancas e austeras, pelo uso de pedra lioz, e pelos azulejos barrocos da sacristia (Figura 53).



Figura 53 Igreja N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Rosário

### **3.2 VISÃO GERAL PARA O SISTEMA BRAAMCAMP/ALBURRICA (FASE DE GRUPO)**

<sup>87</sup> <https://www.cm-barreiro.pt/conhecer/patrimonio-historico-cultural-e-equipamentos/patrimonio-religioso/igreja-de-nossa-senhora-do-rosario>

Como síntese das intenções de grupo foi elaborado um manifesto que defende os seguintes pontos:

1. Económico: Criação de valor económico; Simbiose entre público e privado; Lugar de Uso e Uso de Lugar; Crescimento sustentável.
2. Patrimonial: Aumento do valor patrimonial; Local de permanência; Património ambiental; Reativar atividades; Relação Espaço/população.
3. Social: Interação social; Lugar de memória; “Um lugar da Cidade”; Complementaridade e diversidade; Articulação dos agentes locais.

Destes pontos e dos ODS surgiram as primeiras intenções de projeto comum (Figura 54), que foi trabalhado numa lógica de observatório capaz de funcionar numa rede existente de observatórios (Figura 55).

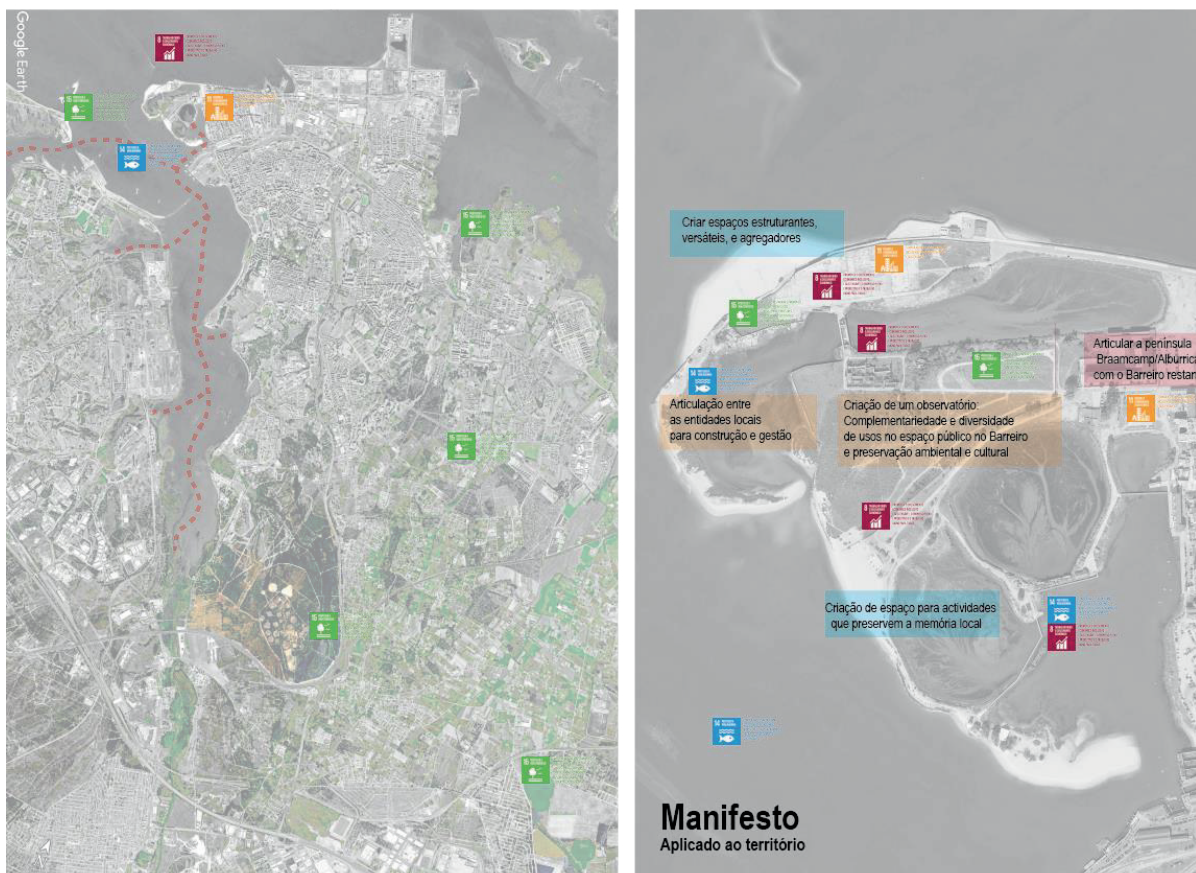


Figura 54 Manifesto



Estes dados, cruzados com as informações recolhidas durante as metodologias participativas e as informações gerais sobre o território do barreiro, permitiram então tecer em grupo uma rede de caminhos que vai estruturar as intervenções da Braamcamp/Alburrica - (1) Os percursos da água; (2) das aves; (3) do património, (4) das artes; e (5) da via sacra (Figura 57).

1. O caminho da água pretende tecer as atividades e localizações diretamente ligadas ao uso da água, como as atividades piscatórias da parte norte da península, ou piscina da Braamcamp. pretende ainda estabelecer uma ligação fluvial com a montante do rio Coina.
2. O caminho das aves estabelece uma ligação entre as manchas verdes do território e a Mata da Machada, e entre os pontos da Braamcamp/Alburrica mais propícios à observação da deste tipo de fauna, nomeadamente a zona arborizada imediatamente a Leste das ruínas e as caldeiras da Alburrica, sendo zonas naturais de nidificação e alimentação, respetivamente.
3. O caminho do património pretende fornecer um leitura conjunta do património disperso pelo Barreiro, em especial das ruínas da Braamcamp, os fornos de cerâmica da Mata da Machada, e dos moinhos de vento e de maré que existem no Barreiro, no Seixal, e ao longo do Coina.
4. O caminho das artes transporta atividades de associações como a ADAO e a MOLA para a área central da intervenção e para a parte norte da península da Alburrica. O objetivo deste percurso é que as atividades relacionadas com a produção e exibição artística possam dinamizar o uso das ruínas. Este caminho culmina com a criação de um anfiteatro natural a norte das ruínas resultado que servirá de espaço público agregador e de elemento de enquadramento das ruínas.
5. O caminho da Via Sacra pretende ligar as Igrejas do Barreiro histórico através da Rua Joaquim António D'Aguiar e Rua Almirante Reis e recuperar a ligação histórica entre a procissão e a Alburrica, visível na extensão das rua até à quinta Braamcamp. Este percurso irá passar também pelos moinho de maré cujo produto era doado à confraria encarregue da preparação da procissão.

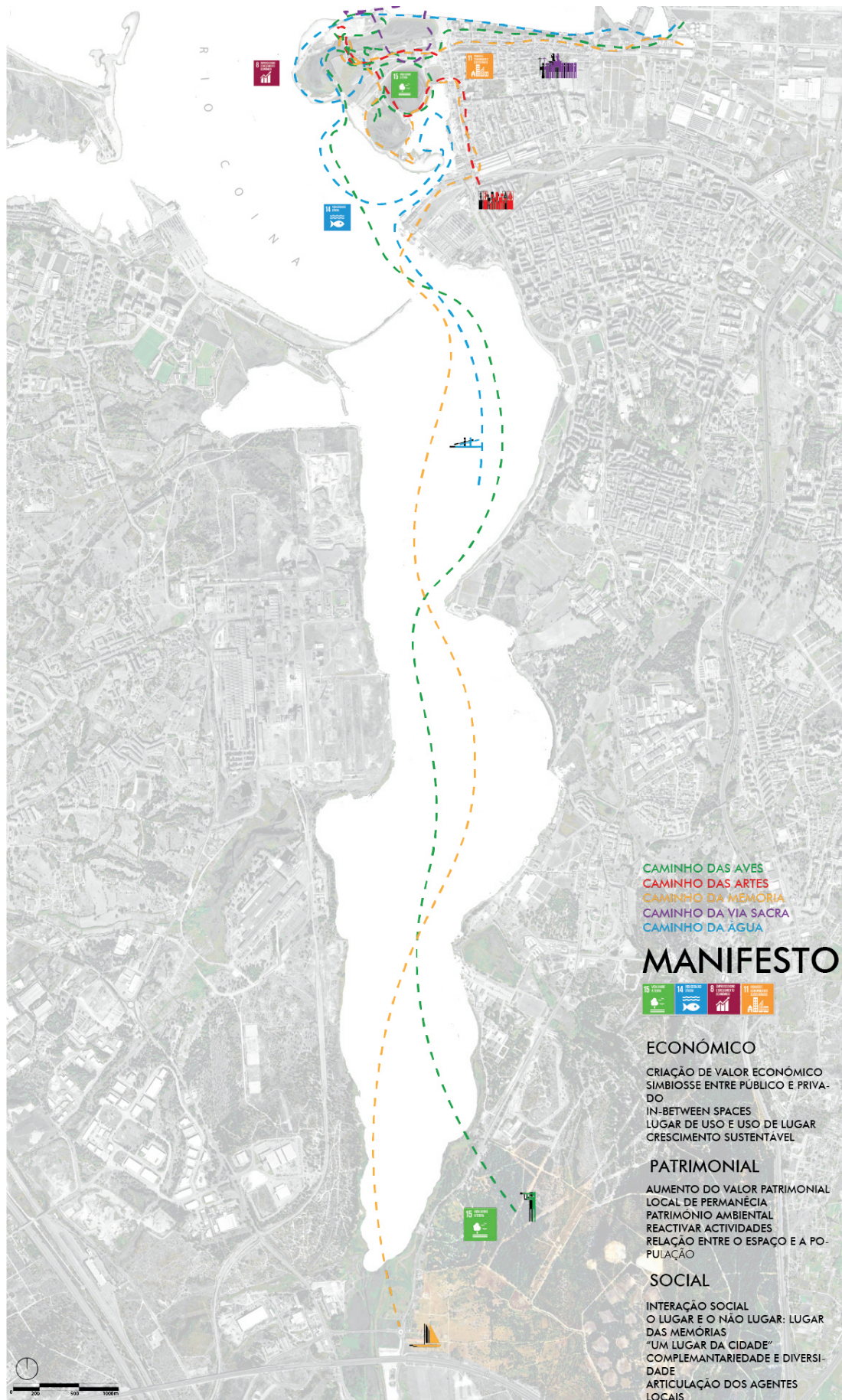


Figura 57 Mapa dos Caminhos

De forma a criar uma lógica comum de intervenção, o projeto de grupo passa também pela colocação de estruturas modulares ao longo de todo o sistema Braamcamp/Alburrica de forma a servir os caminhos definidos (Figura 58).

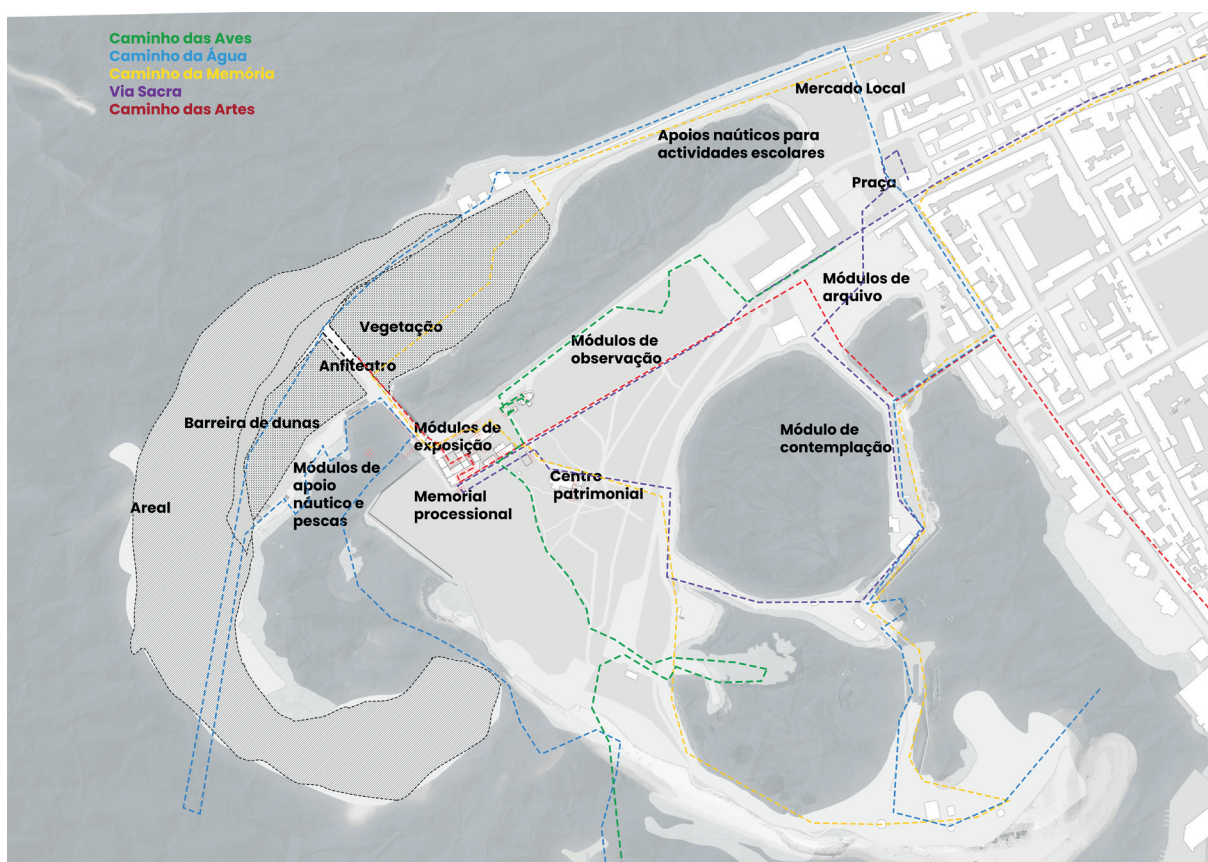


Figura 58 Visão geral para o território

Após estabelecidos os caminhos e as metodologias de intervenção, foi decidido que a área de intervenção de grupo (Braamcamp/Alburrica) seria dividida em dois focos de intervenção individuais, mas relacionados entre si: A Quinta Braamcamp, e o Largo N<sup>o</sup> Sr<sup>a</sup> do Rosário (Figura 59). A zona de intervenção abordada na Fase Individual deste projeto é a Quinta Braamcamp.

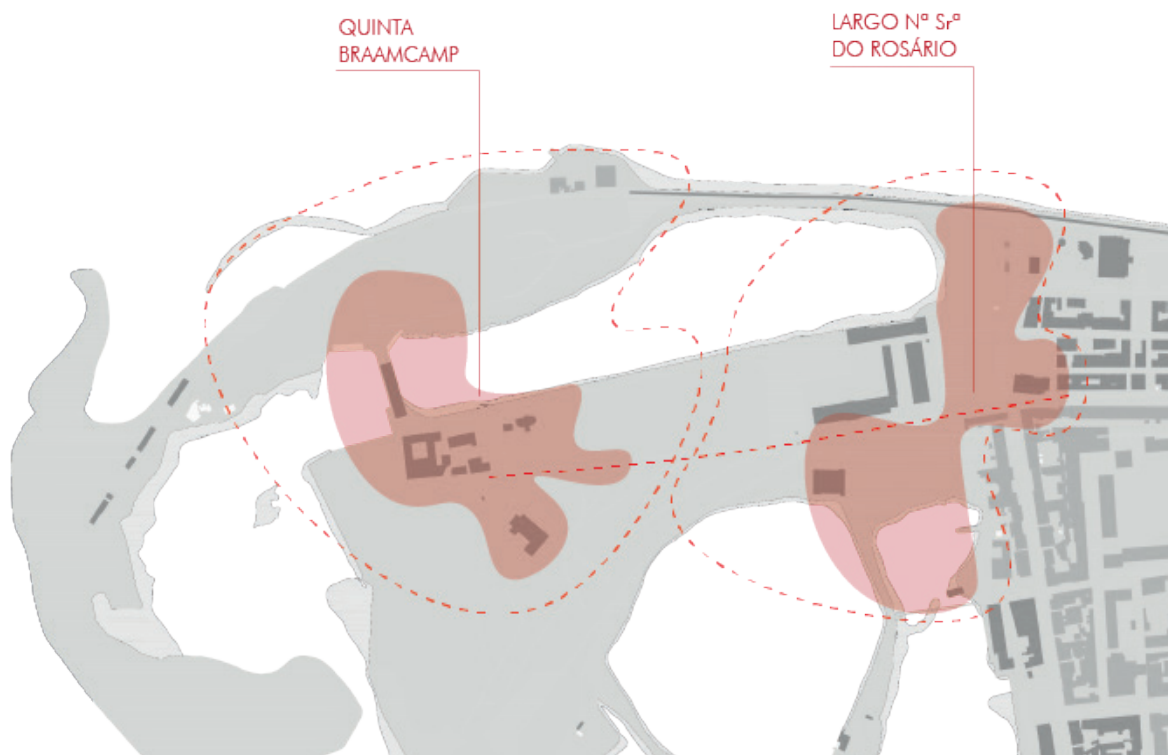


Figura 59 Focos de Intervenção

### 3.3 A QUINTA DO BRAAMCAMP

A Quinta do Braamcamp insere-se na lógica das “quintas de veraneio” construídas nas imediações do estuário do Tejo entre os séculos XIV e XIX . O primeiro proprietário foi o holandês Geraldo Venceslau Braamcamp, primeiro Barão de Sobral, que terá usado a quinta Braamcamp, na Ponta do Mexilhoeira, como um importante espaço de criação de bichos-da-seda, para os quais terá procedido à plantação de um pomar de amoreiras nos terrenos da quinta a fim de os sustentar. O fio produzido seria depois transportado para fábricas em Portalegre<sup>88</sup>. Após a morte do Braamcamp, a quinta é vendida a uma família inglesa, os Wheelhouse, e passa a ser conhecida como “Quinta dos Ingleses”. Contudo, o moinho nunca perde a toponímia do Braamcamp.

Os Wheelhouse introduziram o fabrico de pão, atividade que já exerciam desde 1830 numa fábrica no antigo Convento de S. Francisco, hoje Museu do Chiado. Em 1884 os Wheelhouse vendem a quinta aos Reynolds que a convertem num foco de produção de pranchas de cortiça, atividade que antes exerciam no Alentejo. No ano seguinte, a quinta sofre as obras que finalmente a transformam na sua habitação permanente. Nesta altura, a tipologia funcional da quinta desdobrava-se em habitação, armazéns, fábrica de bolachas, moinho de maré, terras de cultivo, e espaços arborizados. Durante a segunda grande guerra, os ingleses foram vistos com suspeita por parte da PVDE tendo sido alvos de vigilância e acusados de apoiar grevistas com bens alimentares a greve de julho 1943. A quinta é depois vendida a uma empresa inglesa, The CorkCompany Ltd no<sup>89</sup> seguimento da falência dos Reynolds, que continuam a habitar o palácio da quinta até 1969.

Em 2011, um incêndio, de origem criminosa, reduziu o moinho setecentista ao estado de ruína (Figura 60). Um segundo incêndio, proporcionou a mesma sorte às instalações fabris, armazéns, e ao palacete oitocentista (Figura 61) que tinha servido de habitação aos Ingleses.<sup>90</sup>

No que toca ao património natural, é de notar que a zona é um ponto de nidificação importante para aves como as garças, tendo uma grande biodiversidade.

---

<sup>88</sup> Disponível em <https://associacaobarreiropratrimonio.pt/> (consultado a 22/11/2021)

<sup>89</sup> CARMONA Rosalina - Pela Memória. Nota histórica sobre a Quinta Braamcamp - 26.05.2020 - 18:09 Disponível em <https://www.rostos.pt/inicio2.asp?cronica=11000590> (consultado a 22/11/2021)

<sup>90</sup> idem





*Figura 60 Moinho de maré em ruínas*



*Figura 61 Palacete em ruínas*

### 3.3.1 PROJETO NA QUINTA DO BRAAMCAMP (FASE INDIVIDUAL)

A proposta de intervenção na Quinta do Braamcamp desenvolve-se ao longo da ideia central de espaços de mediação *In-Between Spaces* e da valorização da ruína através da sua ativação e do seu enquadramento no território ao qual pertencem.

Adicionalmente, foi realizado um levantamento dos edifícios notáveis da península (Figuras 62 a 66).

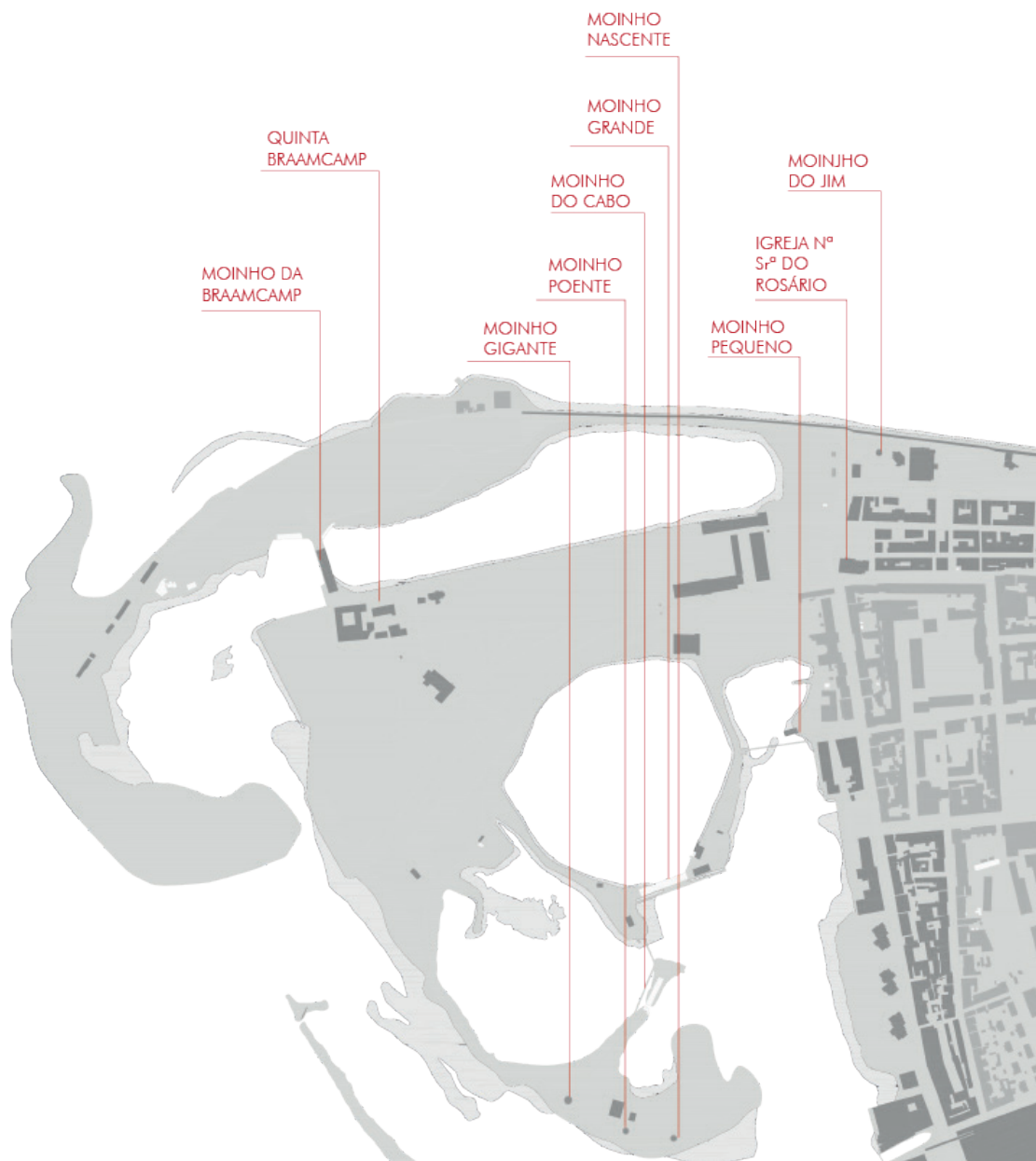


Figura 62 Planta de localização do levantamento



Figura 63 Levantamento dos alçados da Igreja

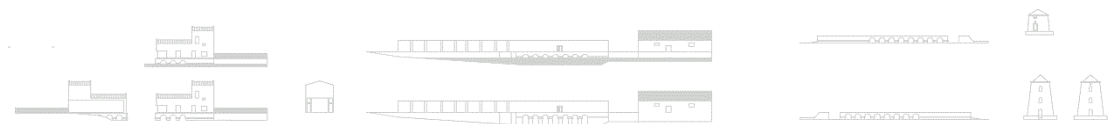


Figura 64 Levantamento dos alçados dos moinhos Pequeno, Grande, Do Cabo, E moinhos de vento (Nascente/poente e Jim/Gigante). Da esquerda para a direita.

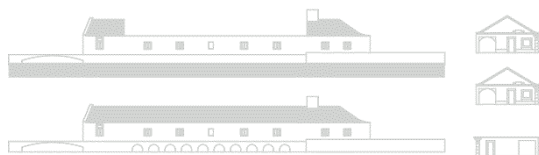


Figura 65 Levantamento do moinho da Braamcamp



Figura 66 Levantamento dos alçados originais e atuais da Quinta do Braamcamp: Poente, Sul, e Norte (da esquerda para a direita)

A estratégia definida para a proposta de intervenção tem como ponto de partida a zona norte da península, pós-industrial, que deve passar a ter uma leitura natural humanizada através da introdução de espécies arbóreas naturais desta área geográfica como o pinheiro marítimo ou o sobreiro com o objetivo de expandir a zona verde de nidificação existente. A par da introdução das árvores, pretende-se criar, também, uma barreira dunar com objetivo de criar uma nova topografia capaz de proteger a zona central da Alburrica dos ventos de Norte e que deve formar um anfiteatro natural capaz de enquadrar visualmente as ruínas. A junção destes dois elementos poder também servir de tática para combater a subida das águas do mar (figuras 67 e 68).



*Figura 67 Enquadramento norte (topografia arborizada)*



*Figura 68 Anfiteatro Natural*

A parte central da Alburrica onde existem as ruínas da Quinta do Braamcamp é o ponto focal da intervenção. O local será o novo ponto de confluência dos caminhos definidos anteriormente. Através desta confluência de usos e vivências pretende-se facilitar a existência de múltiplos eventos capazes de se influenciar e reforçar a vida do território. (Figuras 69 e 70) Tendo por base a versatilidade e multiplicidade de usos ao longo da história deste território, (casas de habitação, armazéns, fábrica de bolachas, moinho de maré, terras de cultivo, espaços arborizados, produção de cortiça, criação de bichos da seda..), é necessário que qualquer intervenção nasça de um espírito de continuidade em relação à versatilidade do do espaço.



*Figura 69 Montagem conceptual da Quinta Braamcamp*



*Figura 70 Estrutura versátil na Quinta Braamcamp*

Com estes objetivos, procurou-se uma solução modular inspirada nas diretrizes de Yona Friedman<sup>91</sup>. Desta forma, de acordo com o mesmo, os módulos devem ser versáteis, de baixo custo, e facilmente reorganizáveis. Devem ser também apoiados num esqueleto/grelha/suporte que permita uma composição livre dentro de uma estrutura definida nas suas métricas mas mutável na sua configuração. No caso desta proposta, a grelha base funciona num sistema de 3x3m que se pode estender ao longo de toda a Braamcamp conforme necessário, ocupando assim as ruínas preexistentes com diferentes funções que devem ter a capacidade de serem redefinidas pelos utilizadores,<sup>92</sup> aberta a improvisação, efémera e sem estado final (Figuras 71 e 72).<sup>93</sup>

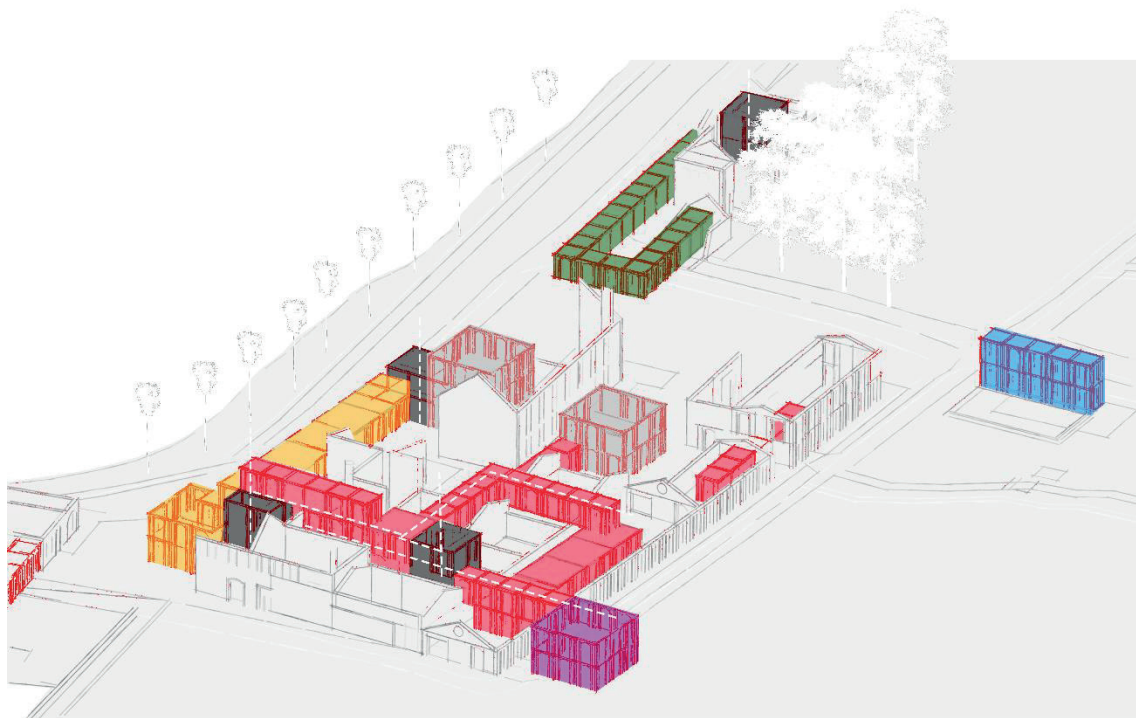


Figura 71 Intervenção na Quinta Braamcamp

<sup>91</sup> FRIEDMAN, Yona - Pro Domo 2006

<sup>92</sup> FRIEDMAN, Yona - Pro Domo, p138 2006

<sup>93</sup> FRIEDMAN, Yona - Pro Domo, p216 2006

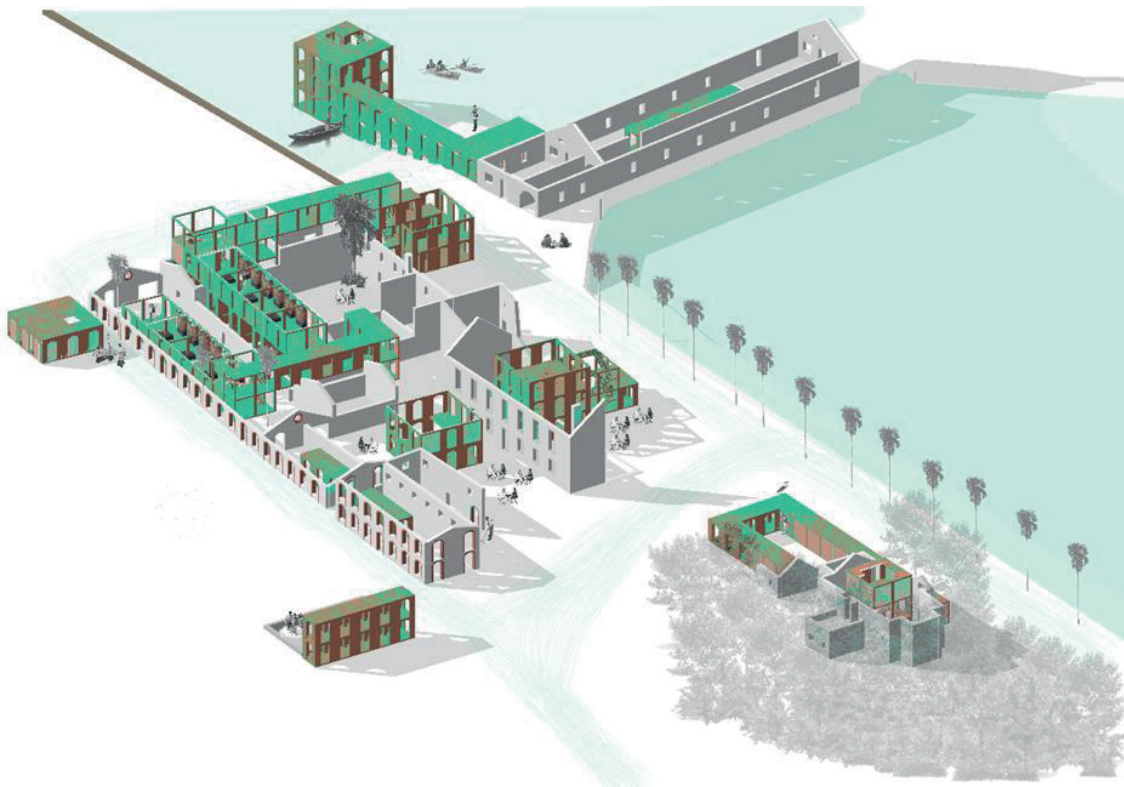


Figura 72 Intervenção na Quinta Braamcamp

### 3.3.2 SOLUÇÃO MODULAR

O pensamento modular assenta em quatro princípios base: Vivências (usos da população), Programa (módulos), Ambientes (ruínas), e Sensações (módulos + ruínas). A lógica da sua aplicação no projeto passa pela resposta a uma vivência existente no território, um programa modular que através da interação com as ruínas modeladoras de um determinado ambiente, é capaz de criar certo tipo de sensações (Figura 73).

Neste sentido, a relação Módulos/Ruína estrutura-se da seguinte forma: As ruínas (A) em junção com os módulos (B) dão origem a um *In-Between Space* (a/b) (Figura 74) (Figura 75). Dependendo da natureza morfológica das ruínas (agregador, condutor, segregador, focal) e da natureza programática dos módulos (permanência, exposição, memorial, observação, deambulação), surgem possibilidades de uso (eventos, pesca, lazer, etc.).

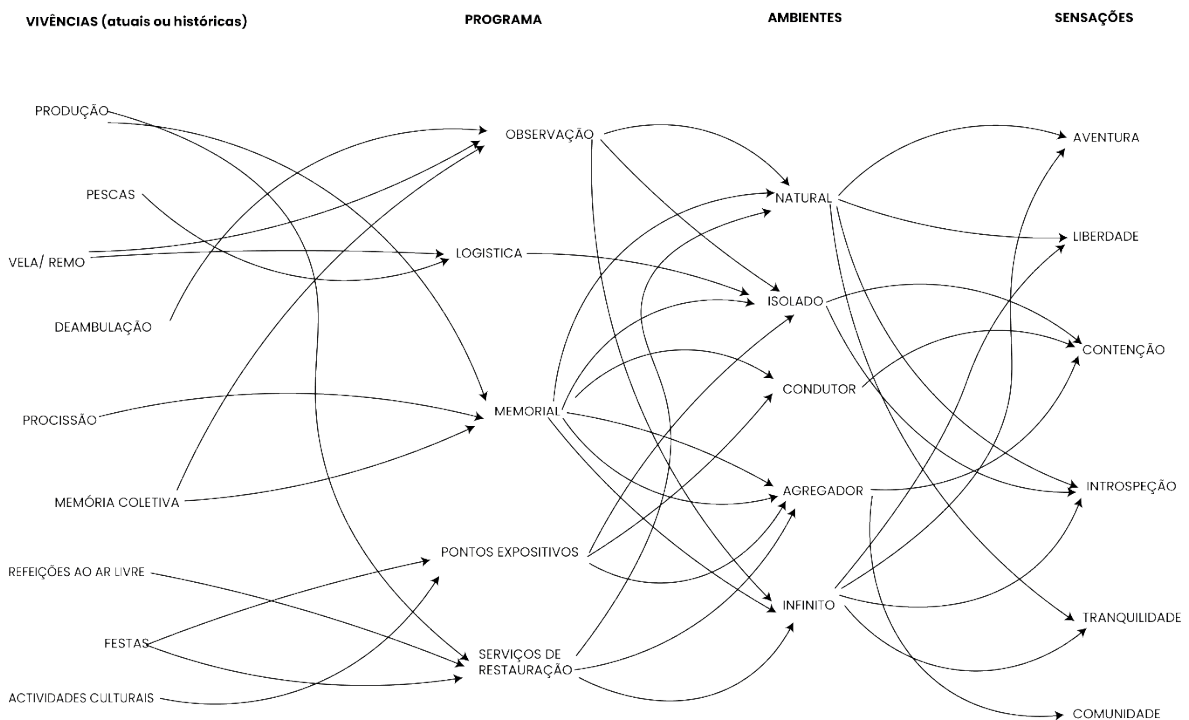


Figura 73 Esquema vivências, programa, ambientes, e sensações)



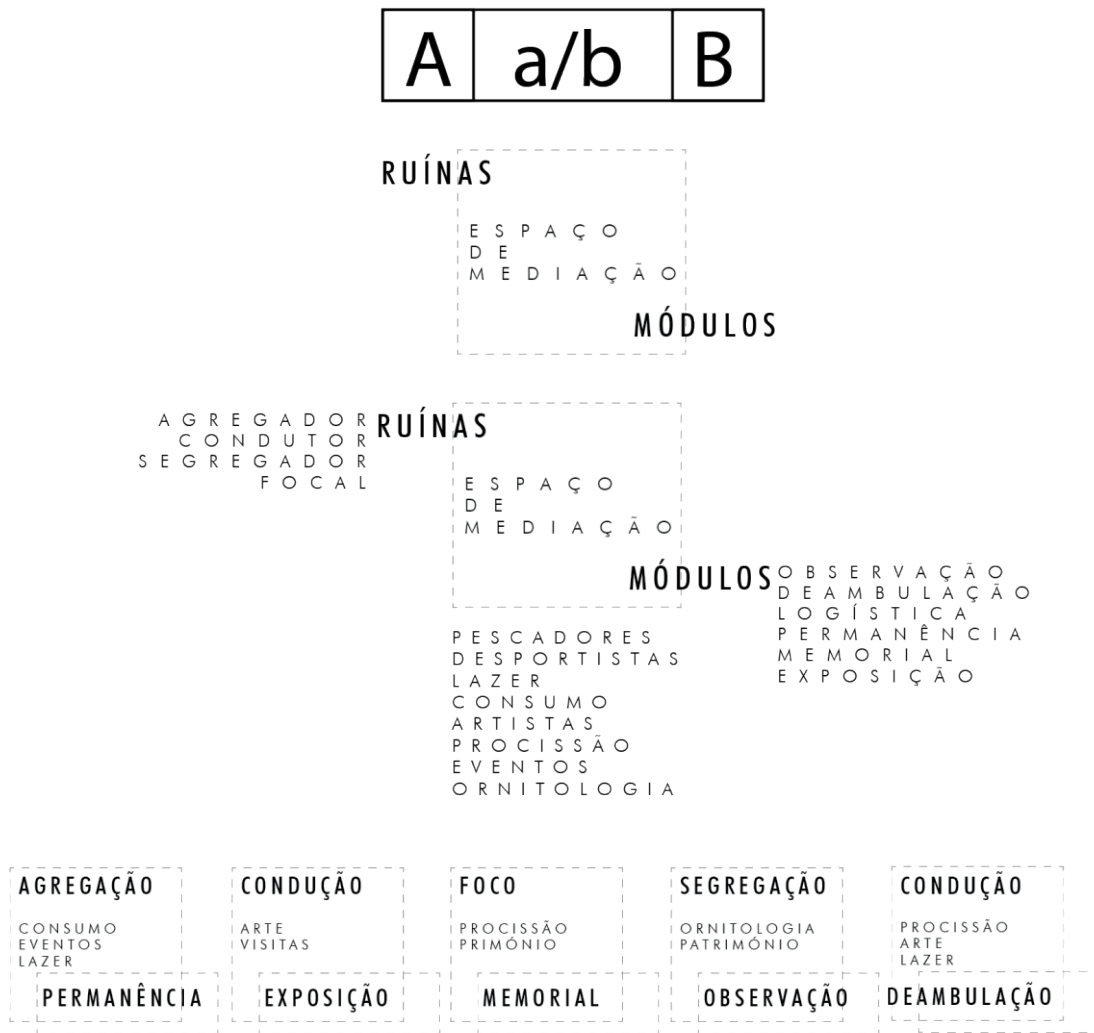


Figura 74 Esquema In-Between Spaces

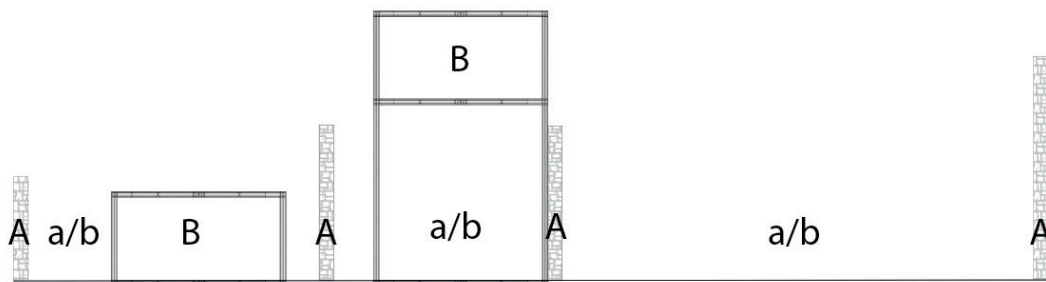


Figura 75 Esquema In-Between Spaces

Tendo em conta este conceito, foram criados seis tipologias modulares base para responder ao programa proposto: Módulos de permanência, deambulação, exposição, memorial, observação, e logística. Estas tipologias foram desenhadas de forma potencializar dinâmicas observador/objeto específicas (Figura 76).

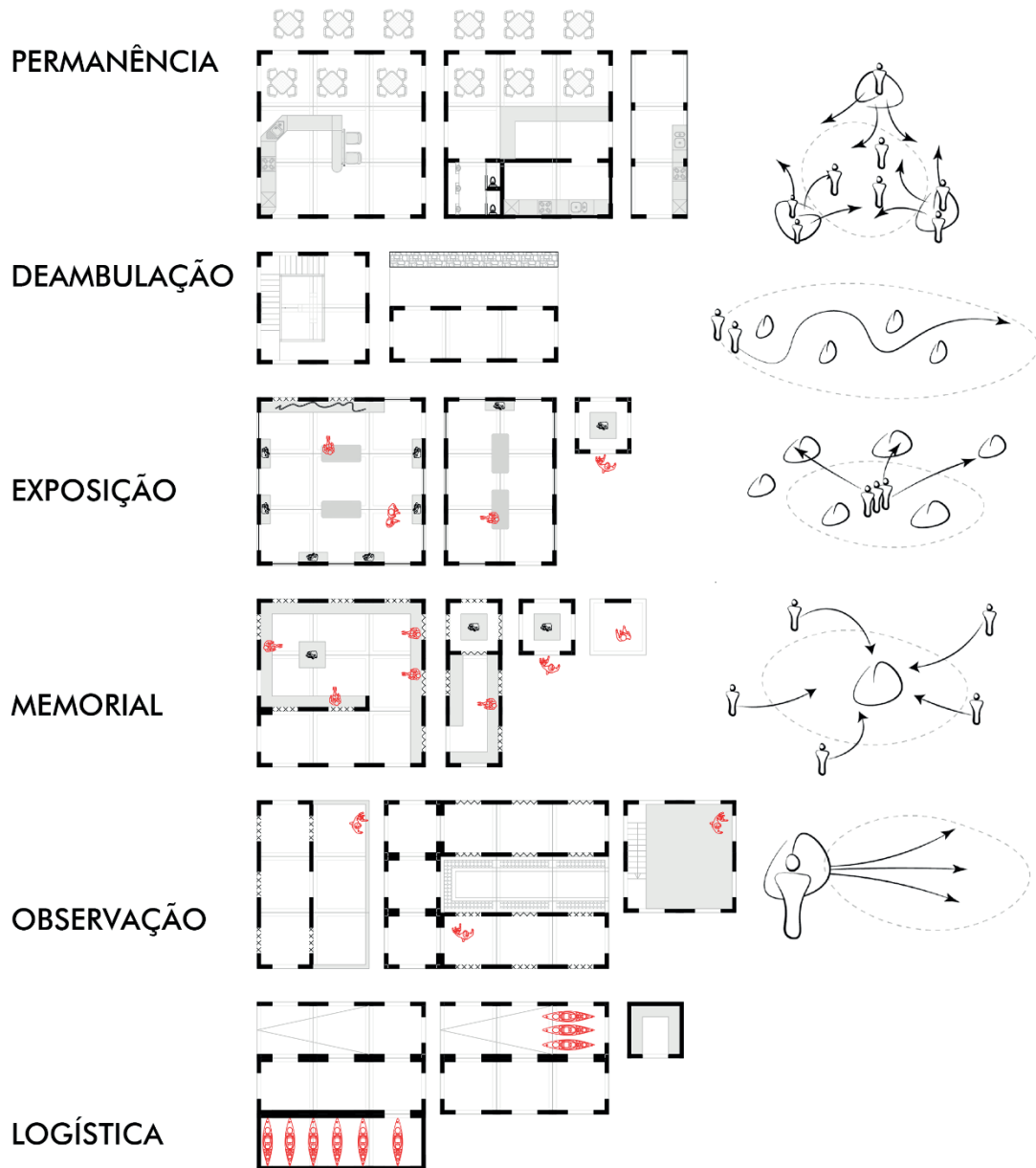


Figura 76 Tipologias modulares e dinâmicas observador/objeto

Assim, a ocupação das ruínas pelos módulos pode ser traduzida na seguinte morfologia (Figuras 77, 78, 79)



Figura 77 Ocupação modular das ruínas



Figura 78 Ocupação modular das ruínas (planta superior e inferior)

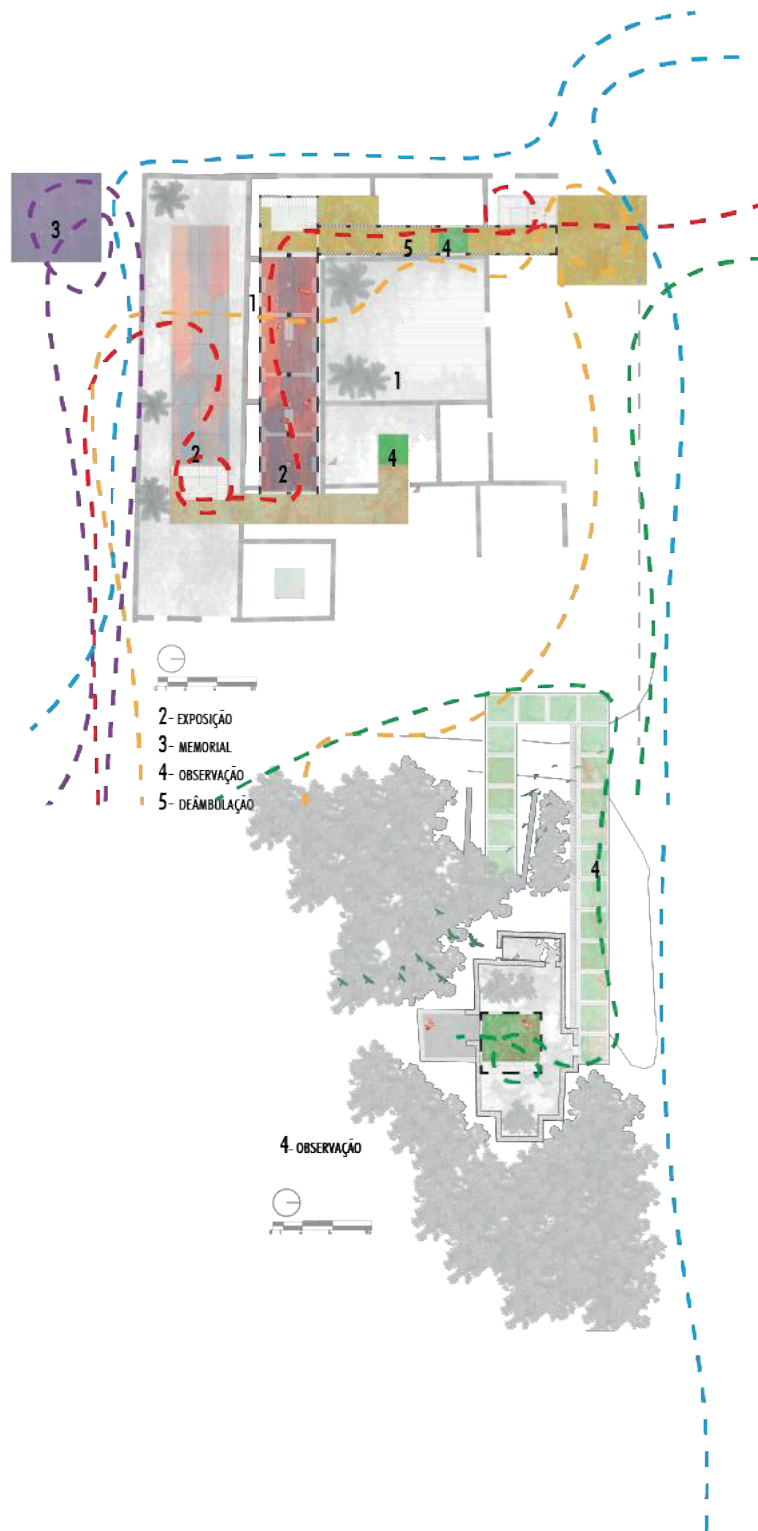
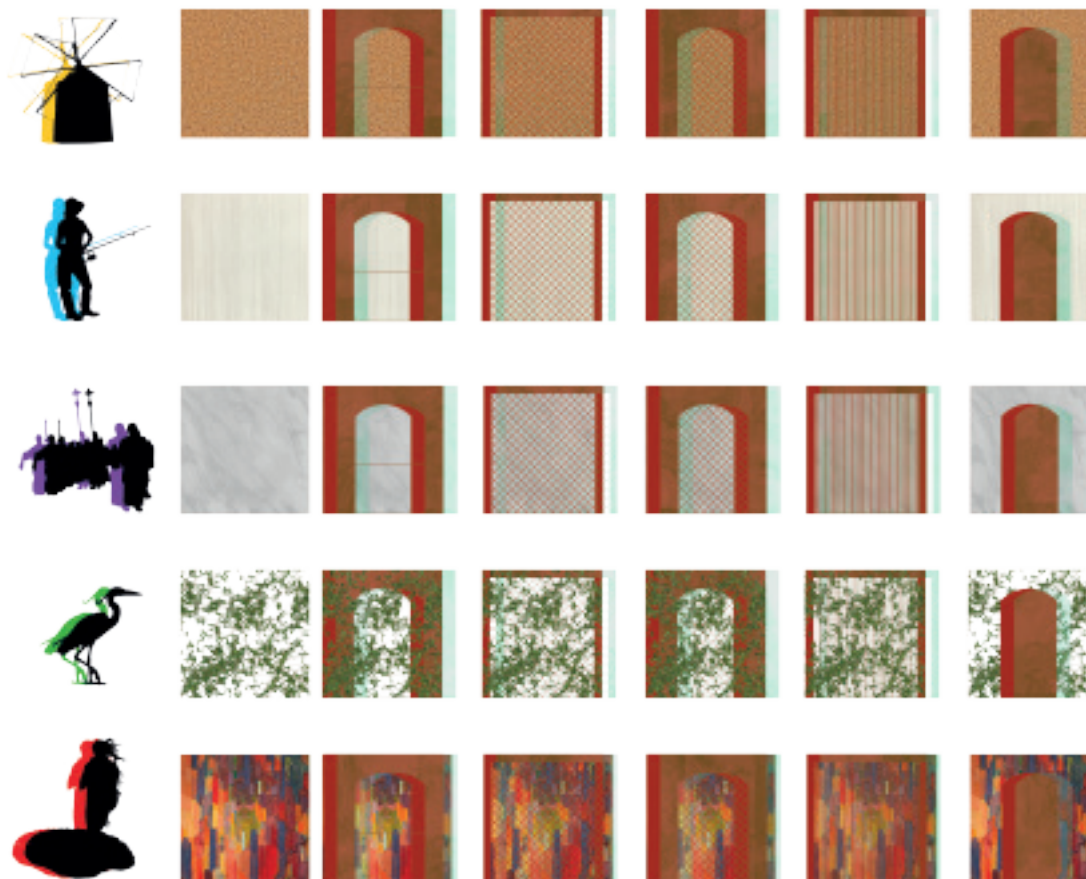


Figura 79 Ocupação modular das ruínas (núcleo central e observatório de aves)

Cada um dos caminhos será caracterizado pela existência de uma materialidade única: Madeira, vegetação, cortiça, tinta, e pedra, para os caminhos da água, aves, património, artes, e via sacra, respetivamente. A materialidade do interior dos módulos deve também refletir a identidade do território e do percurso ou atividade principal a que estão associados. Segundo o Arquiteto Nuno Lourenço do atelier Risco, historicamente, devido à escassez de recursos a cidade acaba por ser necessariamente mais harmoniosa e integrada no seu contexto local natural.<sup>94</sup> Atualmente, as mesmas lógicas de recursos e de fornecimento de matéria prima já não se aplicam de forma imperativa num mundo globalizado, mas podem ser aplicadas por questões ambientais ou históricas. (Figura 80 ).



Os módulos nascem de uma métrica base de três metros por três metros de forma a evocar a identidade do local na forma do alçado Sul das ruínas (figuras 81). À estrutura base podem ser acoplados painéis opacos, translúcidos, ou vazados.

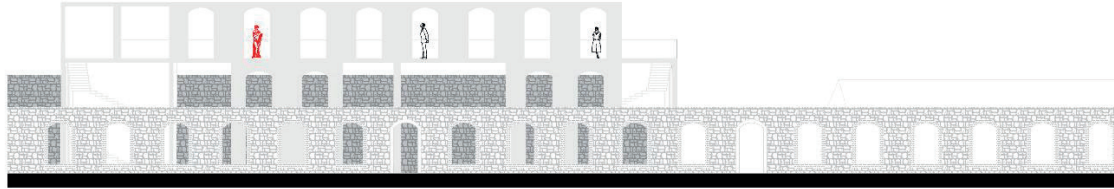


Figura 81 Relação módulos/ Alçado Sul.

Desta forma, a intervenção na Braamcamp deve seguir as seguintes diretrizes:

- 1- Cada espaço entre ruínas deve ser servido por um ou mais módulos multifuncionais, tornando-se Espaço de Mediação entre os módulos e as ruínas.
- 2- Cada Espaço de Mediação deve ter um ambiente associado a um uso, mas deve ser flexível para permitir diversas atividades.
- 3- Cada espaço de mediação deve criar um ambiente relacionado com a identidade local, estabelecendo harmonia entre a paisagem construída e a paisagem natural
- 4- Cada Espaço de Mediação deve ter uma relação com a natureza, quer através da sua integração no espaço quer através do sistema de vistas.
- 5- O sistema de Espaços de Mediação deve estabelecer camadas com diferentes níveis de permeabilidade visual de forma a seduzir os observadores exteriores.
- 6- Através do uso, o sistema de espaços entre o módulos e as ruínas devem ser servidos pelos primeiros de forma a regenerar os segundos.

Os módulos centrais do projeto serão então dispostos de estrategicamente de modo a criar uma relação simbiótica com as ruínas existentes na forma de espaços de medição. (Figura 82)



Figura 82 Vista geral das ruínas com módulos

A título de exemplo, uma ruína cuja morfologia tenha a potencialidade de abrigar um espaço agregador pode ser emparelhada com uma estrutura modular dedicada à restauração. O espaço resultante desta junção torna-se então um espaço de lazer/permanência propício ao consumo e à realização de eventos (Figura 83).



Figura 83 Espaço de Permanência



Atualmente, os pescadores dispõem de pequenos abrigos informais de chapa o madeira para material seco, e de algumas plataformas flutuantes de base aproximadamente quadrangular, para acesso mais direto a algum material. Alguns desses abrigos já não são utilizados como apoio à pesca, sendo utilizados por familiares dos pescadores para lazer durante os fins-de-semana. Os módulos dedicados ao pescadores na margem norte seguem a mesma linguagem dos módulos das ruínas e devem der adaptados de formar a suprir as mesmas necessidades. Podem funcionar numa base de 3 metros por 3 metros, 3 por 6, ou 6 por 6, com 1 ou dois níveis. No caso dos módulos com 2 níveis, o nível inferior pode servir de espaço para armazenar as material de pesca enquanto que o piso superior pode servir de abrigo ou de ponto de observação. Se o módulo de dois níveis estiver colocado na água, como as pequenas plataformas existentes atualmente, então o primeiro nível, submerso conforme a maré, serviria de ponto de contacto com a água, enquanto que o nível superior serviria de espaço de armazenamento. A mesma lógica deve ser aplicada ao areal do extremo norte da península: Aí os módulos não serão dedicados à atividade piscatória mas sim ao suporte das atividades balneares como pontos de venda e abrigo de materiais desportivos como canoas, caiaques e pranchas.

A base estrutural dos módulos será feita através de perfis metálicos, com revestimento variável. Os módulos que beneficiem de uma maior integração com o a natureza envolvente podem ter uma cobertura texturada ou perfurada que facilite a colonização por parte de espécies vegetais, ou através de um material natural que apresente variações cromáticas com aparência orgânica o longo do tempo, como o cobre e a sua respetiva e progressiva oxidação azul-esverdeada (figura 84).

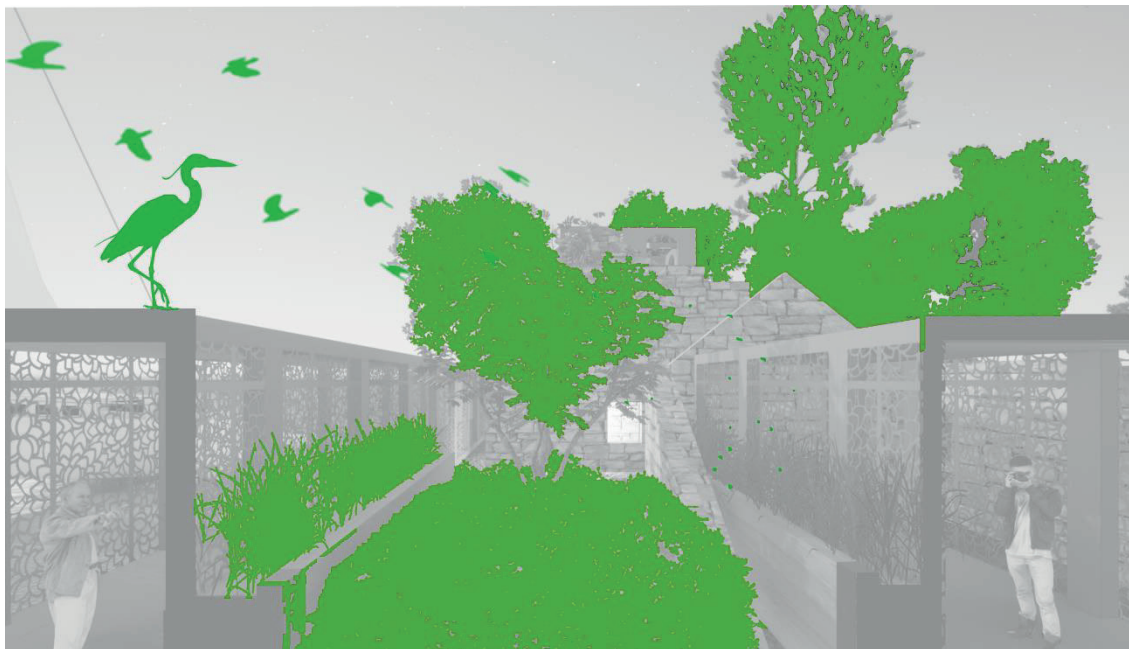


Figura 84 Módulos de observação das aves

Módulos associados à memória histórica o religiosa, podem ter apontamentos que remetam para cada um dos respetivos percursos, como a pedra da Igreja e a cortiça que foi outrora produzida na quinta.

As áreas do projeto que remetem para a exposição artística devem ter capacidade para integrar vários tipos de meios de expressão artística. Atualmente, na Associação Desenvolvimento Artes e Ofícios (ADAO), existem músicos, artistas de stencil e de graffiti, artistas de vidro, artistas visuais, artesãos de barro e madeira, fotógrafos, costura, escultura, entre outros.<sup>95</sup> Assim, a estrutura deve ser capaz de incorporar pontos expositivos de diversas dimensões (Figura 85).



*Figura 85 Módulos de exposição*

As dinâmicas e morfologias modulares apresentadas, bem como os caminhos traçados e a visão geral para o território resultam então na totalidade do projecto, como apresnetado nas plantas e corte seguntes (figura 86, 87, 88).

---

<sup>95</sup> <https://www.adao2830.org/artistas/>



Figura 86 Planta geral da intervenção.

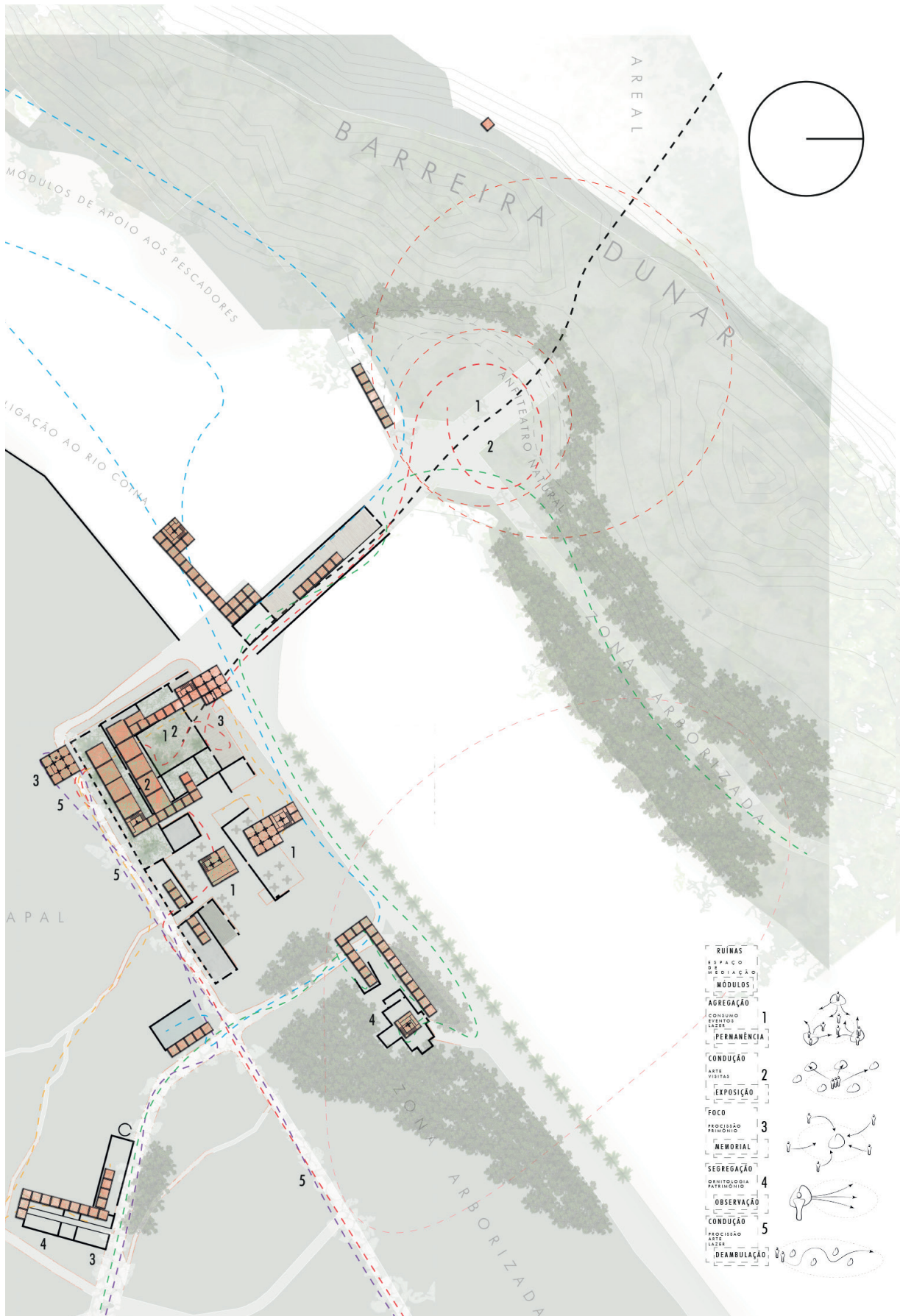
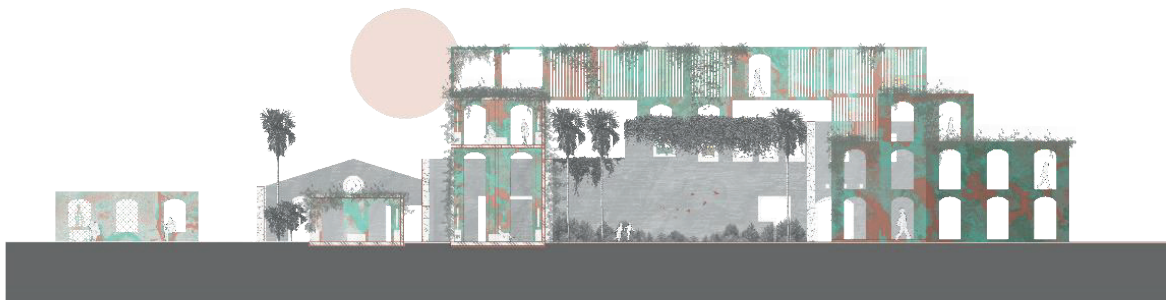


Figura 87 Planta geral da intervenção.



*Figura 88 Corte transversal*



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho foram surgindo várias questões que o texto acima procurou responder. Voltam a ser destacadas nas considerações finais como exercício de reflexão crítica final.

Quais as significações que quem vive e habita a cidade tem sobre o território, e como traduzi-las em arquitetura?

Nesta ótica, será possível afirmar que um valor de uso dependente das qualidades (naturais ou não) de um lugar específico pode ser trabalhado de forma a criar um consumo de lugar que alimente e proteja um determinado lugar de consumo por depender deste inteiramente?

Será possível aplicar esta estratégia a um território como a Alburrica/Braamcamp ?

De onde surge o valor de uso e de que forma o planejamento urbano e o edificado podem fomentar o uso e apropriação da cidade por parte de quem a habita?

Ou seja, de que forma a cidade pode servir de espaço de mediação entre pessoas, ideias, bens, ambientes, e diversas outras atividades?

Como pode o arquiteto usar este aspecto económico como ferramenta para pensar o desenho das suas intervenções?

Para que o projeto final de arquitetura respondesse a estas questões, foram adotadas estratégias de urbanismo tático, sob a forma de intervenção temporária, através da colocação estratégica das três portas da Braamcamp que servissem de catalisador para a intervenção pública e plataforma de expressão pública e pessoal de ideias. Foram também sintetizados os vários usos dados ao território tanto a nível pessoal como a nível coletivo, através de uma pesquisa histórica e de conversas com vários grupos de trabalho compostos por agentes locais.

No caso do território em questão, o espaço é lido e usado atualmente como zona de lazer por quem o visita para passear, conviver, observar a natureza ou fazer refeições ao ar-livre. Anualmente, é também palco de uma procissão religiosa, e foi um espaço ligado à produção de materiais como farinha e cortiça. Sendo isto uma amostra das significações que quem vive e habita detêm sobre o território, procurou-se traduzir estas questões de forma arquitetónica através de um projeto modular e versátil o suficiente para acomodar usos distintos, de os cruzar, e agregar. Desta forma, foi feito um esforço teórico no sentido de analisar autores e conceitos cujos projetos e teorias fossem facilmente articuláveis com o território de intervenção e pudessem alimentar a solução arquitetónica desenhada, dos quais os mais relevantes foram Jan Gehl, Henri Lefebvre, Sou Fujimoto, Bernard Tschumi, Giovanni Battista Piranesi, e Yona Friedman. A solução arquitetónica resultante configura uma estrutura em articulação com as ruínas capaz de agregar espaços de exposição, de observação, de deambulação, de memorial, de permanência, e logística. Espera-se, assim, que esta estratégia de projeto venha a tornara as ruínas da Braamcamp num espaço vivo e agregador capaz de se religar ao restante Barreiro através de um sistema de usos.

A cidade como espaço de mediação entre pessoas, ideias, ambientes, e diversas outras atividades, surge da criação e manutenção de espaços comuns apoiados numa preexistência agregadora. Os espaços de mediação agregam e potenciam vários usos preexistentes reforçando assim a vida urbana, criando focos de atração e conseqüentemente oportunidades económicas apoiadas no usufruto do espaço público e do valor de uso resultante da confluência de pessoas, situações, e acontecimentos.







## BIBLIOGRAFIA

- BUBER, Martin - I and Thou, tradução de Ronald Gregor Smith. Edinburgh: T. & T. Clark, 1937.
- CARERI, Francesco - Walkscapes, Gustavo Gili, 2014.
- CHUL-HAN, Byung - A Sociedade da Transparência, Relógio D'Água Editores, 2014.
- DEBORD, Guy - A Sociedade do Espetáculo, Antígona, 2021.
- FRIEDMAN, Yona - Pro Domo, Actar/Junta de Andalucía, consejería de Cultura, 2006.
- GEHL, Jan - Vida entre Edifícios, Tigre de Papel, 2017.
- HUYSENEN Andreas; Nostalgia for Ruins. *Grey Room*, 2006.
- JACOBS, Jane - Morte e Vida das Grandes Cidades, WMF Martins Fontes, 2017.
- JENKINS, Paul e FORSYTH Leslei - Architecture Participation and Society, Routledge, 2009.
- JOHNSON, Steve - Emergence: The Connected Lives of Ants, Brains, Cities, and Software, 2001.
- KLINGMANN, Anna - Brandscapes, MIT Press, 2007
- LEFEBVRE, Henri - O Direto à Cidade, Livraria Letra Livre, 2012.
- Lefebvre on the Situationists: An Interview - Kristin Ross and Henri Lefebvre, The MIT Press, 1997, disponível em: <https://www.jstor.org/stable/778839>, (consultado a 15/11/2021)
- LYNCH, Kevin - Imagem da Cidade, Edições 70, 2014.
- MACAULEY, Rose - Pleasure of Ruins, Nabu Press, 2011.
- PIATKOWSKA, Ksenia Katarzyna, - Economy and architecture. The role of architecture in process of building the economic potential of space. *Humanities and Social Sciences Review*, 2012.
- SANOFF, Henry - Community Participation Methods in Design and Planning, John Wiley & Sons INC International Concepts , 1999.
- TÁVORA, Fernando - Da Organização do Espaço, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2008 .
- <https://poemalburrica.wixsite.com/umpoema> (consultado a 14/11/2021)
- [https://prezi.com/fntc9m1atboc/barreiro\\_quinta-da-braacamp/?present=1](https://prezi.com/fntc9m1atboc/barreiro_quinta-da-braacamp/?present=1)(consultado a 14/11/2021)

<https://www.rostos.pt/inicio2.asp?cronica=1004344> (consultado a 14/11/2021)

<https://architectureau.com/articles/sou-fujimoto-the-spaces-in-between/> (consultado a 15/11/2021)

<https://unhabitat.org/urban-regeneration> (consultado a 15/11/2021)

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-31082018-160155/publico/DissCorrigidaJoseEduardoHamra.pdf> (Consultado a 15/11/2021).

<https://www.goodreads.com/book/show/2296.Emergence>: (consultado a 15/11/2021)

<https://www.goodreads.com/book/show/2296.Emergence>. (consultado a 15/11/2021)

<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.035/696>, (Consultado a 15/11/2021)

<https://www.jstor.org/stable/778839>, (consultado a 15/11/2021)

<https://www.moma.org/artists/1224>, (consultado a 15/11/2021)

<https://architectureau.com/articles/sou-fujimoto-the-spaces-in-between/> (consultado a 15/11/2021)

<http://vaneyckfoundation.nl/about/>, (consultado a 16/11/2021)

<https://relogiodagua.pt/wp-content/uploads/2016/03/9789896414634.png> (consultado a 16/11/2021)

<https://ourworld.unu.edu/en/contributors/byung-chul-han>, (consultado a 16/11/2021)

<https://www.districtonline.pt/procissao-em-honra-de-na-sra-do-rosario-levou-ontem-milhares-de-pessoas-as-ruas-do-barreiro/>

<https://iranarze.ir/wp-content/uploads/2017/05/6863-English-IranArze.pdf> (consultado a 16/11/2021)

<https://etd.lib.metu.edu.tr/upload/12623525/index.pdf> (consultado a 16/11/2021)

<https://www.fnac.pt/mp4446302/Community-Participation-Methods-in-Design-and-Planning-Hardback-1999>, (consultado a 18/11/2021)

[https://www.infopedia.pt/\\$barreiro](https://www.infopedia.pt/$barreiro) (consultado a 18/11/2021)

<https://www.cm-barreiro.pt/conhecer/historia> (consultado a 18/11/2021)

<http://tacticalurbanismguide.com/about/> e

<https://ria.ua.pt/bitstream/10773/21687/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf> (consultados a 20/11/2021)

<https://poemalburrica.wixsite.com/umpoema> (consultado a 16/11/2021)

<https://gehlpeople.com/> (consultado a 15/11/2021)

<https://divisare.com/projects/380954-sou-fujimoto-architects-coldefy-courthouse-of-lille> (consultado a 20/11/2021)

<https://pt.parisinfo.com/destino-paris/areas-verdes> (consultado a 20/11/2021)

<http://www.tschumi.com/projects/3/> (consultado a 20/11/2021)

<https://omrania.com/inspiration/parc-de-la-villette-launched-new-era-urban-park-design/> (consultado a 20/11/2021)

<https://socks-studio.com/img/blog/folies-lavillette-03.jpg> (consultado a 20/11/2021)

<https://www.3ammagazine.com/3am/cities-in-the-sky-re-evaluating-yona-friedman/yona-friedman-ville-spatiale/>

<http://www.yonafriedman.nl/> (consultado a 20/11/2021)

[https://bndigital.bn.gov.br/wp-content/uploads/2014/10/icon67439\\_81.jpg](https://bndigital.bn.gov.br/wp-content/uploads/2014/10/icon67439_81.jpg) (consultado a 20/11/2021)

<https://direct.mit.edu/grey/article-abstract/doi/10.1162/grey.2006.1.23.6/10474/Nostalgia-for-Ruins?redirectedFrom=fulltext> (consultado a 20/11/2021)

<https://www.theguardian.com/books/2019/mar/28/what-not-rose-macaulay-review>. (consultado a 20/11/2021)

[http://www.ledesertderetz.fr/images/com\\_droppics/60/V5D1023.jpg](http://www.ledesertderetz.fr/images/com_droppics/60/V5D1023.jpg) (consultado a 20/11/2021)

<https://www.britannica.com/biography/Rose-Macaulay> (consultado a 20/11/2021)

<http://www.museumachadocastro.gov.pt/Data/ContentImages/Museomania/dia%20de%20hoje/foto2.jpg> (consultado a 20/11/2021)

[http://www.yonafriedman.nl/?page\\_id=225](http://www.yonafriedman.nl/?page_id=225) (consultado a 20/11/2021)

<https://www.archdaily.com/781065/interview-with-yona-friedman-imagine-having-improvised-volumes-floating-in-space-like-balloons>

<https://mcescher.com/> (consultado a 20/11/2021)

<https://mcescher.com/gallery/impossible-constructions> (consultado a 20/11/2021)

<https://associacaobarreiropratrimonio.pt/2020/04/11/alburrica-ponta-do-mexilhoeiro-quinta-do-braamcamp/> (consultado a 20/11/2021)

<https://www.cm-barreiro.pt/conhecer/patrimonio-historico-cultural-e-equipamentos/patrimonio-religioso/igreja-de-nossa-senhora-do-rosario> (consultado a 20/11/2021)



## **ANEXOS**

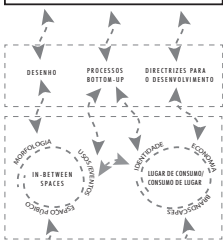
# ANEXO A: PAINEL DO PROJECTO

iscte INSTITUTO  
**LabTUR** ARQ - E3  
 2020/2021  
 Laboratório de Ensaio de Metodologias  
 de Intervenção na Cidade Existente

Duarte Manuel Onofre Reis Orientadora: Alexandra Paio

## UM BARREIRO DE TODOS, PARA TODOS! A CIDADE COMO ESPAÇO DE MEDIAÇÃO: O BARREIRO RELIGADO

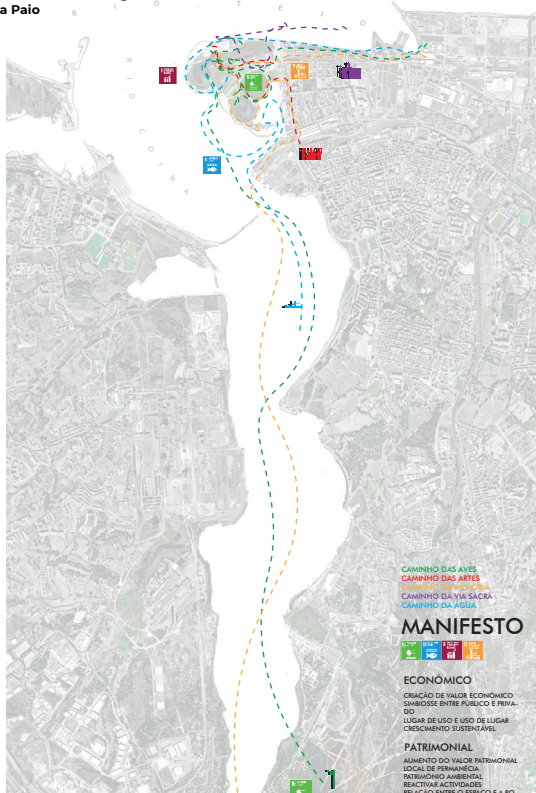
### ARQUITETO COMO AGENTE MEDIADOR



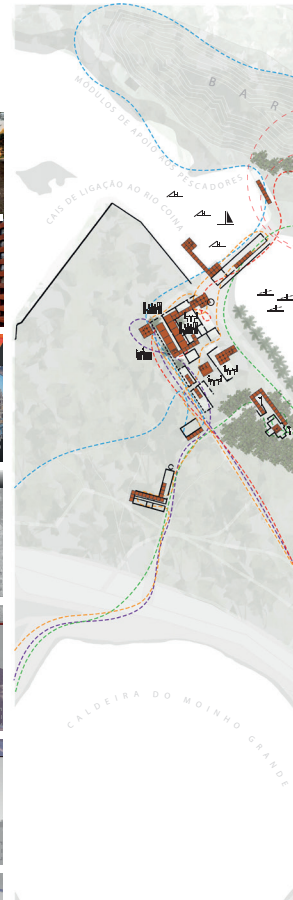
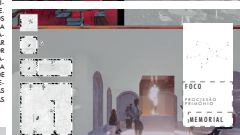
A a/b B

A RUÍNAS  
 B MÓDULOS

RUÍNAS  
 MÓDULOS



O PROJECTO ANALISA E DESENHA UMA PROPOSTA PARA A QUINTA DO BRAAMCAMP SOB O CONCEITO DE OBSERVATÓRIO NA SUA FORMA ALARGADA, DE MODO A CRIAR UM ESPAÇO RESILIENTE E CAPAZ DE ATIVAR O TERRITÓRIO DESENVOLVENDO O SEU INTERIORE, REFORÇANDO O VALE DO COANA. O OBJETIVO CENTRAL É FORTALECER A IDENTIDADE DO TERRITÓRIO ATRAVÉS DE UMA PROPOSTA BOTTOM-UP QUE RELEGE O PAPEL DOS PROCESSOS PARTICIPATIVOS E URBANIZADÓRIOS DETERMINADOS PARA OBTENIR UMA VISÃO DA POPULAÇÃO E INSTITUIÇÕES LOCAIS. O PROJECTO ARQUITETÓNICO É SUPLICADO POR UM ENBASEAMENTO TÉCNICO REFERENTE A CONCEITOS COMO: MODULARIDADE, RUÍNA, ESPAÇO PÚBLICO, E MEDIAÇÃO. ONDE JAM GEREI, SOU FUMOTO, YONAH FRIEDMAN, ADO VAN EYCK, E FRANCESI SÃO ESSENCIAIS AO PROCESSO.







## **ANEXO B: TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA AO ARQUITECTO NUNO LOURENÇO (ATELIER RSCO)**

**Duarte Reis** - Antes de mais, obrigado pela disponibilidade de nos estar aqui a atender.

Estas perguntas são mais direcionadas para a questão do Barreiro e do território do Barreiro, mas se, entretanto, quiser fazer algum aparte, mais geral, também não tem problema nenhum. A ideia também é dar alguma liberdade para intervir quando quiser. Isto não é estanque.

A primeira pergunta é precisamente quais os pontos chave da estrutura ecológica do Barreiro. Vocês fizeram o projeto, por aquilo que vi na aula tinham muito essa componente do sistema ecológico... até pela questão da Vala Real. O que pretendo saber é de que modo esses pontos chave tiveram importância no projeto e que pontos chave eram esses?

**Arq. Nuno Lourenço** – Bem, a minha especialidade não é propriamente a ecologia, mas não há dúvida de que, como eu referi na aula, que tive no outro dia, que a questão da ecologia no sentido técnico da estrutura ecológica urbana, que é um conceito que se usa hoje em dia, na disciplina de urbanismo em geral, e no ordenamento do território, é uma questão fundamental e é uma questão que pode ser, e deve ser, abordada em diversas escalas, quer em escalas grandes, regionais e até à escala global. Hoje em dia, como sabem, é uma questão muito crítica a questão do sistema ecológico. Quer nas escalas mais circunscritas, nos municípios, nos planos regionais de ordenamento do território, quer nos planos diretores municipais, quer depois nos planos de urbanização ou de pormenor, quer depois mesmo à escala do edifício e da pequena obra de arquitetura. Claro que com as diferentes escalas as preocupações são diversas. Têm grau de definição diferente. Normalmente a estrutura ecológica preocupa-se essencialmente com os sistemas naturais, grosso modo com a circulação do ar e da água, circulação da matéria orgânica, e a presença de ecossistemas que permitam também a melhoria da qualidade do ar, a melhoria das condições microclimáticas, a melhoria em suma da sustentabilidade do território quer à escala local quer à escala global.

No que diz respeito à circulação do ar e da água, nós temos sempre muita atenção às questões básicas que são as linhas de água. Que se virem bem, determinam, se virmos à grande escala, à escala de milhões de anos, determinam a morfologia do território. O escoamento das águas é que faz os rios e as linhas de água, o que faz os vales e o que faz os montes por oposição aos vales, e isso tem a ver com as características geológicas dos territórios e são coisas contra as quais não se pode facilmente lutar. Claro que podemos fazer uma barragem, claro que podemos desviar um curso de água, mas é sempre uma solução muito difícil de executar e de sustentar a longo prazo e temos que ter sempre a noção que qualquer dessas intervenções vai ter impactos noutro lugar qualquer. Portanto a questão das linhas de água é fundamental para se perceber que se queremos evitar situações de risco, se queremos evitar cheias, se queremos evitar outro tipo de interrupções das cadeias dos sistemas naturais temos que as respeitar.

Hoje em dia existem ferramentas, legislação que diz que há uma faixa de respeito... muita dessa legislação é muito pouco ambiciosa em relação àquilo que se pode fazer. Portanto do

ponto de vista conceptual é importante que quem desenha, quem planeia entenda a importância disso no sistema territorial e que no fundo perceba que se se der a devida importância em termos espaciais a esses elementos, uma importância proporcional à sua relevância, isso depois tem outras vantagens do ponto de vista da proximidade e da utilização humana do território. Designadamente, se nós queremos fazer uma zona de recreio ativo e que possa ser utilizada para as pessoas poderem; passear; correr; fazer piqueniques ou simplesmente contemplar a natureza, não precisamos de a fazer num sítio que tem mais aptidão para a construção. O que eu quero dizer é que esses espaços pela sua natureza podem também ter, em simultâneo, aptidão para servirem de espaços urbanos. Espaços de utilização urbana. Ou seja, não existe uma contradição entre ser um sistema natural que temos que respeitar e ser um espaço que pode ter uma utilização profundamente urbana, no sentido da sua utilização diária pelas pessoas. Ele tem é que ser concebido e desenhado como tal, e com o respeito pelas suas características fundamentais. A não impermeabilização do solo; do respeito pela sua morfologia essencial; de delimitação das áreas que podem ser de uso mais intensivo, desportivo ou que até podem ter pavimentações ou campos de jogos, ou caminhos. E outras que não. Pelas suas inclinações; pela sua capacidade de resistência à erosão etc...etc... Isso já são questões do projeto que normalmente nesses espaços até não são feitos pelos projetos dos arquitetos, são feitos pelos arquitetos paisagistas. Mas é importante ter a noção da relevância desses espaços e do papel que podem desempenhar na estrutura urbana.

E como em tudo, não temos um olhar passivo em relação a essas coisas, no sentido em que muitas vezes os arquitetos têm um olhar passivo em relação por exemplo às infraestruturas, ou ao desenho de uns arruamentos de um loteamento. Às vezes parece que ficamos naquela posição de... “Os engenheiros, vi-os desenharem para aqui uns arruamentos...onde é que é o lote para fazer o edifício?”. E a qualidade da cidade e dos espaços urbanos não depende só de ter lá uns edifícios muito bem desenhados por uns arquitetos que são muito bons a desenhar edifícios bem desenhados. Depende de uma série de outros fatores que são os fatores que estamos aqui a discutir.

Portanto, voltando áquilo que estávamos a dizer. Esses elementos da estrutura ecológica são importantes nessa escala urbana, e depois à medida que nos vamos aproximando de escalas mais próximas do edifício a intervenção do arquiteto no edificado são fatores que também são importantes na medida em que há uma série de outros elementos nas cidades que são os pequenos jardins; os logradouros dos quarteirões; os cemitérios etc... etc... as próprias que às vezes são placas centrais de avenidas ou são espaços de enquadramento ou acompanhamento da rede viária, ou são passeios marginais ao rio , ao mar, seja o que for.

São todos esses elementos que compõem um puzzle. São elementos em relação aos quais temos de encontrar possibilidades de relações ou de continuidades, e de tentar também encontrar processos defensivos. Por exemplo, no interior dos quarteirões normalmente há uma pressão enorme para os impermeabilizar. Portanto, nas ferramentas de ordenamento do território é importante haver regras, mecanismos que defendam a permeabilidade do solo nos quarteirões, se não as lojas vão entrar; as piscinas vão entrar; os pavimentos vão entrar por ali dentro. E, portanto, não havendo regras bastante fortes, aquilo acaba tudo por ser impermeabilizado. Quando é para ser impermeabilizado, então que seja, são garagens e áreas todas impermeabilizadas, mas faz sentido às vezes concentrar essa impermeabilização em

certos sítios para permitir que depois noutros locais se possa defender melhor essa permeabilidade do solo.

Pois em relação à circulação do ar, passa-se um bocado a mesma coisa. Nós podemos talvez estranhar que uma rodovia, um pavimento rodoviário faça parte de uma estrutura ecológica. Ou que um corredor ferroviário possa fazer parte da estrutura ecológica. Mas ele faz efetivamente porque é um corredor de ventilação. E se associado a esse corredor de ventilação também houver um corredor arborizado isso pode ser um elemento bastante importante na esfera ecológica. Por isso é que por exemplo trabalhar com alamedas ou boulevards, que é uma tradição que vem do século XIX nos permite associar muitas das vezes o corredor de ventilação com a presença de arborização e da vegetação da cidade e muitas das vezes até pode estar associada a uma linha de água, que faz com que aquilo quase que se transforme naquilo que os paisagistas chamam uma galeria típica, que são galerias arborizadas e plantadas com espécies que se dão particularmente bem junto às linhas de água, que têm muito acesso a água.

Há casos desses, eu agora estou-me a lembrar de um em particular, no Porto, ali na zona da pasteleira, uma alameda que vem dar cá em baixo ao rio Douro, que é uma grande alameda, que é uma linha de água e que também é uma coisa rodoviária. Mas há outros casos como são por exemplo, não tão felizes, como é por exemplo a Av. De Ceuta.

A Av. De Ceuta é um vale em alcântara, aqui em Lisboa e é uma linha de água que recolhe águas de uma bacia enorme. Por isso é que há problemas de cheias em Alcântara, porque aquilo era um rio, a ribeira de Alcântara, e continua a ser, só que está todo enterrado lá num caneiro. À superfície temos uma avenida que está toda impermeabilizada, ou praticamente toda, tirando aquela placa central. Portanto aquilo evoluiu para um sistema que está muito próximo da congestão. Só para dar dois exemplos em que estas coisas funcionam.

Portanto resumindo nós tivemos que ter uma atenção, e procuramos tê-la em termos de estrutura ecológica, aos grandes sistemas, grandes corredores de circulação do ar; as linhas de água principais, o próprio Tejo, o próprio mar da palha, um espaço que não é linear, mas que é elemento principal na estrutura ecológica. E depois na escala mais urbana fomos usando aqueles corredores: O corredor ferroviário para fazer uma nova alameda; as frentes de água; as linhas marginais para construir corredores arborizados; acessos mais importantes de ligação à ponte etc. para criar novas alamedas de raiz que possam também ter esse papel de conectividade. E depois a uma escala mais do edifício e do quarteirão nessas regras de defender a realização de logradouros; o pequeno jardim à escala do bairro; o parque urbano à escala do Barreiro antigo. E procurar não só encontrar essas diversas escalas, mas interliga-las criando uma rede de continuidade entre elas... basicamente, é isso...

**Duarte Reis** – Ótimo. Aliás, está uma resposta tão boa que de certa forma acabou também por responder à pergunta dois, que era “De que modo o tecido urbano pré-existente no Barreiro pode incorporar a estrutura ecológica?”. E de facto pode haver essa estratégia dos logradouros, de ter legislação específica ou outras estratégias...

**Arq. Nuno Lourenço** – Pois, os elementos pré-existentes, ou os tecidos pré-existentes, normalmente porque são mais antigos, estão mais harmonizados com a estrutura ecológica, embora haja casos para tudo. Por exemplo a Baixa Pombalina é um caso de uma estrutura

urbana que está toda feita em cima de um esteiro de um rio toda em estacas, e, portanto, à partida e até pela sua própria geometria, pela maneira como foi violentamente imposta à cidade, até do ponto de vista social, económico etc... e político, é uma coisa completamente anti natura a Baixa Pombalina. Mas ela foi realizada num equilíbrio muito sábio e muito engenhoso entre o sistema natural e aquela malha porque tem uma zona relativamente plana, as relações com as colinas estão bem resolvidas e todos os edifícios estão em cima de estacas que, entretanto, os sistemas de esgotos e o sistema hídrico são funcionais. Portanto a partir do momento em que se começam a construir casas, em que se começam a construir edifícios ou estruturas bastardas etc. é que começa a haver problemas. Porque ele tem-se aguentado e aguenta-se nesse equilíbrio precário, mas muito firme ao mesmo tempo entre o edificado e a estrutura urbana e o sistema natural. Porque resulta da própria vontade da cidade se aproximar do rio, e de ocupar aquele espaço por causa da sua história, da sua relação com o rio para fins de trocas comerciais, navegação etc... etc. Assim como anteriormente tinha ocupado as colinas para estar longe do rio defendida dos piratas. Houve um período em que a cidade se quis aproximar e depois se quis renovar.

Esta conversa tem a ver com aquilo que eu estava a dizer há um bocado, que as pessoas antigas, pelo facto de terem sido feitos na época em que havia menos recursos técnicos, menos capacidade para incorporar grandes quantidades de energia na transformação e construção das cidades, normalmente serem coisas mais harmoniosas em relação à natureza. Mas em relação a muitos critérios que nós usamos hoje. não o são necessariamente. Inclusive do ponto de vista cultural, houve e continua a haver, uma certa resistência cultural à ideia de que a cidade histórica pode ser repovoada pelos espaços verdes, áreas replantadas etc. Eu lembro-me bem que quando se fez a reabilitação da Praça do Comércio, agora recentemente, portanto ela já tinha passado a ser um espaço de estacionamento para ser um espaço que depois teve uma reabilitação provisória. Depois veio aquela ideia do Manuel Salgado de cortar o trânsito na passagem da Praça do Comércio, depois não era em toda era só em parte. Portanto quando se chegou àquele consenso sobre a rede viária e se fez aquele projeto, depois veio a questão patrimonial. -Mas então isto é uma Praça Real? A tradição das Praças Reais é de que não têm árvores... deve ter árvores... não deve ter árvores. A posição dominante das pessoas do património e da história da arquitetura era de que não podia ter árvores, nem pensar, pois aquilo era uma coisa pura... de fachadismo iluminista... e que, portanto, com o Rei ao centro aquilo tinha que ser uma coisa mineral. E há muito essa ideia de que numa cidade mediterrânica os espaços urbanos são espaços principais... uns espaços minerais. Que essa coisa de ter natureza no meio das cidades é lá para cima para o norte da Europa. Que eles gostam de misturar a cidade com o campo, mas isso não é connosco. Ou pelo menos não é a tradição da cidade histórica mediterrânica. Em contrapartida a esta posição também houve, em certos momentos da História aqui uma certa adesão às ideias modernas, da cidade jardim mais do que havia às ideias de Corbusier, estamos aqui em Lisboa (Alvalade) num bairro feito à imagem da cidade jardim, quarteirões que não têm continuidade de prédios, que deixam um espaço entre eles, que reservam parcelas e talhões para agricultura urbana para cada um ter a sua horta, portanto há um bocado esta ideia de que se pode ter a cidade e o campo em doses equilibradas que se pode ter uma vida urbana mas não esteja totalmente alheada dos ciclos naturais. Quer do ponto de vista da saúde, quer do ponto de vista da própria produção dos alimentos.

Portanto também é uma ideia que foi muito importante, na segunda metade do século XX e que recentemente voltou em força, mas é uma ideia consensual, com o grande crescimento das cidades, com o aumento da população urbana, com as crises energéticas e alimentares, que já hesitem e que vão ser provavelmente cada vez piores, é absolutamente essencial ter agricultura no meio urbano. Se não tivermos agricultura no meio urbano estamos ... mortos, sobre muitas formas. Isso contribui também para que os sistemas naturais perdurem e permaneçam em funcionamento o que permite reduzir a energia e o carbono libertado pelos transportes. Permite que as pessoas tenham atividades que tem grande impacto na sua saúde, que são recreativas, que são importantes para combater a ociosidade e a depressão etc. etc. Portanto há também uma corrente muito importante de revalorização desta ideia da cidade jardim, já noutra contexto, noutra modelo, mas que de facto é hoje muito dominante. Mas para não me afastar muito da ideia principal. As cidades históricas têm um bocado estas dificuldades todas, Têm a sua matriz original, têm a maneira como foi evoluindo e como se foi transformando, e têm ideias que estão por detrás disto, a resistência à mudança de certas coisas, porque às vezes se considera que faz parte da sua identidade. Mas não quer dizer que não seja possível altera-las. Por exemplo, houve a dada altura, penso que pelos anos 80 o plano de Barcelona, e aqui em Lisboa, neste PDM, também existe um plano. Existe a ideia de que os logradouros que foram ocupados nos últimos 100 anos, por lojas e garagens e armazéns e não sei o quê, de criar incentivos para retirar essas coisas, para que os particulares possam retirar essas coisas e ganharem logradouros, que possam ser outra vez logradouros com solo permeável e plantável. Ou seja, é possível certas evoluções que se consideravam inevitáveis ou normais, possam ser revertidas e alteradas dando certo tipo de incentivos.

Nós estamos agora a fazer um projeto, está em construção, aqui no Saldanha, que é um caso desses, em que o logradouro estava todo ocupado com fábricas e não sei o quê, e nós propusemos a demolição dessas fábricas para libertar o logradouro e reconverter o edifício para habitação reconstruindo alguma da área de construção que estava no logradouro, noutra localização, mas ainda assim reduzindo um bocado a edificabilidade mas não muito. Porque o próprio PDM permite essa valorização, incentiva essa valorização.

Portanto, resumindo em relação à sua questão de como é que a cidade antiga pode incorporar ou interligar-se... Onde eu queria chegar é que normalmente pela sua dimensão a cidade histórica é uma área mais circunscrita, e muitas das vezes com as zonas novas e as zonas de expansão, é possível por um lado, compensar certos aspetos. Por outro lado, não comprometer aquilo que historicamente do ponto de vista ecológico alimenta as cenas históricas. Porque o grande problema da expansão das cidades, a partir do séc. XIX houve grandes malhas de expansão da cidade portuguesa, da cidade industrial etc. etc. em que a dada altura não se aperceberam que aqueles núcleos antigos para sobreviverem, para funcionarem precisavam de uma série de fatores... Que dependiam de uma série de fatores na sua envolvente. E essa dependência foi sendo progressivamente substituída por força de sistemas logísticos, de transporte rodoviário; ferroviário; armazenamento etc. etc. foram sendo substituídos por recursos que estão cada vez mais longe. Mas depois há certo tipo de recursos, que é o ar que respiramos, ou a humidade e a temperatura dos locais onde circulamos, a sombra, a presença de animais, a questão acústica etc. Que nós não podemos mandar vir de comboio ou de camião, como mandavam vir antigamente o gelo das montanhas quando não havia refrigeração elétrica. Portanto é esse equilíbrio que é preciso encontrar sabendo que como a

cidade histórica, em certos aspetos, pode ser moldada mas sempre foi transformada, a cidade como conceito e como realidade histórica, nunca foi uma realidade estática e imutável, sempre se transformou exterior e interiormente, e portanto ela é permeável mesmo respeitando a sua matriz histórica, a melhoramentos e a reformas que melhorem o seu desempenho ecológico, por um lado, e por outro lado, principalmente na sua envolvente de cidade histórica. Quando digo histórica é a cidade até ao séc. XVIII, porque hoje em dia a cidade do séc. XIX também já é cidade histórica. Nós usamos este termo, para simplificar porque é um termo que se refere àquela cidade que não queremos que mude muito. Esse conceito tem sido em si próprio também um bocado perverso, porque muitas das vezes as coisas mudam completamente, que é o que se viu agora em Lisboa, mudam completamente do dia para a noite. Mas as fachadas são as mesmas, mas depois a cidade não é a mesma... Não está lá o Sr. António da sapataria, nem está lá a pastelaria nem o restaurante, nem todas as pessoas que lá trabalhavam, nem o tribunal, nem táxis nem autocarros. Portanto um tipo vai hoje à baixa de Lisboa e vê o que aquilo é. É a mesma cidade?... Não é outra cidade, mas, no entanto, está completamente igual. Será que é assim tão importante que esteja completamente igual? Quer dizer... muda tudo, mudam as pessoas... É importante, por razões de resiliência e de memória, mas é preciso tomar atenção à transformação continua das coisas e aceitar que isso é um processo que pode ser moldado, para o bem e para o mal. Por exemplo eu acho que no caso do centro de Lisboa, do ponto de vista por exemplo do que aconteceu com as rendas e do processo que levou à reabilitação dos edifícios expulsando todos os negócios tradicionais em poucos anos e transformando aquilo tudo em hotéis e airbnb's acho que foi um desastre, acho que foi um desastre para a cidade. Pode-se argumentar que os prédios estão pintadinhos, bonitos, e tem caixilhos novos e não sei que mais. Que isso nunca aconteceria se não tivesse sido este processo, mas foi um desastre. A cidade morreu não quer dizer que não haja outras coisas boas que aconteceram...e não quer dizer que essas coisas não tivessem que acontecer, mas não tinham que acontecer em dois ou três anos, podiam acontecer em vinte, trinta ou quarenta anos. Lá está, mais uma vez a questão do tempo é muito diferente um processo de transformação acontecer assim de um momento para o outro, ou acontecer ao longo de uma geração. Normalmente quando é de um dia para o outro fazem-se muitas asneiras. Fazem-se mais asneiras do que quando as coisas são mais lentas e progressivas.

Portanto é isso... para responder a essa pergunta já ando aqui a dar a volta ao mundo porque é uma questão eterna, como é que as várias idades da cidade, as várias áreas de crescimento, as várias épocas convivem umas com as outras, isso é o grane fascínio da cidade, quer no que diz respeito à estrutura ecológica quer no que diz respeito ao património construído, quer no que diz respeito à própria mobilidade, à maneira como as pessoas se identificam e se cruzam em determinados bairros ou zonas. A cidade é fascinante por causa disso, por causa da diversidade, inclusivamente de malhas e de processos de transformação. Inclusivamente algumas são contemporâneas, na mesma época estão-se a fazer coisas diferentes, por intervenientes e por iniciativas diferentes, em Lisboa por exemplo aqui há tempos escrevi um texto sobre isto, Os Olivais e Benfica fizeram-se na mesma altura. Só que os Olivais é um processo conduzido pela Administração Central, com equipas de arquitetos que queriam resolver o problema da habitação, que era um problema colocado como prioridade política e que tinha as suas implicações políticas e económicas. E Benfica foi um processo de construção da cidade pela iniciativa privada, portanto na propriedade existente e na rede viária existente,

e no fracionamento, através de operações de loteamento, destinadas a obter rendimento mais imediato etc. etc... e hoje em dia muita gente está a preferir viver em Benfica em vez de viver nos Olivais e os dois tipos de cidade tem vantagens e desvantagens e qualidades e defeitos. Mas pronto, mais uma vez é isso que é fascinante na cidade, essa diversidade, esse pluralismo de processos e de iniciativas... e de formas, esse mosaico é possível e é crucial conseguir criar continuidades entre essas coisas diferentes, não criar muros... aqui temos uma quadricula ali temos a cidade histórica e aqui há uma fronteira. Essas zonas de fronteira e de transição às vezes são zonas até mais interessantes do que as zonas que são consideradas mais puras, e são zonas que também têm essa função de estabelecer a continuidade e a interação. E aí, às vezes, a própria estrutura ecológica pode ter um papel importante. Por exemplo aqui no caso do Barreiro, para concluir, aquele parque urbano que nós estamos a propor ali entre o bairro de Sta. Bárbara que já está dentro da zona industrial e o núcleo histórico do Barreiro é isso, é fazer a transição para a zona industrial com um elemento muito importante da estrutura ecológica, mas que também é um elemento importantíssimo para a vida urbana do Barreiro porque não há nenhum parque urbano com dimensão e digno desse nome, ali. Portanto, no fundo isto que eu estava a dizer, nas franjas, nas zonas de transição se fazer a continuidade e, neste caso até fazê-la com a estrutura ecológica e recorrer ao património arquitetónico que está ali no bairro também, como uma ancora. É no fundo o coroar um bocado desta ideia.

**Duarte Reis** – Perfeito... aliás, tal como na pergunta anterior, nesta também acabou por responder um bocadinho à terceira, que seria... – Como articular um novo projeto urbano com uma zona consolidada? – de certa forma já está em parte respondida. Esta pergunta surgiu da atenção que vocês tiveram em não cingir o vosso projeto à zona da Quimiparque, que é a zona da CUF e então estender o projeto por partes do Barreiro, como a parte do terminal dos barcos por exemplo. E então é isso, é sobre essa articulação sobre a maneira como foi cerzido o novo projeto com o pré-existente, não é? Se houve algumas diretrizes, alguns pontos chave, como foi o processo de decisão?

**Arq. Nuno Lourenço** – Pois, quer dizer. O que eu estava aqui a dizer, na resposta anterior, é uma questão eterna, não é? Da arquitetura, aliá s já havia aquela frase famosa do Sullivan, aquele arquiteto americano que era professor do Frank Lloyd Wright, não sei se vocês já ouviram falar nessa expressão, que ele dizia ao Frank Lloyd Wright, quando era professor dele... A expressão em ingles era, - *“Take care of the terminals because the rest will take care of itself”* - Ou seja, *“terminals”*, no sentido dos remates, das situações de conclusão ou de ligação ou das articulações. E de facto, quando nós projetamos um edifício, quando fazemos um projeto de arquitetura, com alguma experiência percebemos que é exatamente isso. Quer dizer, há zonas onde a coisa se repete e é tranquila e depois onde ela se encontra com algo diferente, onde tem que mudar é que está o osso duro de roer, em termos de desenho e de projeto. Nós dedicamos muito mais tempo por m<sup>2</sup> ou por cm<sup>2</sup> se estivermos a desenhar uma obra ou um espaço interior, às zonas de transição e de remate do que às zonas que são zonas de extensão e de repetição que se resolvem naturalmente por si, não é? Portanto, estabelece-se uma regra e a regra repete-se, pode ser uma regra mais ou menos complexa, mais ou menos rica, mas ela repete-se. Por exemplo isso vê-se muito bem nos projetos de reabilitação. Projetos de reabilitação de edifícios são um inferno, porque temos que estar sistematicamente a aferir entre a intenção do novo e o existente. E, portanto, praticamente tudo são remates, tudo são... são... sucessões especiais, de



ligar com esta janela com aquela coisa, e aqui mudamos, mas no piso de cima já não mudamos e, portanto, há uma impossibilidade quase de criar regras, de soluções que se repetem.

Na cidade também é um bocado a mesma coisa, ou seja, a malha estende-se, a regra estende-se, e depois quando há um acidente orográfico, quando há uma coisa pré-existente, ou quando mudam as ideias, ou quando acaba o dinheiro e depois é preciso retomar a seguir, é que estão os problemas de desenho. Evidentemente que cada caso é um caso e isto que eu estou a dizer não é uma regra universal, porque também há muitas malhas onde dentro das próprias malhas há problemas complexos e remates etc. mas daí a nossa ideia de estendermos um bocadinho o limite do plano de urbanização àquela zona do Lavradio, a uma zona um bocadinho a sul da via férrea e até à zona histórica do Barreiro e ao terminal fluvial para podermos precisamente fazer esses remates, trabalhar esses remates. Perceber como é que as coisas novas que nós estávamos a propor se iriam articular depois mais em detalhe, com esses bairros e essas zonas em que não íamos intervir, não é? Eu acho que isso é um princípio geral que é sempre bom ter em atenção. E lá está, quando você diz... “Como é que se resolve isso?” Resolve-se isso desenhando, caso a caso. Ou seja, prestando uma atenção especial às margens, não é?... Aos remates, podíamos agora pegar no desenho e olhemos caso a caso, mas se for lá ver verifica que há tentativas sempre de estabelecer continuidades viárias, continuidade de percursos pedonais, continuidade quando possível de espaços verdes, ou usar os espaços verdes ou da estrutura ecológica para resolver esses remates, fazer pontes por cima da via férrea, ou fazer passagens por debaixo da futura via férrea. Todos esses elementos são essenciais para depois se garantir que existe a tal continuidade entre coisas diferentes. Ou seja, prestar atenção às franjas, às zonas onde as malhas e os troços de cidade “colidem,” ou se encontram, que é o nosso objetivo, que eles se encontrem, e que umas continuem as outras.

**Duarte Reis** – Acho que respondeu na perfeição... Sendo assim vou terminar a gravação.

## ANEXO C: DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO

iscte INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

**Lab**

**TUR** ARQ - E3  
2020/2021

Laboratório de Ensaio de Metodologias  
de Intervenção na Cidade Existente

**Mestrado Integrado em Arquitetura  
Projeto Final de Arquitetura, 5º ano**

### Declaração de compromisso

Eu, Manoel Lourenço, declaro para os devidos efeitos autorizar por minha livre, específica e informada vontade, o tratamento da respetiva informação e os dados pessoais, inerentemente a esta associados, resultantes da entrevista realizada no dia 9 de Novembro de 2020 por Duarte Manuel Onofre Reis, para a investigação no âmbito do Projeto Final de Arquitetura, 5ºano do Mestrado Integrado em Arquitetura, apenas para os fins anteriormente indicados e durante o período estritamente necessário à prossecução dessas mesmas finalidades.

LX 09, de Novembro de 2020

Assinatura

Manoel Lourenço

## **ANEXO D: TIMELINES**

Timeline inicial:

[https://cdn.knightlab.com/libs/timeline3/latest/embed/index.html?source=180nwC09PWAopQ0qSUUTK\\_A3U3wEmrAY9z\\_bvy5E6SEQ&font=Default&lang=en&initial\\_zoom=2&height=650](https://cdn.knightlab.com/libs/timeline3/latest/embed/index.html?source=180nwC09PWAopQ0qSUUTK_A3U3wEmrAY9z_bvy5E6SEQ&font=Default&lang=en&initial_zoom=2&height=650)

Timeline da fase de grupo: [https://prezi.com/fntc9m1atboc/barreiro\\_quinta-da-braacamp/?present=1](https://prezi.com/fntc9m1atboc/barreiro_quinta-da-braacamp/?present=1)

Timeline final: (Próximas páginas)

1720-1778 | GIOVANNI BATTISTA PIRANESI

○ valor da ruína e a repetição infinita

1923 | MARTIN BUBER - ICH UND DU

"...What has already been said of love is even more unshakably valid here. Feelings are a mere accompaniment to the metaphysical and metaphysical fact of the relation, which is fulfilled not in the soul but between I and Thou"

(I and Thou, tradução de Ronald Gregor Smith, Edinburgh: T. & T. Clark, 1937, p81)

1957 | INTERNACIONAL SITUACIONISTA

Raul Vaneigem e Guy Debord

1960 | KEVIN LYNCH - IMAGE OF THE CITY

"If art and audience grow together, then our cities will be a source of daily enjoyment to millions of their inhabitants" (Image of the City, Cap.5)

1960 | ALDO VAN EYCK

There is only one reality between real persons – what Buber call 'the real third'. [...]

The real third is a real dialog, a real embrace, a real duel between real people.

Buber then goes on to state – and this is his crucial point – that the real third is not something that happens to one person or another person separately and a neutral world containing all things, but something that happens in a dimension only accessible to both. The in-between acquiring form. (Collected Articles and Other Writings, 1960, p.471)

1962 | FERNANDO TÁVORA - DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

"...O espaço é condicionado e condicionante"

1968 | HENRI LEFEBVRE - LE DROIT À LA VILLE

○ núcleo urbano torna-se, assim, produto de consumo de uma alta qualidade para estrangeiros, turistas, pessoas oriundas da periferia, suburbanos. Sobrevive graças a este duplo papel: lugar de consumo e consumo do lugar. (O Direito à Cidade, Ceuntaura Editora, 2011, p20)

1971 | JAN GEHL - LIFE BETWEEN BUILDINGS

"Life between buildings is a self-reinforcing process. When someone starts to do something, there is a tendency for someone else to join... This way people and events influence each other mutually" (Jan Gehl, Life Between Buildings, IslandPress, 2011, p73)

2006 | YONA FRIEDMAN - PRO DOMO

"An architect does not create a city, only an accumulation of objects. It is the inhabitant who 'invents' the city; an uninhabited city, even if new, is only a 'ruin'." (Yona Friedman, The Architecture of the City, 1965, p10)

1819 | CONSTRUÇÃO DO MOINHO DO BARÃO DO SOBRAL

"O engenho constituiu uma novidade, tanto ao nível da sua tecnologia de produção como da sua arquitectura. Tratava-se de um moinho de vento "que não tem semelhante neste reino, e que talvez não haja nas outras nações." - (www.associacaobarreirapatrimonio.pt, 10-04-21)

1886 | OCUPAÇÃO DA QUINTA BRAAMCAMP

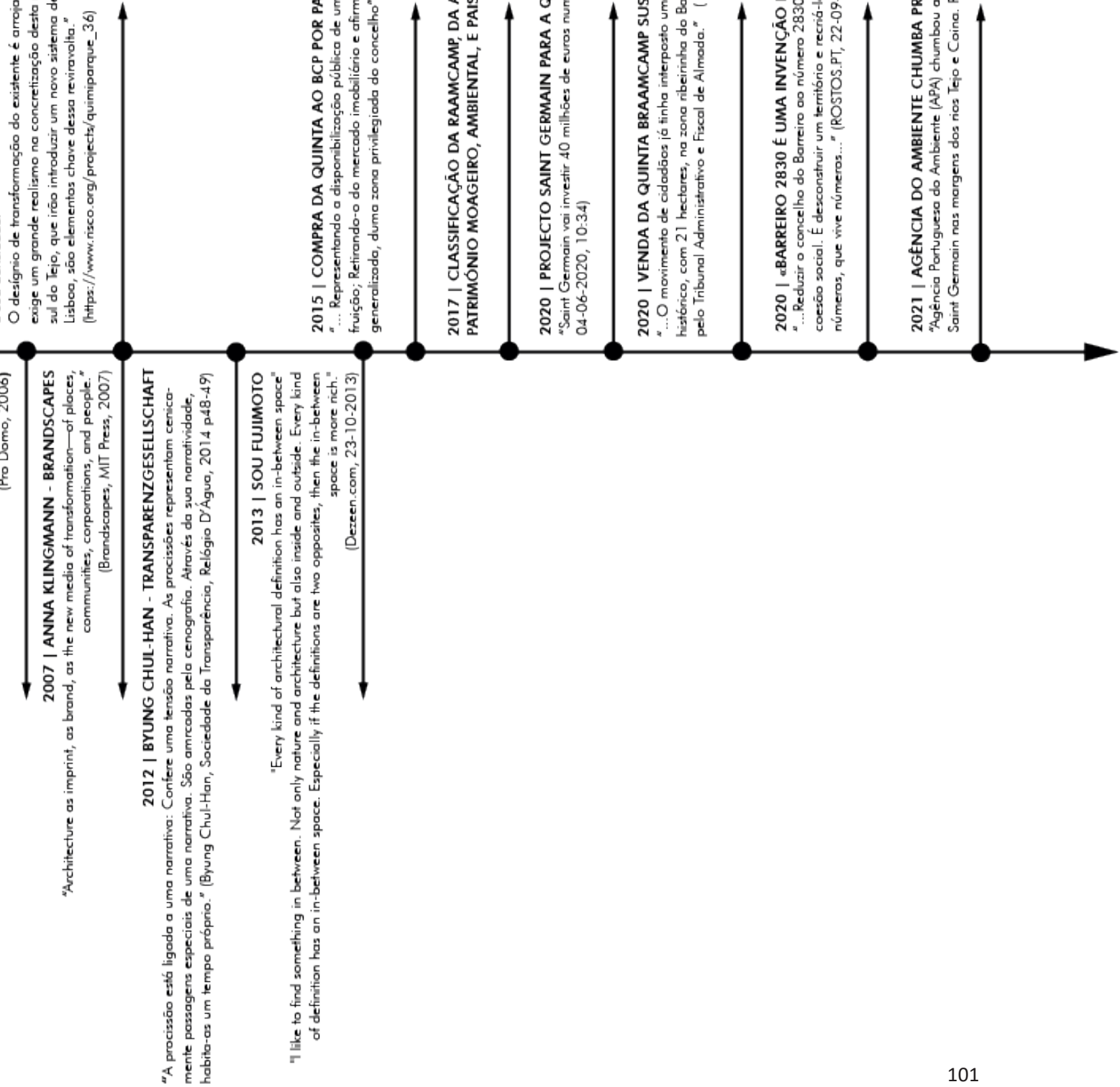
fabrico de cortiça a partir de com as instalações fabris a ocupar o lado norte da caldeira do moinho de maré da Quinta, enquanto a antiga casa apalaçada - (www.associacaobarreirapatrimonio.pt 10-04-21)

1950 | PLANO DE URBANIZAÇÃO DA BRAAMCAMP

Criação do plano de urbanização da Braamcamp como extensão do directa Barreiro

2007 | ATELIER RISCO - PLANO DE URBANIZAÇÃO DA QUIMPARQUE

"...A proposta apresenta um sistema de espaços públicos forte que é a assinatura da cidade nova mas também da cidade existente, no qual escasseiam os corredores e espaços urbanos de escala apropriada à sua densidade."



## ANEXO E: IMAGENS 3D









A Cidade como Espaço de Mediação

